

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Rosângela Corrêa Alves

**Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914):  
registros dispersos e múltiplas etnias**

Porto Alegre

2022

**Rosângela Corrêa Alves**

**Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914):  
registros dispersos e múltiplas etnias**

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Weber

Porto Alegre

2022

**Rosângela Corrêa Alves**

**Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914):  
registros dispersos e múltiplas etnias**

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Porto Alegre, 6 de outubro de 2022.

Resultado: Aprovada - Conceito “A”

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Fábio Kuhn (UFRGS)

---

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS-ap.)

---

Profa. Dra. Regina Weber (UFRGS- orientadora)

Porto Alegre

2022

## AGRADECIMENTOS

*All we need is love,  
All we need is love,  
All we need is love, love,  
Love is all we need  
(John Lennon/Paul Mc Cartney)*

Amor à vida e aos outros. Tudo que precisamos num mundo conturbado por extremismos, violências e epidemias. Amar e agradecer. Agradecer a vida, a natureza, os seres que nos cercam e nos ajudam na caminhada para nos tornarmos uma pessoa melhor.

Agradeço à minha família: Fábio, Júlia e Rodrigo, suporte e apoio em todas as horas. Agradeço as rezas de minha mãe, que nos criou com muito amor. Ao meu querido irmão Luiz Carlos, que viajou comigo à Campina das Missões para conhecer de perto um dos locais onde os imigrantes russos se estabeleceram. Obrigada à minha irmã, Rosemeri que, com e por amor, me chamava a atenção para a vida além de um trabalho de conclusão.

Agradeço mais uma vez à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por abrir suas portas para eu realizar um sonho de adolescência: estudar História, esse campo do conhecimento humano extremamente apaixonante. Obrigada Mariangela T. A. Martins pela supervisão do estágio no Núcleo de Pesquisa em História. Obrigada à equipe do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul que me recebeu em muitas tardes congelantes. Agradeço também à Cláudia, funcionária da PUC, que, em um momento em que a biblioteca estava fechada ao público, conseguiu um livro para eu dar início à pesquisa.

Agradeço à professora Regina Weber, minha orientadora no estágio e no trabalho de conclusão e aos ilustres professores Fábio Kuhn e René Gertz por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Por último, quero agradecer ao sr. Jacinto Anatólio Zabolotsky, cujos antepassados vieram da Sibéria e, que me recebeu de portas abertas em sua casa em Campina das Missões. Através de seu trabalho para manter a memória e as tradições dos imigrantes russos no Estado do Rio Grande do Sul é que foi possível iniciar minha pesquisa em plena pandemia. Спасибо!

## RESUMO

Este trabalho, em um primeiro momento, identifica registros da imigração russa para o Estado do Rio Grande do Sul no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX. Para tal, utiliza-se de fontes referentes à Diretoria de Terras e Colonização e à Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas, assim como das memórias de imigrantes e descendentes presentes em depoimentos colhidos e disponibilizados por modalidades de produção do conhecimento que se enquadram no que se passou a chamar de história pública. Partindo do conceito de etnicidade e da identificação historiográfica dos imigrantes em categorias de “russos étnicos” ou “russos periféricos”, busca-se entender a presença dos mesmos na formação das colônias e na participação da sociedade riograndense.

**Palavras chave:** imigração russa, Rio Grande do Sul, etnicidade, memória, Campina das Missões.

## РЕЗЮМЕ

В этой работе сначала выявляются записи русской эмиграции в штат Риу-Гранди-ду-Сул в период с конца 19 века до начала 20 века. С этой целью он использует источники, относящиеся к Управлению земельных ресурсов и колонизации и государственному секретарю по делам общественных работ, а также к воспоминаниям иммигрантов и потомков, присутствующим в свидетельствах, собранных и представленных методами производства знаний, которые относятся к объем того, что стало называться публичной историей. Исходя из концепции этничности и историографической идентификации иммигрантов в категориях «этнические русские» или «периферийные русские», мы стремимся понять их присутствие в формировании колоний и в участии риогранденского общества.

**Ключевые слова:** русская иммиграция, Риу-Гранди-ду-Сул, этническая принадлежность, память, Кампина-дас-Миссойнс.

## LISTA DE SIGLAS

AHRS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
DPMAF	Departamento de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras
DTC	Diretoria de Terras e Colonização
JCA	Jewish Colonization Association
SIAN	Sistema de Informações do Arquivo Nacional
SOP	Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1. OS RUSSOS E O BRASIL .....	11
1.2. METODOLOGIA E FONTES .....	14
1.3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO RUSSA PARA O BRASIL .....	18
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO DA EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO .....</b>	<b>27</b>
2.1 EMIGRAÇÃO - IMPÉRIO RUSSO .....	27
2.2 IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL .....	32
<b>3. PUXANDO O FIO DA MEADA: REGISTROS DA PRESENÇA RUSSA NO RIO GRANDE DO SUL .....</b>	<b>41</b>
3.1 QUEM SÃO OS 400 RUSSOS DE SILVEIRA MARTINS?.....	44
3.2 ESPALHADOS NAS LEVAS DE 1890 A 1896.....	46
3.3 CONCENTRADOS NAS COLÔNIAS DO NOROESTE DE 1908 A 1914....	56
3.3.1 VIAGEM PARA O BRASIL.....	59
3.3.2 TRANSFERÊNCIA PARA O RIO GRANDE DO SUL/COLÔNIA.....	65
3.3.3 DISTRIBUIÇÃO DOS LOTES.....	66
3.3.4 CONDIÇÕES SANITÁRIAS.....	71
3.3.5 ATIVIDADES EXTRAS.....	76
3.3.6 PRODUÇÃO AGRÍCOLA.....	80
3.3.7 RELIGIÃO - IGREJA E CEMITÉRIO ORTODOXO .....	82
3.3.8 ESCOLAS E LÍNGUA RUSSA.....	88
3.3.9 DIVERSIDADE ÉTNICA.....	90
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO A - ENTRADA DE IMIGRANTES - IBGE 1948.....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO B - RELAÇÃO DE VAPORES .....</b>	<b>109</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*Fale de sua aldeia e estará falando do mundo (Leon Tolstói)*

Moscou, 24 de fevereiro de 2022, o presidente russo Vladimir Putin realiza um pronunciamento televisionado autorizando uma "operação militar na Ucrânia". Ele justifica sua ação como resposta a um pedido de ajuda das repúblicas ucranianas separatistas de Donetsk e Lugansk. Acusa a existência de movimentos “nazistas e genocidas” que estariam atuando com a conivência do governo ucraniano de Volodymyr Zelensky. Durante vários dias o mundo assiste através das múltiplas mídias a movimentação dos milhares de militares russos nas fronteiras da Ucrânia. Putin se posiciona contra a inclusão do país vizinho na OTAN e seu subsequente armamento, “colocando em risco a segurança da Rússia”. Enquanto anunciava a operação, iniciou a invasão e bombardeio. Imediatamente as redes sociais divulgaram imagens e depoimentos direto dos locais atingidos.<sup>1</sup>

O conflito segue e vai se configurando em mais uma página da história entre essas duas nações e seus reflexos pelo mundo. Uma história profundamente entrelaçada através dos tempos. A origem da Rússia se deu em Kiev, no século IX, quando outro Vladimir, o príncipe, mais tarde santo cristão, decidiu unificar o povo “russ”. Juntos e separados em diferentes momentos desde então até que, em 1991, a Ucrânia obteve sua independência, após a queda do muro de Berlim e o esfacelamento das repúblicas socialistas soviéticas. Além das mortes e destruição ocorridos nessa guerra do século XXI, milhões de ucranianos procuraram refúgio em países vizinhos, principalmente na Polônia. Enquanto isso, na Rússia, protestos contra a guerra são reprimidos com violência e prisões. Imagens são repetidamente visualizadas, compartilhadas, inseridas em toda parte do planeta.

Mas como isso afeta o Rio Grande do Sul? Uma guerra travada a quase doze mil quilômetros de distância, o que traz além dos sentimentos de indignação, solidariedade, empatia que se teria contra qualquer situação de violência e restrição de liberdade, onde quer que ela acontecesse? Descendentes de russos e ucranianos espalhados pelo Estado manifestam-se pela paz. Os russos fizeram parte dos muitos imigrantes que atenderam

---

<sup>1</sup>CNN  
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-na-ucrania-chega-ao-setimo-dia-veja-10-imagens-que-marcam-invasao-russa/> em 03/03/2022.

ao chamado do governo brasileiro (no Império e depois na República) para povoar as “terras vazias” do território nacional. Ao estudarmos as imigrações que ocorreram para o Rio Grande do Sul nos deparamos com uma série de teses, livros, artigos acadêmicos, temas de encontros anuais relacionados aos alemães e italianos. Esses, sem dúvida, vieram em maior número, porém não foram os únicos que deixaram sua cultura viva e até hoje presente nas terras gaúchas.

Dentro da diversidade étnica do Estado localizamos descendentes de imigrantes russos espalhados por várias cidades (Porto Alegre, Canoas, Santa Rosa, Getúlio Vargas, Barão do Cotegipe, Porto Xavier) e com uma expressiva representação em Campina das Missões. Em algumas situações no tempo presente, quando a Rússia aparece em foco na mídia nacional ou regional, essas comunidades são procuradas e de alguma forma contextualizam sua conexão com aquele país. Isso aconteceu no centenário da imigração russa ao Estado em 2009, quando foi produzido e exibido na TV regional o documentário *Nadieja* (2009), palavra russa que significa esperança; em 2018, durante a Copa Mundial de Futebol realizada na Rússia; e, acontece agora em 2022, no momento do conflito entre a Federação da Rússia e a Ucrânia. A herança cultural é ativada através da memória dos que migraram, assim como do patrimônio material e imaterial construído como representação da identidade étnica russa da região.

Campina das Missões, cidade localizada no Noroeste com cerca de 6.117 habitantes, é o local de maior concentração dos descendentes de russos no estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, vinte por cento da população da cidade são descendentes desse grupo. A Sociedade Cultural Russa Volga do Brasil foi fundada em 1989 e o Grupo de Danças Folclóricas Troyka em 1992. Ambas as instituições voltadas à preservação da cultura e da história dos imigrantes e descendentes se mantêm ativas e participantes de festivais de folclore nacionais e internacionais. Na cidade ainda está em funcionamento a primeira Igreja Ortodoxa Russa do Brasil, São João Evangelista, fundada em 1912 e até hoje mantida pelo Patriarcado de Moscou. Um padre russo é designado a atender as paróquias ortodoxas de Campina das Missões e Santa Rosa. Em frente à Igreja há um cemitério das famílias ortodoxas, onde a tumba mais antiga é de 1913, mais de 500 imigrantes estão enterrados lá. Numa praça da cidade há um monumento dedicado a São Vladimir, que batizou a Rússia e ao lado está o busto de Alexandre Zabczuk, mártir dos imigrantes. Zabczuk era professor e foi arrancado da sala de aula e torturado até a morte pela polícia em 1924, acusado de ser comunista. Um

dos resultados do esforço conjunto dos descendentes com a administração do município e do estado se deu com a lei estadual 13.156/2009 que estabeleceu o Dia da Etnia Russa e com o decreto lei estadual número 15.649 de 11/06/2021 que declarou o “Município de Campina das Missões Berço Estadual da Cultura Russa do Rio Grande do Sul”.

De acordo com os mapas estatísticos elaborados pela Diretoria de Terras e Colonização do Rio Grande do Sul, somente entre 1890 e 1914, entraram cerca de vinte e seis mil imigrantes russos no Estado. Alguns desses imigrantes deixaram suas marcas, principalmente na região noroeste. Seus descendentes mantêm uma conexão direta com suas origens através da memória, do folclore, da língua, da religião, da alimentação e de alguns costumes e mesmo da cultura material expressa em objetos e construções que fazem alusão à etnia russa. Unidos ou separados por conflitos, chegaram ao Rio Grande do Sul: agricultores atrás da promessa de terras; soldados brancos (czaristas) fugindo da revolução socialista; judeus fugindo dos *pogroms*; anarquistas; trabalhadores da indústria, médicos, engenheiros, comerciantes e empreendedores fugindo da segunda guerra e da ditadura de Stalin entre outros.

O objetivo deste trabalho foi pesquisar registros nos arquivos sobre quem foram os imigrantes russos que chegaram ao Estado no período entre 1890 e 1914, período de formação da Colônia Guarani, que deu origem à cidade de Campina das Missões. Procuramos saber por que vieram, o que os atraiu ao Estado ou os repeliu na origem. Como se deu sua chegada e estabelecimento, quais as condições que encontraram? Como se integraram ao ambiente e a sociedade no entorno, o que mantiveram de sua cultura?

Na falta de outros trabalhos acadêmicos realizados sobre o tema, entendemos que essa é uma pesquisa inicial, que, assim como aconteceu com estudos sobre imigrantes poloneses, enfrenta dificuldades para estabelecer quantidades, procedências e limites étnicos ao analisar imigrantes oriundos de um Império transnacional, multiétnico, multi religioso e que passou por um processo de russificação.<sup>2</sup> Em paralelo à organização destes conhecimentos, pretende-se dialogar com as interpretações existentes sobre imigração e, especificamente, sobre imigração russa em outros

---

<sup>2</sup> Russificação –A partir da morte do czar Alexandre II, seu filho e sucessor Alexandre III estabelece uma série de medidas para submeter as várias etnias e nacionalidades que constituíam o Império: língua russa torna-se obrigatória, proibição do ensino e publicações em outras línguas, a religião ortodoxa torna-se obrigatória; assim como o serviço militar; restrições de estudo e trabalho são direcionadas aos judeus e aos poloneses, etc. Montefiore (2016, p. 592); Bytsenko (2006, p. 28).

contextos. Considerando a situação lacunar das fontes, as respostas a estas questões também será parcial.

A apresentação deste trabalho foi organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, a introdução traz a motivação para essa pesquisa, o contexto das relações entre Rússia e Brasil, seguido da metodologia e fontes utilizadas, assim como uma revisão bibliográfica. No segundo capítulo estabelecemos o contexto em que o Império Multiétnico Russo se encontrava no momento das emigrações no final do século XIX, início do XX e, por outro lado, a situação no Estado do Rio Grande do Sul envolvendo a campanha de imigração e colonização. No terceiro capítulo apresentamos a pesquisa realizada nas fontes atrás dos registros da presença da etnia russa nas colônias, subdividida entre as alocações espalhadas pelo Estado entre 1890 e 1896 e as concentradas na região noroeste e Região Campina, realizadas ente 1908 e 1914. Sendo que essa última, dividimos em subcapítulos organizando informações da chegada e estabelecimento dos imigrantes: viagem da Europa ao Brasil, a estadia e transporte para as colônias; a distribuição dos lotes e construção das casas; a questão sanitária; o trabalho complementar; a educação; a religião e questões étnicas. Enquanto analisamos as fontes, vamos fazendo conexões com os depoimentos coletados em livros, documentários e reportagens sobre a presença russa no Estado. O último capítulo é dedicado às considerações finais.

## **1.1.OS RUSSOS E O BRASIL**

O primeiro contato conhecido entre russos e brasileiros ocorreu em 1803. Os navios russos *Nadiejda* e *Neva* faziam uma expedição de volta ao mundo, quando atracaram em alguns portos do Brasil. Langsdorff, um alemão naturalizado russo, era um dos vários cientistas que participaram da expedição, comandada por Ivan Fiodorovitch Kruzenstern. Em 1813, após uma estada em Portugal, onde aprendeu a língua portuguesa, o então Barão Langsdorff mudou-se para o Rio de Janeiro, assumindo o Consulado Geral da Rússia no Brasil. Em 1816, comprou uma fazenda e passou a receber cientistas, naturalistas e artistas interessados em conhecer o país. Ele organizou diversas expedições, que além de explorar a flora e fauna, dedicaram-se à etnografia e à pesquisa dos idiomas das tribos brasileiras. A grande expedição

Langsdorff a “Terra Brasilis” durou de 1818 a 1822, percorreu cerca de quinze mil quilômetros e foi custeada pelo czar Alexandre I da Rússia, que almejava estender os conhecimentos científicos assim como faziam as outras potências europeias. O barão reuniu cerca de trinta e nove pessoas para esse grande evento e entre eles estavam os pintores Johann Moritz Rugendas e Aimé-Adrien Taunay que deixaram inúmeras obras ilustrando a natureza e o povo brasileiro.<sup>3</sup>

Em 1828, em carta oficial a D. Pedro I, a Rússia reconheceu oficialmente a Independência do Brasil e a partir daí iniciou-se o comércio entre os dois países. Nesse primeiro momento, o Brasil enviava açúcar, café, cacau e madeiras e recebia principalmente ligas de ferro. Durante o século XIX o governo imperial brasileiro estimulou a vinda de europeus para o país. Uma política de imigração foi estabelecida e a historiografia associa a ela várias causas, sendo as principais: a necessidade de substituição da mão de obra escrava, conforme o processo de emancipação encaminhava-se ao fim; à ocupação de áreas consideradas “vazias”, fortalecendo áreas de fronteira; à formação de uma classe média na estrutura social brasileira, capaz de desenvolver a policultura e abastecer cidades em expansão e as grandes áreas de monocultura exportadora, como o Vale da Paraíba, produtor de café (Oberacker Jr apud Cunha, 2007, p.279-300).

Para realizar o programa de colonização foram contratados agentes no exterior responsáveis por fazer propaganda sobre o Brasil em várias cidades da Europa. Eles deveriam recrutar e transportar agricultores até as colônias que passaram a ser estabelecidas. Durante aquele século (XIX), os imigrantes chegaram ao Brasil, principalmente em função da promessa de posse de terras. A Europa passava por várias situações que influenciaram o processo migratório: 1) uma grande crise econômica; 2) países em unificação, como a Alemanha e a Itália; 3) países em conflito: como a Polônia, dividida sob o domínio dos Impérios Austro-Húngaro, Russo e Prussiano; 4) além do grande processo de industrialização, que automatizava atividades e fazia crescer a mão de obra sem trabalho e sem terra. Ainda durante o Império, em 1876, D. Pedro II visitou a Rússia, em caráter não oficial, conta-nos o historiador Ângelo

---

<sup>3</sup> Resumo das informações de CÂNDIDO, Luciana de Fátima. Expedição Langsdorff: a [re] construção do conhecimento através dos relatos de viagens. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Luciana Cândido é graduada em Letras (português/alemão) pela USP. Acesso ao site em 08/06/2018 às 14:20 hs: <https://www.bbm.usp.br/node/80> . Informações sobre esse primeiro contato também podem ser encontradas em Segrillo, Ângelo. Os russos. São Paulo: Contexto, 2015.

Segrillo. O imperador foi recebido pelo czar Alexandre II e pela Academia de Ciências da Rússia. Entre as curiosidades a respeito do monarca brasileiro é notório seu interesse pelas ciências, era também poliglota e o russo era uma das línguas que conhecia (Segrillo, 2015, p.259).

Após a Proclamação da República em 1889, o governo prosseguiu com a política de colonização com imigrantes europeus, sendo que houve momentos de imigração subsidiada e momentos de imigração espontânea. E, a partir de 1890 registra-se a presença de imigrantes russos nas colônias do Rio Grande do Sul. O anuário do IBGE de 1948 registra 108.021 imigrantes russos entrados no Brasil entre 1884 e 1945 (Anexo I). Sendo que somente entre 1907 e 1914, são 48.321 imigrantes classificados dentro dessa categoria.

Em reportagem de 2017, na celebração dos cem anos da Revolução Russa de 1917, a BBC Brasil apontava um milhão e oitocentos mil descendentes russos no Brasil!<sup>4</sup> Um número bastante elevado, contrastando com os valores informados por Segrillo que calcula em cerca de 200 mil russos ou descendentes diretos de russos no Brasil atualmente. (Segrillo, 2015, p.266). Este historiador, especialista em história contemporânea e história da Rússia, estabelece a imigração em quatro ondas: a primeira logo após a revolução de 1905, onde localizamos a vinda dos agricultores que estavam na Sibéria e que chegaram a Campina das Missões no Rio Grande do Sul, foco da pesquisa; a segunda, pós revolução de 1917, onde vieram os chamados russos brancos (contrários aos comunistas vermelhos), o autor aponta mais de 100.000 russos chegando especialmente em São Paulo; a terceira, que trouxe russos que estavam espalhados pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial, incluindo o grupo que estava na China e que fugiu da Revolução Comunista Chinesa de 1949 e; a quarta após a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, que escaparam da crise econômica na recém-criada Federação Russa (Segrillo, 2015, p.262-265).

As mudanças dos sistemas de governo, tanto no Brasil como na Rússia, interferiram no relacionamento de ambos os países durante suas histórias. Primeiro o Brasil virou uma república, enquanto a Rússia czarista ainda defendia sua monarquia. A

---

<sup>4</sup> André Bernardo redigiu a matéria Os russos que vieram para o Brasil fugindo da revolução comunista de 1917, publicada na BBC Brasil de 07 de novembro de 2017. Esse dado apresenta muito contraste com outros e o autor não comenta as fontes utilizadas para chegar a este número tão expressivo de descendentes. Necessita maior validação, mas está publicado na BBC Brasil. Já Ângelo Segrillo, que é historiador e professor na USP, aponta 200 mil russos no Brasil, mas também não indica a fonte desse dado.

partir de 1917, após a implantação do comunismo na Rússia, as relações estiveram rompidas. Na Segunda Guerra Mundial restabeleceu-se a conexão através do fato de ambos os países estarem no grupo de aliados contra a Alemanha nazista. Em 1947, o Brasil voltou a romper com o governo russo, na chamada Guerra Fria e houve perseguição aos comunistas no Brasil. Quando João Goulart assumiu em 1961, as relações foram retomadas e não mais rompidas. Segrillo(2015) aponta que mesmo durante a ditadura militar houve uma ampliação nas relações comerciais.

Em 1997, Fernando Henrique Cardoso e Boris Yeltsin criaram a Comissão Brasileira-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN), presidida pelo vice-presidente brasileiro e o primeiro-ministro russo. A partir dela, vários acordos foram firmados, projetos implantados em conjunto e, principalmente, o comércio entre os dois países deu um salto de bilhões de dólares (Segrillo, 2015, p.260). Um marco na área cultural foi a abertura de uma filial do Balé Bolshoi em Joinville, Santa Catarina, em 2000. Um projeto de inclusão social, onde praticamente todos os alunos estudam de graça, em um turno inverso à escola (Segrillo, 2015, p. 262).

## **1.2.METODOLOGIA E FONTES**

Esta pesquisa foi realizada fundamentalmente em documentos disponibilizados em arquivos históricos. A ausência de trabalhos acadêmicos sobre o foco específico, imigração russa, adicionou complexidade à busca de registros: por que período começar, por qual região, quem foi identificado como “russo” foram questões que obtiverem respostas diversas ao longo da pesquisa. Como suporte utilizamos registros memorialísticos e depoimentos encontrados em outras fontes, entrevistas tomadas na modalidade referenciada pela história oral. Alberti (2005, introdução) coloca a importância da história oral como forma de “estudar acontecimentos históricos à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam”. A autora também expõe a relação bidirecional que podemos estabelecer entre a história oral e os arquivos, observa que “às vezes pode acontecer da escolha do tema recair em determinada comunidade e em determinado período da história brasileira, sobre o qual nada se tenha escrito...” (Alberti,2005, p. 80) Esse foi o caso desta pesquisa. A partir desse entendimento, combinamos as histórias de vida registradas nos depoimentos de

imigrantes e descendentes de fontes secundárias com os registros encontrados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, doravante identificado pela sigla AHRS.

Através das informações da imigração na formação de Campina das Missões, encontradas naquilo que hoje é reconhecido como história pública, procuramos um “fio da meada” para relacioná-la às fontes em arquivos<sup>5</sup>. Os livros de Faermann (1990), Rodrigues (1986, 2000), Wonsowski (1976) e Zabolotsky (2007) foram algumas das fontes secundárias que utilizamos, além de documentários e reportagens em jornais e mídias regionais, envolvendo imigrantes e descendentes de russos. Algumas dessas fontes, nós consideramos como parte da *história pública feita pelo público*, as memórias de imigrantes e descendentes trazidas por escritas não acadêmicas e em diferentes formas de divulgação. Utilizamos consultas ao jornal “A Federação” e ao documentário Nadiejda (2009), realizado no centenário da imigração russa ao Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que esse trabalho em si não se enquadra na categoria de história pública, mas como sugerido por Alberti procuramos examinar as obras relacionadas ao tema e ao período para deles extrair alguns caminhos para orientar a pesquisa. Também fizeram parte desse estudo as teses de Bytsenko (2006), Vorobieff (2006) e Ruseishvili (2016), assim como os livros “Os russos” de Segrillo (2015) e “Os Romanov (1613-1917)” de Montefiore (2016), além de obras relacionadas à imigração no Rio Grande do Sul, tais como Roche (1969), Stawinski (1976), Silva (1996), Gritti (1997), Wenczenovicz (2007).

Quanto às fontes em arquivos, recorreremos aos fundos no AHRS que já foram amplamente utilizados para pesquisas sobre imigração de outras etnias, mas ainda pouco utilizados para estudos sobre os russos: Terras e Colonização e Obras Públicas. Utilizamos a sigla DTC para indicar o Fundo da Diretoria de Terras e Colonização, sendo que os cadastros dos imigrantes nas colônias deste fundo são identificados por C - <NNN>, CA - <NNN>, onde <NNN> é um número, conforme registrado no acervo; e sob a denominação SA - XXX existem outros registros diversos, tais como: cadastros de lotes e títulos; a situação de dívida colonial; movimentação de imigrantes entre a chegada no Estado e a colônia destino. Para o fundo da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas a sigla é SOP e temos dois tipos de fontes: os relatórios

---

<sup>5</sup> Ricardo Santhiago (2016, p.28) considera quatro engajamentos fundamentais da história pública: “a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de ‘autoridade compartilhada’ é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e público* (que abarcaria a reflexividade e autorreflexividade do campo)”.

anuais da secretaria e da diretoria e os documentos diversos dispostos em maços dentro de caixas. Utilizamos a identificação própria do catálogo do AHRs. Os relatórios são designados pela sigla SOP <AAAA>, onde AAAA é o ano de publicação; para as informações das caixas e maços são identificadas por SOP, Cx <NN>, M <NN>, onde <NN> é o um número sequencial identificado no AHRs. Outra fonte pesquisada foi a lista de imigrantes presentes nos vapores que chegaram ao Brasil nesse período, disponível através do SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional, documentos originais digitalizados e disponíveis *on-line*. As viagens são identificadas no texto por seu autor (escritório de imigração, nome da companhia de navegação), pelo nome do vapor e data de chegada no porto. O número de referência, que foi utilizado para acessar as listas de passageiros no SIAN é informado no rodapé da página.

Quanto aos relatórios foram consultados os referentes ao período de 1890 a 1917. Os Relatórios do Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas ao Presidente do Estado eram enviados anualmente, abrangendo informações do segundo semestre do ano anterior ao primeiro do ano corrente. Envolviam descrição do andamento de obras públicas, tais como a construção do Palácio do Governo, manutenções no Teatro São Pedro e do sanatório São Pedro, construção do cais de Porto Alegre, despesas com pessoal, informações pluviométricas, estatísticas de uso do telégrafo; construção de estradas de rodagem e de ferro; serviços de dragagem de rios, entre outras. Nosso foco de atenção e pesquisa concentrou-se na subdivisão referente à Diretoria de Terras e Colonização. Nessa subdivisão podemos encontrar informações, tais como: situação das terras (demarcação de lotes, disputas, reclamações e indenizações), ampliação das colônias, volume de entrada de novos colonos (estrangeiros e nacionais), despesas com os imigrantes, construção de pontes e rodovias, situação da instrução pública e da saúde dos colonos, dívidas coloniais, situação de crescimento das colônias e problemas encontrados entre outros.

Os registros de lotes e títulos definitivos da Colônia Guarani, para onde se dirigiram a maioria dos imigrantes russos, encontram-se em dois volumes no Arquivo Histórico: Comissão de Terras e Colonização – Guarani – Região Comandhay - livro 03 e Comissão de Terras e Colonização – Cadastro – Região Campina – Livro 04 (1912-1920)<sup>6</sup>. Também analisamos os livros de registros de imigrantes chegados através

---

<sup>6</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Comandahy (AHRs, DTC, SA264) e Registro de lotes e títulos - Região Campina (AHRs, DTC, SA266).

do porto em Porto Alegre com seus respectivos destinos nas colônias (AHRS, DTC: SA077, SA078, SA079, SA082). Além dessas, pesquisamos as correspondências trocadas entre a Diretoria de Terras e Colonização e os chefes de comissão das colônias: Guarani, Erechim e Ijuí, as três principais colônias que receberam imigrantes russos no período. As correspondências encontram-se organizadas nas caixas e maços da SOP do AHRS. Quanto aos vapores dando entrada no Brasil com lista de imigrantes, fizemos um estudo detalhado do ano de 1909, referenciado por Zabolotsky (2007) como o ano da chegada dos primeiros imigrantes para a região de Campina, e pesquisas localizadas entre os anos de 1890 a 1914.

Ao analisar a Cidade de Campina das Missões podemos fazer algumas conexões com o pensamento de Pollak (1992) em referência à memória, quando diz que é seletiva, um fenômeno construído social e individualmente, sendo que a memória herdada tem ligação estreita com o sentimento de identidade. No início do século XX, somente um ano após começar a imigração russa para o local, os alemães chegaram em grande quantidade deslocados de outras colônias. Hoje os descendentes desses imigrantes correspondem a maioria da população, enquanto os descendentes russos, italianos, portugueses, poloneses e outros são minoria. No entanto, a organização coletiva dos descendentes eslavos, além dos contínuos movimentos de preservação da sua cultura, negociados nos âmbitos sociais e políticos, levaram a cidade a buscar o reconhecimento de uma identidade étnica russa.

Essa reivindicação da etnia russa coloca nossa pesquisa situada no campo da etnicidade. Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 141), referenciando Barth, definem a etnicidade como “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função da sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

Segrillo (2015, p.13) explica que há duas palavras para identificar quem são os russos, habitantes de um território que chegou a 22,4 milhões de km<sup>2</sup> no Império Czarista e na antiga União Soviética: *ruskii* e *rossiyanin*. *Ruskii* é o russo étnico, aquele que é filho de pai ou mãe russa. *Rossiyanin* é qualquer pessoa que nasce e vive na Rússia, considerado cidadão, mas não um russo étnico. A nacionalidade é definida pelo *jus sanguinis* (direito de sangue) e não pelo *jus soli* (direito de solo), como no caso do Brasil. Sendo assim, por exemplo, os poloneses que estiveram sob domínio do Império Russo são considerados *rossiyanin*, assim como os descendentes de alemães que migraram para o Império russo no século XVIII, para formar colônias junto ao Rio

Volga, mesmo tendo nascido em território central russo. Por outro lado, os filhos de russos étnicos que migraram para a Polônia a serviço do Império são *russkii*, assim como qualquer filho de mãe ou pai russo que nasça fora do território russo.

No caso dos russos que chegaram à região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a língua russa e a religião ortodoxa foram símbolos identitários que contribuíram na sua diferenciação. No mês de outubro, na semana de celebração do aniversário do município, são realizadas apresentações de danças e um festival de gastronomia russa. A data do santo padroeiro da comunidade russa local, dia nove de outubro, é também a data da criação do município. Nesse grande evento para a cidade, as comemorações envolvem também apresentações dos grupos folclóricos alemães e dos grupos gaúchos (CTG's) da região. O reconhecimento como grupos de etnias diversas se mantém e, apesar do aparente convívio em harmonia, uma certa disputa se apresenta na hora da distribuição de verbas do município. A cidade mantém dois pórticos, um celebrando a etnia russa e outro a etnia alemã.

Para entender o contexto em que se achava o Império Russo durante o período da pesquisa, utilizamos como obra referencial o livro “Os Romanov (1613-1918)” de Simon Sebag Montefiore. O historiador britânico de origem judaica, formado em Cambridge e especialista em história da Rússia, conta a saga de vinte czares e czarinas na construção do Império Russo. O capítulo de resgate da história russa da tese de Bytsenko (2006), que utilizou historiadores russos ainda não traduzidos para o português, também contribuiu para esse entendimento.

### **1.3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO RUSSA PARA O BRASIL**

Anastassia Bytsenko, uma imigrante russa do século XXI, desenvolveu em 2006, a tese “Imigração da Rússia para o Brasil: visão do paraíso e do inferno (1905-1914), dentro do programa de pós-graduação de Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo. A mestranda apresentou a história da imigração antes da Revolução de 1917, analisando a “visão de paraíso” divulgada em um livreto de propaganda pró-imigração para o Brasil e a “visão de inferno” apresentada por um agente contra a emigração. De acordo com informações que coletou no Memorial do

Imigrante em São Paulo, 118.600 imigrantes provenientes do Império Russo e, posteriormente da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) vieram para o Brasil entre 1870 e 1953 (Bytsenko, 2006, p.10).

A pesquisadora acrescentou bibliografia em russo ainda não traduzida à sua tese, o que enriquece seu trabalho com a visão dos motivos e implicações da emigração. As pesquisas soviéticas sobre o tema restringiam-se ao período pré-revolução. Entre os trabalhos científicos que analisou deparou-se com o registro de que “O grande Outubro cessou a emigração dos trabalhadores da ex-Rússia czarista”. Um alerta de que as autoridades russas por longo período negaram o fato de que mais de 2,5 milhões de pessoas migraram ou foram exiladas após 1917. A pesquisadora observa que no Brasil, os estudos sobre esse tema também são escassos, principalmente pela dificuldade de acesso a fontes e a dificuldade de tradução. A maioria dos estudos envolveu a imigração da população polonesa, judaica e ucraniana vinda da Rússia (Bytsenko, 2006, p.13).

O trabalho de Bytsenko concentrou-se na imagem do Brasil apresentada por dois livros centenários que encontrou na Biblioteca Nacional de São Petersburgo: “A vida dos colonos no Estado de São Paulo do Brasil” (Riga, 1908) de Janis Gutmann e “Sobre a imigração para o Brasil” (Cracóvia, 1909) de Ivan Rébrin. Ambos os livros escritos em russo, foram traduzidos pela autora como parte da sua tese de mestrado. Gutmann foi identificado como um imigrante leto que vivia em São Paulo e que foi contratado pela Secretaria de Agricultura para ser agente recrutador de imigrantes na Rússia. Rébrin, do qual a pesquisadora não achou referências de quem se tratava, por outro lado, escreveu uma espécie de contrapropaganda à essa imigração. A pesquisadora observa que o ápice da imigração russa para o Brasil, no início do século XX, coincidiu com o plano de colonização da Sibéria e outras regiões pouco povoadas na Rússia. A emigração atrapalhava os planos do governo russo, que entre 1893 e 1903 realizou investimentos para apoiar o movimento migratório interno (Bytsenko, 2006, p. 14,23).

Alexandre Vorobieff, descendente de imigrantes russos, desenvolveu a tese de mestrado “Identidade e Memória Russa na Cidade de São Paulo” dentro da área de Geografia Humana na USP em 2006. Sua pesquisa concentrou-se em entender como foi a construção da identidade da comunidade russa de São Paulo, utilizando-se da história oral para obter relatos das memórias dos imigrantes. A partir dessas fontes e das obtidas nas Revistas de Imigração e Colonização do Estado, dos anuários do IBGE, do Memorial do Imigrante do Brás entre outras, Vorobieff procurou saber dos processos

históricos que trouxeram os imigrantes ao país e como após eles desenvolveram uma coesão cultural dentro da comunidade. Ele destacou a língua russa e a igreja ortodoxa como elementos chaves para determinar essa coesão.

“Russo”, no glossário apresentado pelo pesquisador, é a denominação atual dada aos povos que habitam os territórios da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. A origem do termo estaria ligada a unidade histórica desses povos, mas que passou a apresentar diferenças a partir do século XII, onde surgiram as diferenciações: “grandes russos”, os da Rússia e “pequenos russos”, os da Ucrânia e Bielorrússia” (Vorobieff, 2006, p. 196). O pesquisador resgatou a história do alfabeto cirílico, uma escrita criada originalmente para a tradução do Novo Testamento e que acabou auxiliando na formação da identidade do povo eslavo. Inicialmente utilizado pela elite (clero e nobreza) acabou por expandir-se, registrou canções folclóricas, fábulas, lendas e a própria história até tornar-se a língua oficial dos russos. Junto com o cristianismo ortodoxo adotado como credo no século IX representaram um fator de identidade e coesão durante a invasão mongol. Após a Queda de Constantinopla, o Império Russo seguiu como o mais fiel herdeiro das tradições da Igreja Bizantina. As relações entre governo e igreja estavam fortemente interligadas, entre os deveres do czar estava a defesa e expansão da fé ortodoxa. Vorobieff resgatou essas informações no entendimento de que as igrejas, além do lugar de orientação espiritual, foram um espaço importante de socialização no exílio. No capítulo que chamou de “Panorama das Comunidades Russas do Brasil”, apresentou as Paróquias Russas e Ucrânicas distribuídas pelos Estados e, no capítulo dedicado à comunidade em São Paulo, apresentou cada uma das igrejas, associações culturais (dança, coral, folclore), filantrópicas e comerciais, além das histórias de vida de quatro famílias de imigrantes, incluindo a de sua mãe, Ludmila, que o apoiou nas traduções em russo para a tese.

Os imigrantes russos em São Paulo formaram uma configuração única e complexa, devido ao ingresso de pessoas de diferentes percursos históricos, classes sociais, regiões da Rússia, credos diferenciados e mesmo diferenças ideológicas. O geógrafo trabalhou com diversas levas de imigrantes entre o século XIX e XX. Ele concluiu que a situação se apresentou diferente em outros estados, que receberam imigrantes principalmente nas lavouras e lá se instalaram, constituindo uma comunidade própria e com características bem definidas, como o caso dos ucranianos no Paraná e os russos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro (Vorobieff, 2006, p. 45).

Svetlana Ruseishvili, outra imigrante russa do século XXI, desenvolveu sua tese de Doutorado em Sociologia na USP em 2016: “Ser Russo em São Paulo – Os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a revolução bolchevique de 1917”. Seu foco de trabalho foram os “deslocados”, indivíduos que chegaram ao Brasil não somente como imigrantes, mas como refugiados de guerra, classificados como apátridas ou não, que se auto identificam como russos. Apesar do período de análise ser diferente ao de nossa pesquisa, importa-nos o resgate histórico do Império Russo, mas principalmente, sua explanação sobre o que é ser russo em termos nacionais e étnicos. A apresentação dos conceitos de russo étnico, que pertence a região central russa e russo periférico, o que pertence aos territórios conquistados e sob domínio russo. A autora destacou o significado da identificação para o Estado russo, imperialista: “o pertencimento étnico foi uma construção social e política importante para manutenção da estratificação social num país territorialmente complexo e multiétnico” (Ruseishvili, 2016, p.42-43). Ela ressaltou o valor para sua pesquisa dos registros (batismo, casamentos e óbito) na Igreja Ortodoxa Russa, onde os imigrantes sinalizavam sua posição social frente o sacerdote russo “como que para reivindicar seu direito ao pertencimento a uma comunidade russa no Brasil”. Através da análise desses registros concluiu que a maioria dos deslocados não foram os russos étnicos e sim, os periféricos, sendo que grande parte deles eram imigrantes provenientes da Bessarábia, região agrícola que foi anexada no começo do século XIX ao Império Russo após a guerra com o Império Otomano. Uma região que no censo de 1897 apresentava grande presença de moldavos (47,6), ucranianos (19,6%), judeus (11,8%) mas também russos (8%) e alemães (3,1%) entre outros. Outras regiões com representatividade foram a Volínia, Galícia e Bucovina, territórios onde o Império Russo esteve em constante disputa com o Império Austro-Húngaro e com o Reino da Lituânia (Ruseishvili, 2016, p. 112). A autora explorou o que chamou de “grau de russidade” dos imigrantes em São Paulo e destacou a ambiguidade das noções de nação e etnia enquanto categorias analíticas para compreensão da “russidade” em função da natureza multiétnica e multicultural. Para fins de pesquisa, ela adverte que há que se levar em conta os subgrupos nacionais do Império Russo, dentre eles “judeus russos”, “poloneses russos”, “lituanos russos”, bielo-russos, ucranianos e os próprios russos (Ruseishvili, 2016. p.177). Concluiu que “ser russo” no Brasil e, em São Paulo, teve significados diferentes, conforme as diferentes épocas e contextos políticos e sociais. Essas diferenças foram construídas tanto a partir da forma como os russos foram recebidos pela sociedade envolvente como

da forma como se estruturaram na comunidade.

Dentro da bibliografia referente ao Rio Grande do Sul, Jacinto Anatólio Zabolotsky é o responsável pelo único livro publicado sobre a história da imigração russa no Estado. O autor trabalhou por mais de 20 anos na coleta de depoimentos, fotos e documentos ligados a esta temática. Seus pais e avós vieram em 1911 de uma cidade localizada na Sibéria, hoje fazendo parte de Krasnoyarsk. Eles estabeleceram-se na Colônia Guarani, núcleo Campina, local atualmente pertencente a cidade de Campina das Missões. O professor, juiz e advogado do noroeste gaúcho resolveu contar “a saga” dos imigrantes eslavos que “não estava registrada em lugar algum”, com intuito de “resgatar as raízes histórico-culturais” dos imigrantes e descendentes. Ele descreveu os povos russos estabelecidos na sua região como vivendo de forma pacífica, numa trajetória de lutas e dificuldades, vencendo desafios e contribuindo para a formação da sociedade na qual estavam inseridos. Entre as dificuldades, o autor trouxe as repressões na ditadura de Borges de Medeiros, durante o período da Guerra Fria e durante o período da ditadura civil-militar no Brasil. Ele acrescentou informações sobre imigrantes que se estabeleceram em outros locais como Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e na Argentina e seu livro abrange os vários períodos de imigração durante o século XX.

Além de depoimentos, fotos de famílias de imigrantes e da colônia, documentos pessoais e da Diretoria de Terras e Colonização, Zabolotsky (2007) anexou registros de eventos onde ocorreu algum reconhecimento externo da presença da etnia russa na região. Constantemente o autor divulga através das mídias sociais, novas situações desse reconhecimento, tais como: a matéria “Sibéria, 40 graus: uma cidadezinha do interior gaúcho mantém vivo o legado dos imigrantes russos do início do século” na revista Terra de abril/2000; a matéria “A Sibéria é aqui: o inverno dos colonos gaúchos” na National Geographic do Brasil de julho de 2006; a presença de uma mestrande, Sofia Baravalle, da Universidade de Gênova em 2020, que visitou a cidade para pesquisar sobre a interação das comunidades de língua russa e portuguesa, entrevistando vários descendentes dos imigrantes; a visita do Embaixador Russo Alexey Labetskiy em outubro de 2021 para a inauguração da capela ortodoxa russa na Praça São Vladimir em Campina; a participação na exposição fotográfica sobre a Diáspora Russa realizada na

capital da Sibéria, Irkutsk, em dezembro de 2021 à convite do padre Inocêncio.<sup>7</sup>

Ao aprofundar um pouco mais a pesquisa no Estado nos deparamos com alguns outros trabalhos: a tese de Márcia Silva na PUC-RS de 1996: “Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)”<sup>7</sup>; um capítulo de livro de Edgar Rodrigues (1986) sobre os russos anarquistas da colônia de Erechim – sede Erebangó que chegaram ao Brasil em 1909 e ao Estado em 1911; a imigração de judeus russos vítimas de discriminações e massacres para a colônia particular da JCA (Jewish Colonization Association) na Fazenda Quatro Irmãos, livro baseado em tese de mestrado de Isabel Gritti(1997).

Márcia Andréa Schmidt da Silva (1996) apresenta os russos e ucranianos, que chegaram em 1948 em Porto Alegre, formando um “novo grupo étnico”, unidos pela língua e religião. Ambos temerosos dos preconceitos em relação aos “comunistas” como eram muitas vezes chamados, fecharam-se em relação à sociedade que os cercava, muitos não transmitiram os costumes e a língua a seus descendentes. A pesquisadora os identifica como indivíduos que haviam fugido do socialismo, seguindo as tropas nazistas ao saírem da URSS em 1942 e indo parar em campos de refugiados de guerra até 1948. Ao chegar ao Brasil foram direcionados para Porto Alegre no navio Itaquicê, chegando em julho de 1948. Ainda no navio foram oferecidas vagas de trabalho, mas não havia recrutamento em língua russa, então, os que sabiam francês e alemão conseguiram empregos melhores, os demais ficaram “à mercê da sorte”. Fixaram-se na zona norte da cidade, no Quarto Distrito e muitos deles trabalharam na indústria: “trabalharam muito, enriquecendo muitos patrões, para conseguirem firmar-se como donos de seus próprios negócios”. (Silva, 1996, p. 67). Não participavam da vida social dos clubes que congregavam muitos estrangeiros como o Veleiros do Sul e a Sociedade Germânia, mas organizaram-se para adquirir um espaço público de convivência. A partir da doação de um terreno pelo Estado construíram a Igreja Ortodoxa Russa (São

---

<sup>7</sup> Roman Viktorovich Denshchikov (nome de batismo) ou .Padre Inocenti (nome religioso) nasceu em Irkutsk, Sibéria em 22/03/1980, ingressou no Seminário Teológico Ortodoxo em Belgorod em 1998. Em 2008 formou-se na Academia Teológica de São Petersburgo com a tese “A atividade da Igreja Católica Romana na Sibéria Oriental no século XIX”. Foi clérigo em Irkutsk, missionário na Polônia, vigário no convento da Santíssima Trindade em Solimansk entre outras atividades e estudos, antes de ser designado para as paróquias de Santa Rosa e Campina das Missões, que assumiu em 26/04/2019. Em 2021 foi transferido para a Paróquia Santa Zenaide do Rio de Janeiro, deixando as duas paróquias gaúchas aos cuidados do Padre Paulo (Roman Alexandrovich Zhuravlev, nascido na Moldávia). Padre Paulo foi missionário na região de Moscou desde 2000 e vigário em paróquias na Argentina de 2017 a 2021. As atividades missionárias dos padres ortodoxos russos em função da diáspora seriam um interessante tema de pesquisa.

Sérgio de Radonej) que passou a ser o local de convívio comunitário fora do círculo familiar.

Quando a autora comenta a formação de um “novo grupo étnico”, novamente lembramos Pollack (1992), agora em relação ao conceito de identidade: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Os contextos históricos das migrações narradas por esses dois últimos autores mencionados são em diferentes momentos políticos, territoriais, sociais, tanto no país de origem, como no Brasil. Enquanto Zabolotsky(2007) reforça o porquê é importante lembrar suas origens, transmitir o conhecimento da língua e costumes, reivindicar a etnia russa; Silva(1996) registra imigrantes e descendentes tentando esquecer ou apagar seu passado, restringindo o compartilhamento de suas lembranças num grupo fechado, que ela identificou como “autofágico”. É importante entender esse movimento de lembrança e/ou esquecimento, parte do processo seletivo descrito por Pollak (1992), que envolve disputas políticas dentro da sociedade.

Também cabe, para analisar as interpretações de Silva (1996), associar a questão da identificação com a etnia russa com a noção de *ethnic boundary* elaborada por Barth e referenciada por Poutignat & Streiff-Fenart (1998). Se por um lado, o grupo que migrou para a região Campina fez questão de marcar e manter-se como grupo étnico russo, incluindo ucranianos e bielorrussos; o grupo que migrou para a capital do Estado fez questão de derrubar essas fronteiras de forma que seus descendentes não mais fossem identificados com o pertencimento etnia russa, procurando evitar discriminações e preconceitos. São histórias de vida ricas e complexas que infelizmente estão pouco acessíveis quando se estuda a imigração nas escolas e universidades. O livro de Zabolotsky (2007) que passou por três edições e foi traduzido para o russo (2009), encontra-se esgotado. A tese de Silva (1996) não está digitalizada e está disponível a um público mais restrito, nas dependências da biblioteca da PUCRS.

Isabel Gritti (1997) publicou um livro sobre a imigração judaica para o Rio Grande do Sul através da colônia particular estabelecida na Fazenda Quatro Irmãos pela Jewish Colonization Association (JCA). A partir de pesquisas realizadas nos arquivos da companhia inglesa, principalmente através da análise de correspondências, a

historiadora realizou sua tese de mestrado na PUCRS sob orientação de René Gertz, preenchendo uma lacuna sobre o tema. A JCA foi criada em Londres, em 1891, pelo Barão de Hirsh, um dos homens mais ricos de sua época, com o objetivo específico de auxiliar os judeus vítimas de discriminação e massacres. Ele acreditava que somente com a imigração os judeus teriam a oportunidade de viverem livremente e se tornarem trabalhadores úteis e independentes. O projeto inicial envolveu a instalação de colônias agrícolas para estabelecer os judeus russos que sofriam com as repressões, perseguições e mortes no Império Russo.

Primeiro foi criada a Colônia Philipson em 1902, no município de Santa Maria, que apesar do insucesso foi seguida pela Fazenda Quatro Irmãos em 1909, no então município de Passo Fundo. Para Filipson foram enviadas 37 famílias russas especialmente da Bessarábia em 1904. Apesar de receberem uma casa pronta, ferramentas, animais, após dois anos os colonos começaram a abandonar o local. Gritti(1997) entendeu que um número considerável dos imigrantes não conhecia a atividade agrícola e como a fertilidade do solo não era boa no local, a situação tornava-se difícil de ser mantida. Para a Fazenda Quatro Irmãos, a JCA resolveu começar com imigrantes que já estavam na América do Sul e tentou deslocar os judeus que haviam se instalado nas colônias agrícolas da Argentina. Em julho de 1912 chegaram as primeiras 33 pessoas do país vizinho e, em seguida, 60 famílias vindas da Bessarábia, novamente com poucos agricultores entre eles. Após um período de novas entradas, começou um movimento de emigração. A infraestrutura proporcionada com casas, hospital, escola, cemitério não foi suficiente para reter também esses candidatos a colonizar o Rio Grande do Sul. Em 1915, a colônia estava quase despovoada. Gritti (1997) atribui o insucesso aos maus administradores da JCA que não souberam auxiliar os imigrantes em questões para as quais também não estavam preparados. Para a pesquisadora, após a morte do Barão Hirsch, a empresa estava mais interessada na exploração das florestas, lucrando com a madeira extraída e vendida à companhia da estrada de ferro. Nos relatos dos administradores permaneceram na colônia somente as pessoas simples e modestas, que “não tinham aspirações de fazer fortuna em outro lugar”.

Gritti (1997) estende sua pesquisa até o encerramento das atividades da JCA em Quatro Irmãos no ano de 1962, abrangendo: as discussões entre colonos e administradores sobre a possibilidade de exploração da madeira; o período da

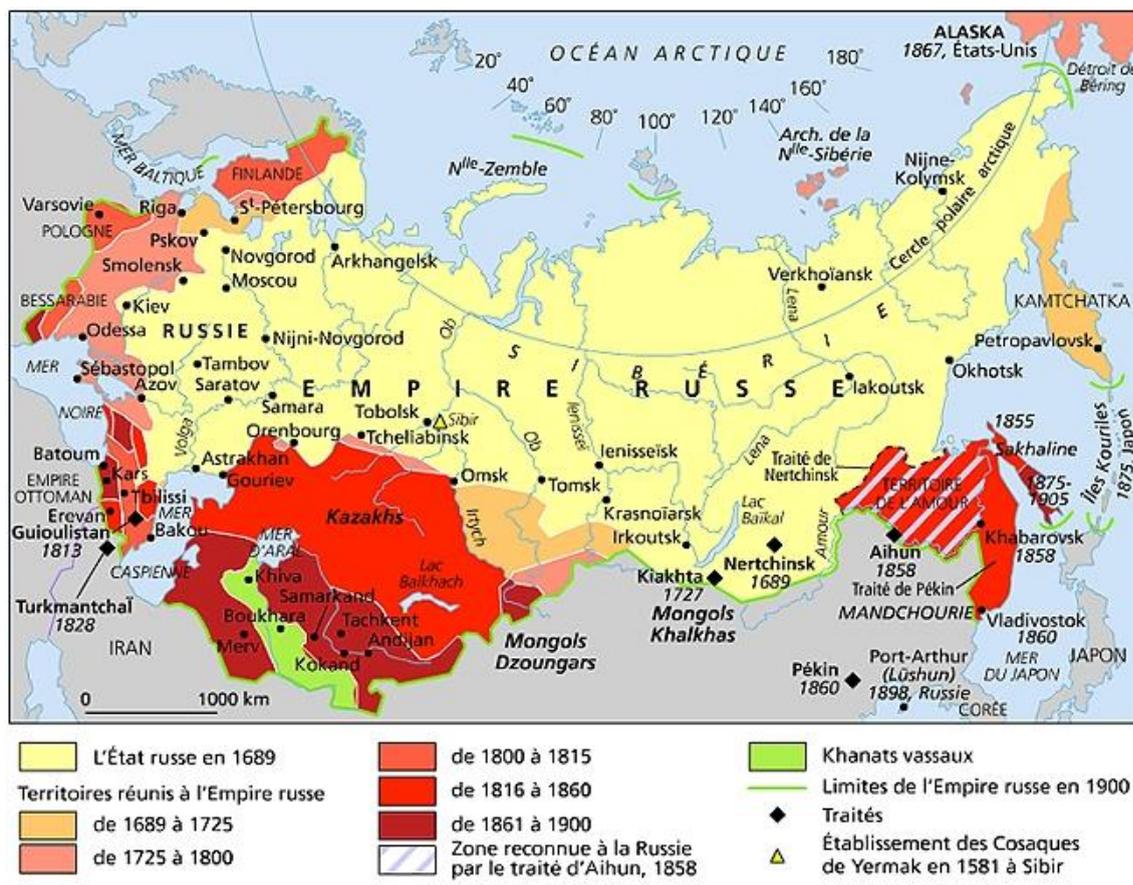
Revolução de 1923 e seu impacto para os moradores da colônia; a criação das colônias Barão Hirsch e Baronesa Clara; a venda de terras para colonos de outras etnias e a invasão das terras. A autora concluiu que os objetivos filantrópicos originalmente idealizados pelo Barão Hirsch foram substituídos por interesses econômicos da administração, que desde a escolha do local levou em consideração a proximidade com as vias férreas, a possibilidade da exploração da riqueza florestal e os benefícios fiscais concedidos à companhia. Em função dos imigrantes não receberem o apoio necessário para prosperarem nas atividades agrícolas, o empreendimento manteve-se deficitário e a empresa decidiu encerrar suas atividades.

Edgar Rodrigues (1986) visitou, colheu depoimento e manteve correspondência com Elias Iltchenco, imigrante ucraniano que o ajudou a compor “A comunidade livre de Erebangó” (Imigrantes libertários russos no Sul do Brasil). Vinte famílias de ucranianos, entre elas a de Iltchenco, haviam emigrado do Império Russo para São Paulo em 1909, depois de venderem tudo que tinham para buscar melhores condições de vida. No começo do século a propaganda sobre a vida paradisíaca do Brasil chegava até a região da atual Ucrânia. O grupo foi direcionado para a colônia de Pariqueira-açu, mas após dois anos de miséria, doença e abandono resolveram voltar para a Rússia, pois “preferiam passar fome num local que conheciam”. O cônsul russo encontrou-os e propôs que ficassem em um local com condições climáticas que se aproximavam dos seus costumes e, assim, foram parar na Colônia Erechim em 1911. Iltchenco descreve as dificuldades por que passaram, mas onde acabaram desenvolvendo apoio mútuo e solidariedade. Após melhor se estabelecerem passaram a receber exemplares de jornais libertários vindos da Argentina, América e Canadá. Apoiados pela imprensa libertária organizaram-se em grupos tais como a União dos Trabalhadores Russos do Brasil sediada em Erechim e que interagiu com os grupos de Porto Alegre, Guarani, Campina e Santo Ângelo, além da União dos Trabalhadores Rurais de Porto Lucena. O acervo de livros e jornais de Iltchenco foram doados a Rodrigues após sua morte aos 77 anos no Rio Grande do Sul.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO DA EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO

### 2.1. EMIGRAÇÃO - IMPÉRIO RUSSO

Mapa do Império Russo em 1900:



Fonte: Enciclopédia Larousse - Imagem de “La formation de l’Empire Russe (1689-1900)”

A dinastia Romanov esteve no poder do Império Russo por trezentos anos (1613-1917). Em 1861, Alexandre II aboliu o regime de servidão: vinte e dois milhões de servos foram libertados, camponeses que não podiam mais ser comprados e vendidos, não podiam mais ser açoitados, podiam comprar terras, casar-se e comerciar. Mas a libertação não foi completa, os camponeses continuavam devendo obrigações de trabalho a seus antigos donos. Por outro lado, ao acabar com a servidão, Alexandre II rompeu o pacto entre o governante e a nobreza.

A repressão aos judeus foi atenuada, mas os poloneses e lituanos se agitavam contra o domínio russo. Em 1863, os poloneses entraram em rebelião total, lutando com 30 mil soldados, inclusive judeus contra 300 mil soldados russos que se enfrentaram em

mais de 1000 conflitos. A Revolução Polonesa adiou reformas que o czar pretendia fazer, sendo que ele ordenou ao general Mikhail Muriov que esmagasse os poloneses. “Ele enforcou centenas de poloneses, mas milhares foram fuzilados e 18 mil foram deportados para a Sibéria” (Montefiori, 2016, p. 502-508).

Em 1881, após vários atentados Alexandre II foi assassinado em um ataque suicida. Os boatos de que o “czar de Deus” tinha sido morto por judeus, junto a uma depressão econômica que também era atribuída aos comerciantes judeus levaram a uma série de ataques antisemitas, os *pogroms* (de *gromit*, destruir). Assume Alexandre III, que demonstrava “um ódio feroz aos judeus”, segundo seu Secretário de Estado Polovtsov (Montefiore, 2016, p. 582). As Leis de Emergência para manter a segurança, vetaram os *pogroms*, mas ao proteger os “interesses da população local” instituíram restrições e proibições aos judeus. A política étnica interna promovida pelo Ministro do Interior, Conde Ignatiev fez crescer a hostilidade contra alemães, passou a massacrar judeus e perseguir os poloneses. Tudo isso deteriorou a imagem da Rússia na Europa. A partir de 1881, mais de 60 mil judeus emigraram para os Estados Unidos a cada ano (Montefiore, 2016, p. 583).

Em 1891 a Rússia ainda mergulhada na depressão econômica com milhares de pessoas morrendo de fome passa por um programa de industrialização com financiamentos estrangeiros. Cresce a produção agrícola, com a Ucrânia tornando-se o celeiro da Europa; duplica a produção de ferro, aço e carvão; a indústria têxtil eleva a Rússia a uma das cinco potências mundiais; descobrem petróleo em Baku, onde em pouco tempo se produz metade do total mundial. Montefiore (2016) comenta o início da russificação:

Enquanto a Rússia se projetava na modernidade industrial, o imperador tentava manter a união do Estado mobilizando o nacionalismo russo e perseguindo as minorias. No império multinacional de 104 nacionalidades e 146 línguas, segundo o censo de 1897, os russos puros (sem contar os ucranianos) eram uma minoria de 44%. O imperador determinou, além de medidas antisemitas, que só a língua russa fosse ensinada nas escolas polonesas, armênias e georgianas: um gol contra do regime, que desnecessariamente transformou milhões de pessoas em inimigos (MONTEFIORE, 2016, p. 592).

Em 1891 o czar ordenou que a polícia expulsasse os judeus de Moscou. A

Grande Sinagoga foi fechada, vinte mil foram expulsos, as mulheres judias poderiam ficar, desde que se registrassem como prostitutas. A emigração para os Estados Unidos subiu para 137 mil por ano (Montefiore, 2016, p.593).

Quando Nicolau II assumiu o trono em 1894, ele seguiu agressivamente as políticas de russificação de seu pai, justamente em um momento que campanhas de nacionalismo se espalhavam pelo império multinacional, que incluía os estados bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia), a Finlândia, o Cáucaso, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Bessarábia (atual Moldávia), uma grande parte da Polônia, além de outras regiões na Ásia. Enquanto o czar ligava seu trono à população de etnia russa, jovens finlandeses, georgianos, judeus, poloneses e armênios aderiram a partidos nacionalistas. Revoltas camponesas, envolvendo atos terroristas eram promovidas por dois grupos: O Partido Socialista Revolucionário e a Vontade do Povo. Esses grupos transpuseram os limites étnicos e apoiaram-se nas ideias trazidas nos textos de Karl Max. Em março de 1898 foi fundado o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos que mais tarde governaria a União Soviética. Por toda Rússia, jovens estavam convencidos que a velha ordem dos czares, senhores de terra e capatazes de fábrica tinha que ser destruída.

Após o assassinato do Ministro da Educação em 1902, Nicolau II chamou Viatcheslav Plehve para reprimir não só com dureza, mas com violência os atos revolucionários. Ele havia sido o autor das leis anti-judaicas no período de Alexandre III. Plehve desenvolveu a polícia secreta russa. Na páscoa de 1903, o assassinato de um russo e a morte de uma moça russa em um hospital na Bessarábia desencadeou uma nova série de reações populares. O *pogrom* chocou a Europa: setecentas casas foram incendiadas, 46 judeus mortos e 600 feridos (Montefiore, 2016, p. 637).

No histórico levantado por Bytsenko(2006), ela incluiu os registros da situação camponesa descritas pelo historiador social russo Mironov(2000). Os camponeses que haviam se liberado do regime de escravidão em 1861, continuavam passando por uma situação difícil. Os termos de libertação eram muito restritivos, eles continuavam sem a propriedade das terras, sem assistência econômica, sendo explorados com muitas obrigações e poucos direitos. As terras ao redor de uma vila pertenciam a *obchina*, uma organização que misturava um antigo sistema de administração medieval com elementos implantados pelos governantes para manter a dominação sobre os camponeses. Poucos tinham acesso a uma posição dentro da *obchina* e, mesmo os que tinham alguma condição de comprar terras não eram autorizados a fazê-lo. Em 1901

aconteceu uma grande fome resultante de um período de seca às vésperas da revolução de 1905, muitas revoltas, inclusive camponesas, eclodiram em várias regiões do Império. O governo colocou o exército a reprimir os manifestantes. Havia uma forte necessidade de reformas socioeconômicas e políticas, mas a administração de Nicolau II não demonstrava vontade de realizá-las.

Entre 1904 e 1905, o Império Russo esteve em guerra com o Japão pelo controle da região da Manchúria. Em 1905 estourou a greve da fábrica metalúrgica de Putilov em São Petersburgo. Cerca de 150 mil trabalhadores participaram da greve, mas suas reivindicações foram negadas. Em janeiro de 1905 aconteceu o que ficou conhecido como Domingo Sangrento: cerca de 140 mil trabalhadores, liderados pelo Padre Gregório Gapon reuniram-se em manifestação pacífica para entregar uma petição ao czar, o pai de todos, o pai da Rússia (Bytsenko, 2006, p.21). A manifestação foi reprimida de forma violenta e há um massacre com mais de 1000 mortos. O evento serve de estopim para várias revoltas: Polônia, Báltico, Cáucaso e na Finlândia (Padrós, 2019).

Estoura a Revolução de 1905, que entre as consequências trouxe a Reforma Agrária instituída pelo primeiro-ministro Piotr A. Stopolin em 1906. Os camponeses passaram a ter direito de adquirir terras, propriedade particular, mas somente os mais abastados tiveram condições de fazê-lo. Os mais pobres acabaram por migrar para as cidades, juntando-se ao proletariado. Alguns viram a oportunidade de emigrar em busca de melhores condições de vida. Com as reformas, eles passaram a ter direito a receber passaporte, sem necessidade de aprovação da *obchina*, que foi extinta, mas as reformas propostas por Stolypin foram suspensas, quando ele foi assassinado em 1911 (Bytsenko, 2006).

Procuramos saber as causas que levaram os russos a deslocarem-se mais de 12 mil quilômetros e a aportarem nas terras brasileiras. Klein (2000) abre seu texto “Migração Internacional na História das Américas” com a questão “Por que as pessoas migram?”. No livro Fazer a América, organizado por Boris Fausto e com texto de abertura de Klein, vários autores trazem “os fatores de expulsão e os fatores de atração” que levaram milhares de indivíduos a se deslocarem de seus lares para a América. “Para começar, deve-se dizer que a maioria dos migrantes não desejam abandonar suas casas nem suas comunidades... A migração, portanto, não começa até que as pessoas descubram que não conseguirão sobreviver com meios tradicionais em suas

comunidades de origem... porque não tem como alimentar-se nem a si próprias e nem a seus filhos”. O autor acrescenta que num menor número de casos, a migração se dá porque as pessoas são perseguidas por sua nacionalidade ou credo. Por outro lado, ele realça “a possibilidade de obter terra como uma constante força de atração para todos os imigrantes” (Klein, 2000, 13-17). A liberdade de credo era uma das vantagens ressaltadas na propaganda de Gutman (Bytsenko, p. 79) para os imigrantes virem para o Brasil. Apesar de uma maioria católica no país, não houve restrição de religião na entrada dos imigrantes. Para os que se viam obrigados pela russificação a assumir a religião oficial do Império Russo, a liberdade de credo era mais um ponto a ponderar ao decidir cruzar o mundo e recomeçar suas vidas. As causas estão relacionadas geralmente tanto com o movimento de saída – emigração do país de origem, como ao movimento de entrada no país destino – a migração. Bytsenko (2006, p. 16) referenciando *A Era do Capital* de Hobsbawm (1996) ressalta que é preciso um forte impulso para que as pessoas deixem a sua terra natal e uma forte atração na escolha do país destino. Através do entendimento do contexto em que se encontrava o Império Russo presente nos principais eventos comentados anteriormente (a repressão a partir da Revolução Polonesa, a discriminação aos judeus e a forte russificação em contraposição aos movimentos nacionalistas) identificamos fatores de expulsão, motivadores envolvendo questões políticas para a emigração do Império Russo.

Além desses motivos, Bytsenko (2006) registra a saída em massa de pessoas que se dirigiram para o Novo Mundo por razões econômicas. Ela identificou que a maioria eram pessoas pobres, que se deslocavam a partir do desejo (necessidade) de ter uma vida melhor. Nos registros das entradas de imigrantes no Brasil, poucos foram os que vieram da Rússia no período de migração espontânea. Entre os que vieram com respaldo financeiro, muitos migraram para a Argentina ou voltaram para a Rússia, quando aqui não encontraram todas as condições prometidas nas propagandas divulgadas na Europa.

No livro “Emigração e repatriação na Rússia” de Ionzev (2001), Bytsenko extraiu uma tabela que demonstra os números de saída entre 1828 e 1915. Entre 1890 e 1915 saíram do Império Russo 3.347.618 pessoas. “A maior parte delas eram camponeses empobrecidos ou sem terra, artesãos e trabalhadores sem qualificação” e dirigiram-se para o Novo Mundo. (Ionzev apud Bytsenko, 2006, p. 16-18). Mironov (apud Bytsenko) comparou a área disponível plantada no Império Russo com outras

regiões cultiváveis da Europa e demonstrou que as áreas russas eram maiores, mas por outro lado “o rendimento das terras era miserável”. As condições climáticas difíceis e métodos muito antigos no manejo da terra, resultaram em colheitas sistematicamente fracas e em acúmulo de dívidas, o que provocava fome, epidemia e deslocamentos para outras regiões. O historiador conclui que não era a “falta de terras”, mas o grau de fertilidade dela que levava a pobreza aos camponeses. Identificamos que a grande maioria dos imigrantes russos que chegaram ao Rio Grande do Sul no período do recorte dessa pesquisa eram camponeses, agricultores atrás de lotes de terras férteis para viverem com suas famílias.

## **2.2. IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL**

Enquanto o Império Russo estava em ebulição com revoltas e o questionamento da dinastia Romanov, do lado brasileiro havia o plano de colonização de terras devolutas que buscava mão de obra para as lavouras de café em substituição ao escravizado; povoamento na defesa de fronteiras; desenvolvimento da atividade agrícola baseada no pequeno proprietário ligado à sua estrutura familiar, que poderia produzir para si e para desenvolver um mercado consumidor. Para atingir esses objetivos o governo do Brasil primeiro doou lotes de terras aos imigrantes, que foram escolhidos especificamente para serem agricultores europeus. Segundo Petrone (1984, p. 18-19), esse imigrante europeu deveria constituir-se no agente modernizador e transformador da sociedade e da economia brasileira: “com experiências agrícolas e de criação de gado diferentes, com técnicas artesanais novas, com hábitos de vida outros que das populações existentes, esperava-se que o imigrante contribuísse para tirar o país do atraso a que o sistema colonial o tinha relegado”.

A colonização no Estado do Rio Grande do Sul a partir de imigrantes não-lusos começou exclusivamente com colonos alemães em 1824 através dos incentivos e administração do governo geral do Império. A colônia de São Leopoldo, ocupando terras que foram da Real Feitoria do Linho Cânhamo, era dividida em pequenas propriedades onde os agricultores se dedicavam à policultura, contando apenas com o trabalho da família. O núcleo funcionou como um modelo para outras colônias. Com o advento da Lei de Terras (1850), que regulamentou a posse de terras, impedindo a

concessão gratuita de lotes, o movimento migratório começou a diminuir. Acompanhando a ação colonizadora do governo geral e provincial, os particulares foram autorizados e criaram grande número de colônias, também com imigrantes germânicos, sendo que eles patrocinavam as viagens (Roche, 1969; Petrone, 1984).

A partir de 1874, num segundo esforço de colonização, estabelecendo contratos com associações e pessoas, o governo da União começou a trazer milhares de imigrantes, principalmente “alemães, italianos e poloneses”. A viagem da Europa ao Brasil, a estadia nas hospedarias do Rio de Janeiro e São Paulo e o transporte até o Estado ficaram sob os cuidados da União. Quando chegava ao Estado, o imigrante passava a ser administrado pela província, que recebia um repasse de verbas do Império. Esse sistema foi mantido até pouco depois da Proclamação da República, quando em 1895 o serviço de imigração e colonização passou exclusivamente aos cuidados dos Estados. O regime do Rio Grande do Sul passou a acolher indivíduos de todas as nacionalidades que viessem espontaneamente, ou seja, às suas custas. Observando que os alemães permaneceram fechados em seu grupo étnico, mantendo a sua língua de origem e realizando casamentos endogâmicos, o governo resolveu promover a migração de outras etnias e misturá-las nas colônias de forma a facilitar a assimilação como brasileiros. Regina Weber (2004, p. 106) comentou a preocupação com a “assimilação” no sentido de “abrasileiramento” nos discursos imigrantistas do século XIX. Na época ocorria uma polêmica acerca das vantagens e desvantagens da imigração alemã. Por um lado, levantava-se argumentos sobre “o seu sucesso econômico nos EUA” e de outro as dificuldades de assimilação social, cultural e de miscigenação. Segundo a historiadora, a “doutrina do branqueamento” pregada no período pressupunha que na miscigenação das raças, “as ditas inferiores” tenderiam a desaparecer e os alemães ao se mostrarem avessos ao “caldeamento” tornaram-se “um incômodo a esse ideário”.

Rückert (1997) observou que, ao instalar-se a República sob as diretrizes político-ideológicas positivistas do Partido Republicano Riograndense (PRR), o governo gaúcho começou a construir as bases para o desenvolvimento do capitalismo. Até aquele momento, a produção da região caracterizava-se: por ser dedicada à pecuária, com o comércio do charque atendendo o mercado nacional; pelo extrativismo da erva-mate e; por ter uma agricultura dedicada à subsistência. Entre as propostas do novo regime para o crescimento econômico estavam: o desenvolvimento da agricultura, da pequena criação e das indústrias rurais; a promoção dos meios de transporte e a

organização de um plano geral de viação; o incentivo à imigração espontânea, entre outras. Todas estas propostas estavam interligadas. O desenvolvimento da lavoura e das pequenas propriedades rurais estava intimamente associado à entrada de imigrantes agricultores. A infraestrutura de viação deveria apoiar tanto a distribuição dos novos colonos, como ajudar no escoamento da produção. Ao mesmo tempo, abastecendo e gerando um mercado consumidor.

Quanto ao plano geral de viação, ele envolvia desde a abertura de novas estradas de rodagem, como caminhos vicinais; dragagem de rios; construção de pontes; desenvolvimento da navegação fluvial e de ferrovias. Como foi observado por vários imigrantes e encarregados das colônias da serra ou da região do noroeste do Estado, quase tudo precisava ser feito, os caminhos precisavam ser construídos. Roche (1969) discorreu sobre a importância dos meios de comunicação para a colonização, comentando o desenvolvimento da viação no Estado desde a criação das picadas até as companhias fluviais e ferroviárias. Rückert (1997) apresentou a grande participação de investidores capitalistas estrangeiros na construção de obras públicas, incluindo as ferrovias. A ferrovia do Norte do Rio Grande do Sul recebeu capital belga no início da construção (1889-1903) e depois do Grupo Farquhar (1906-1920). Gritti (1997) descreveu a relação entre a empresa belga arrendatária da viação férrea do Rio Grande do Sul e a implantação das colônias judaicas. A colônia Philippon recebeu esse nome em homenagem ao vice-presidente da JCA que ao mesmo tempo era o presidente da *Compagnie Auxiliare de Chemins du Fer au Brésil*.<sup>8</sup> Muitos imigrantes trabalhavam para construir os caminhos planejados pela Diretoria de Viação que respondia à Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas.

A estrutura do governo da República organizou-se em três secretarias: Obras Públicas, Interior e Fazenda, todas subordinadas diretamente ao Presidente do Estado. As atividades referentes à distribuição de terras e a colonização eram reportadas no relatório anual de prestação de contas pela Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas. No entanto, o departamento responsável por essas atividades esteve ligado à Inspeção de Terras e Colonização da União até 1895, sob direção do engenheiro José Montauray de Aguiar Leitão. Após essa data, passou ao controle do Estado no órgão

---

<sup>8</sup> Existe uma monografia sobre a concorrência entre a navegação fluvial e a empresa ferroviária entre os documentos do Fundo de Obras Públicas (SOP, CX 54, M. 116) O texto traz as vantagens favorecendo à organização belga em detrimento às outras. Não foi objeto de estudo deste trabalho.

denominado Diretoria de Terras e Colonização(DTC), sob responsabilidade inicial de Francisco José Simch.

Entre 1890 e 1897 o governo da União proporcionou transporte gratuito aos imigrantes, através de contratos com companhias de navegação. Foram feitas propagandas em várias cidades da Europa, distribuídos panfletos, os agentes recrutadores ganhavam por “cabeça” e isso provocou a maior leva de imigrantes até aquele momento. Muitos dos que vieram eram moradores da Polônia sob dominação russa. Os que se dirigiram para o Rio Grande do Sul foram dispersos em várias colônias. A DTC não estava preparada para receber o grande movimento migratório polonês, que ficou conhecido como “febre brasileira” (*goraczka brasylijska* em polonês). A diretoria precisou se reorganizar e foram introduzidas reformas que estabeleceram uma comissão encarregada por cada colônia que deveria ser composta de: chefe, escriturário, médico e farmacêutico (SOP, 1894, p. 6).

Entre 1893 e 1895 aconteceu a Revolução Federalista, evento que praticamente interrompeu a imigração no Estado. As colônias do Rio Grande do Sul, além de algumas de Santa Catarina e do Paraná sofreram os reflexos desta guerra civil. Grupos revolucionários invadiram propriedades e tomaram os alimentos e animais dos colonos. Muitos deles, que eram imigrantes, pediram repatriamento, ressarcimento ao governo e alguns decidiram mudar de colônia. Este foi o caso, por exemplo, dos imigrantes russos, letos, que estavam instalados na colônia Dom Feliciano e que, num primeiro momento, retornaram à Porto Alegre, para depois se instalarem em Ijuí (Linck, 1958, 285-292).

Quando a administração das Colônias passou para as unidades da federação, a União se manteve responsável pelo transporte do imigrante até o Estado. A verba orçamentária transferida (200 contos de réis) para todas as outras despesas foi considerada insuficiente para atender o movimento de entrada da época, principalmente pela grande onda migratória de 1890 a 1891. A partir do valor recebido, o secretário Parobé estabeleceu um limite de entrada de até 1.500 imigrantes por ano (SOP, 1895, p.6,15). Ele restringiu o número de dias de hospedagem, alimentação e valor inicial de auxílio ao imigrante. Parobé comentou das dificuldades do Estado para assumir o serviço, demandando também uma nova seção dentro da secretaria para administrá-lo. Sugeriu o aumento da verba ou que o serviço fosse totalmente subsidiado pela União. Entendia que as vantagens eram maiores para a União e temia que o movimento

migratório se desviasse do Estado, justo no momento em que a situação estava mais calma pós-revolução Federalista (SOP, 1895, p. 8).

De 1897 a 1906 as imigrações seguiram somente de forma espontânea, sem subsídio da União e, com isso, há uma queda no movimento, em média 1.175 imigrantes entrados por ano (SOP, 1908). O subsídio de viagens da Europa ocorreu somente através das colônias particulares. Os particulares lucravam com a venda dos lotes, pois praticavam um preço bem acima do estabelecido nas colônias públicas. Entre os espontâneos eram registrados imigrantes que chegavam do Rio da Prata, especialmente da Argentina, mas também os oriundos de outros estados brasileiros. Em 1899, o secretário relatava que as grandes levas de 1876 a 1891 haviam povoado vastíssimo território. Por um lado demonstrava preocupação com os vários problemas enfrentados pelos colonos, pela falta de infraestrutura viária, o que impedia o escoamento dos produtos e o desenvolvimento do mercado consumidor. Por outro lado, demonstrava satisfação ao acompanhar o Conde Pietro Antonelli pelas colônias italianas. As ótimas impressões levadas pelo Ministro Plenipotenciário da Itália eram enxergadas como uma influência positiva para a retomada forte da corrente migratória daquele país para o Estado. (SOP, 1899, p. 12).

Em 1906, o governo do Brasil decidiu retomar a política de subsídio de viagens, quando precisou de mão de obra barata e numerosa para a construção da ferrovia São Paulo-Porto Alegre. As despesas desde o embarque nos portos europeus até o desembarque no Estado destino foram novamente fornecidas pela União (Wenczenovicz, 2007, p. 422, 427). José Barboza Gonçalves, secretário de Obras Públicas em 1907, diferente de Parobé, concordava com a volta da imigração subsidiada. No relatório daquele ano, ele enalteceu as condições do solo e a importância de aumentar a população rural para o crescimento econômico. Para ele, o aumento da população colonial baseada apenas na imigração espontânea era muito lento e insuficiente para aproveitar a capacidade produtora do Estado. A partir do estabelecimento das bases regulamentares para o povoamento do solo nacional, através do decreto federal 6.455 de abril de 1907, União e Estado estabeleceram um novo esforço conjunto para a entrada de imigrantes. Gonçalves entendia que esta era “uma solução prática que iria atender os interesses vitais de nossa coletividade social”. (SOP, 1907). Como resultado da imigração subsidiada, no período de 1907 a 1914 mais de 48 mil imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul. A grande maioria russos, mas também

italianos, alemães, poloneses, espanhóis, portugueses, suecos, finlandeses, holandeses entre outros.

Em março de 1907, Carlos Torres Gonçalves assumiu como diretor da DTC<sup>9</sup>. Como parte das primeiras observações, ele traz os problemas relacionados à questão da posse das terras. Preocupado com uma “campanha difamatória sobre o Estado” ele traçou um histórico do caso e as medidas necessárias para resolvê-lo. No seu entender o problema com as terras era uma herança da monarquia. Apontou que antes da República houve um “esbulho das terras que fazem parte do patrimônio nacional” e demonstrou as fraudes a que estavam expostas “as terras públicas no antigo regime”. Ele ressaltou que sob a República, quando as terras devolutas passaram para os domínios dos Estados, a administração passou a ser mais vigilante, cautelosa, rigorosa, os abusos foram sendo restringidos; mesmo embaraçado com lutas civis, o governo fez o que pode contra a “escandalosa indústria das terras públicas”. Indicou entre as ações a criação de comissões para verificação e legitimação da posse das terras. Havia 9 comissões, que abrangiam 32 municípios, quase metade da área total do Estado. As mesmas foram extintas em 31 de março de 1905, por dificuldades financeiras, mas, segundo Torres, a parte “mais melindrosa e difícil da questão de terras propriamente não existia mais” (SOP, 1907, p. 67-72).

Ruckert (1997), ao resgatar o histórico da questão agrária no Rio Grande do Sul, observou que a comercialização dos lotes, inclusive por particulares, passou a estabelecer um mercado de terras, que tanto chamou a atenção do Estado como de fazendeiros e capitalistas. Os posseiros passaram a ser considerados “intrusos”. Examinando processos de legitimação de posse na região de Passo Fundo, ele identificou, entre os peticionários, os caboclos (nacionais) e camponeses colonos italianos que compraram os “direitos da terra” de posseiros anteriores. Ao acompanhar os relatórios anuais de Torres Gonçalves até o ano de 1917, identificamos que o problema da demarcação e legitimação de posses diminuiu em relação ao momento que o mesmo assumiu a administração da diretoria, mas não foi extinto como relatado em 1907. A questão da posse das terras indígenas também é um registro importante nos relatórios da SOP no período de início da República Velha. O diretor demonstrava preocupação em discriminar as terras indígenas e regularizar sua posse, apresentou o relatório “Proteção Indígenas” em 1910 (SOP, 1910, p.143). Apesar da demarcação de

---

<sup>9</sup> Carlos Alberto Torres foi diretor da Diretoria de Terras e Colonização de 1907 a 1926.

algumas terras haver ocorrido no Estado até os dias atuais não se encontra resolvida e é motivo de constante disputa entre o agronegócio e os indígenas.

Torres Gonçalves defendeu a imigração espontânea desde o momento que assumiu, estando de acordo com as orientações positivistas do governo: “Desde 1895 o Estado só recebe imigrantes espontâneos, sendo que a entrada gradual acontece sem desequilíbrio para a constituição, principalmente moral, do nosso povo, dando tempo para que a assimilação se realize” (SOP, 1908, p.90). Ele criticou o modo “vexatório” que os EUA impunha condições a seus imigrantes: “que tenham um certo capital, que não exceda determinada idade, que não sofra de determinadas moléstias, etc.”. Ele dizia ser dever de fraternidade receber a todos, exceto os malfeitores. Também defendia que a colonização, por sua complexidade, deveria ser feita somente pelo Estado. Porém, desde o primeiro semestre de 1908, quando observou o aumento da corrente migratória com subsidiados pela União, o seu “receber a todos” passa a ser “a todos que tenham meios próprios para se deslocarem e se estabelecerem sem depender do governo”. À grande leva de 1908, que ele atribuiu a propaganda feita na Europa pela Comissão de Povoamento do Solo, seguiram inúmeras reclamações dos encarregados das colônias e de imigrantes insatisfeitos (SOP, 1908, p.91). Augusto Pestana, chefe da colônia Ijuí, por exemplo, informou que os holandeses exigiam as vantagens prometidas tanto no regulamento, como nos folhetos distribuídos em várias línguas e que traziam consigo da Europa (SOP, 1908, p. 98-99).<sup>10</sup>

Em 1910, Torres Gonçalves passou a argumentar nos relatórios em defesa dos “cidadãos do interior, do nacional”. Propõe dar aos “patrícios do interior” os mesmos favores concedidos aos estrangeiros, que a partir do convívio, com a proximidade dos imigrantes iriam “adquirir hábitos de trabalho e tornar-se-iam mais úteis”. Propõe transformar o “intruso” em proprietário e evitar a devastação, o “malfeitor” em “cidadão operoso de amanhã”. (SOP, 1910, p.105-106).

Após um período de grande entrada de imigrantes e de inúmeros problemas, o presidente do Estado acata a recomendação de Carlos Torres Gonçalves e do secretário

---

<sup>10</sup> Os reclamantes eram 66 holandeses, que não se contentaram em receber as vantagens do regulamento estadual. Entraram em contato com o ministro holandês no Rio de Janeiro e exigiram as vantagens federais, no que acabaram por ser atendidos. Pestana, no entanto, alertava para os custos adicionais ao Estado. Inúmeras outras reclamações dos que chegavam, a maioria operário ou artista, o que os tornava mais exigentes pelas vantagens oferecidas pelo governo federal. Ao chegarem passavam por dificuldades por não terem conhecimento da agricultura e da vida do agricultor. (SOP, 1908, p. 98-99)

Parobé (de volta à secretaria) de receber somente imigrantes espontâneos. Em maio de 1914, Antônio Augusto Borges de Medeiros dirigiu ofício ao Ministro da Agricultura avisando que o acordo com a União para receber imigrantes trazidos pela Comissão de Povoamento do Solo seria dissolvido a partir de primeiro de julho. Segundo declarado no ofício, para o Estado não convinha mais recebê-los, dentre os motivos estavam listados: o alto custo com subsídios para estabelecer os colonos, a natureza dos elementos que constituíam a corrente migratória oficial (não agricultores), a não necessidade de introduzir grande número de imigrantes, por já estar com condições de produzir até dez vezes mais, se necessário e pelas vantagens da migração espontânea em relação a feita com “aliciados” (SOP, 1914, p. 16-17). O intuito do governo do Estado, segundo Parobé, não era mais somente povoar o solo, mas “colonizar com proveito para o indivíduo e para a coletividade”. Segundo o secretário, a população agrícola (600.000) tinha atingido um terço da população total do Estado e estava aumentando anualmente através do crescimento natural. Concluía que a população agrícola poderia até “decuplicar a produção atual se o consumo o exigir” e “não é povoar o solo do que mais necessitamos e sim dotar as regiões povoadas dos elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento, especialmente de vias de transporte” (SOP, 1914, p. 17-18).

Como exemplo da prosperidade ele citou Erechim, que por estar próxima a via férrea cresceu rapidamente atingindo 20 mil habitantes em cinco anos. Por outro lado, a falta de vias de escoamento da produção adequadas era apontada como o motivo do lento desenvolvimento da Colônia Guarani. Reiteradamente o chefe da colônia e o diretor de Terras e Colonização apontaram a necessidade de estender a via férrea até Porto Lucena, passando pelo território da colônia e propiciando uma ligação com a navegação através do Rio Uruguai, o que sabemos acabou não ocorrendo. Além dessas duas colônias (Erechim e Guarani), que passariam a ter condições de receber descendentes de antigos colonos que antes eram preteridos em relação aos novos imigrantes, seriam criadas mais duas: Santa Rosa (14 de Julho), no município de Santo Ângelo, e Fortaleza, no município de Palmeira. Santa Rosa contava no momento com “3.000 intrusos”, o que correspondia a 600 lotes. O cancelamento do acordo com a União se deu através do decreto 2098 de julho de 1914, o qual, segundo Parobé, veio a “estabelecer a imigração de forma mais conveniente aos interesses do Estado”. A prioridade passou a ser “regular terras de intrusos e estabelecer novos lotes para os descendentes de antigos colonos”. (SOP, 1914, p. 19).

Com o decreto de Borges de Medeiros extinguindo a imigração subsidiada e com o advento da primeira guerra mundial o volume da corrente imigratória caiu muito e a Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas interrompeu as estatísticas de entrada em seus relatórios. Através do Anuário do IBGE de 1948, que traz o “Mapa de Imigrantes Entrados, segundo as principais nacionalidades entre 1884-1945”, podemos constatar que chegaram em todo Brasil: 640 russos em 1915, 616 em 1916 e 644 em 1917 (Anexo I). Não temos a informação referente a entrada no Rio Grande do Sul.

### 3. PUXANDO O FIO DA MEADA - REGISTROS DA PRESENÇA RUSSA NO RIO GRANDE DO SUL

Partindo do “Título Provisório do lote 27 da linha Buriti, Colônia Guarani”, indicado por Zabolotsky (2008, p.33) como primeiro título de terra concedido a um imigrante russo da região de Campina das Missões, iniciamos a pesquisa no Fundo de Imigração, Terras e Colonização no acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul em busca de informações sobre essa colônia e os primeiros imigrantes. Ao vasculhar documentos sobre a Colônia Guarani e o chefe da comissão Clarimundo de Almeida Santos, um mundo de novas pistas e possibilidades se abriu à nossa frente. A partir dos relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios de Obras Públicas, onde existe um capítulo dedicado à Diretoria de Terras e Colonização, encontramos rastros de imigrantes russos em dados estatísticos que nos levaram a diferentes períodos e localidades.

No quadro de imigrantes entrados no Estado de 1882 a 1914, a categoria de nacionalidade “russos” encontra-se em segundo lugar, com 26.403, logo após aos italianos com 66.896, seguidas por alemães 20.461 e a “polacos” com 15.635. (SOP, 1914). Esse total representa 17% dos imigrantes que deram entrada no Estado no período. Nota-se que está discriminada também a nacionalidade “austríacos”. Pressupõe-se que alguma distinção estava sendo feita entre poloneses, austríacos e russos, mesmo este período correspondendo à dominação de parte da Polônia pelo Império Russo e parte pelo Império Austro-Hungaro e pela Prússia. Esta distinção aparece até o relatório de Obras Públicas de 1917, a partir do qual russos e poloneses foram somados na categoria “eslavos” (SOP, 1917).

Em nenhum momento da pesquisa achamos referências a uma categoria de “bielorrussos” e “ucranianos”, também não localizamos “lituanos” ou “letos” nos documentos da comissão de terras e colonização. Isso não quer dizer que não havia imigrantes dessas etnias, mas diferente dos poloneses e alemães que tiveram sua diferenciação nos registros do arquivo, mesmo quando vindo do Império Russo, não houve essa categorização. Gardolinski (1958, p. 77) citou a presença de 30 famílias de lituanos em Ijuí chegados entre 1890 e 1894 e Linck (1958, p. 284-287) registrou a

presença de 4 famílias de letos que chegaram em 1890 dirigindo-se a Dom Feliciano e outras chegando a Ijuí em 1892.

No livro *Povoadores da Colônia Guarani- 1891-1922*(AHRS, 2004), feito a partir do Cadastro de entrada de imigrantes<sup>11</sup>, encontram-se listados 21.144 indivíduos, associados a múltiplas etnias e nacionalidades. A complexidade de identificar a que categoria os imigrantes dos Impérios Russo, Austro-Húngaro e Prussiano pertenciam está presente numa variedade de classificações: austríaco, austro-húngaro, austro-italiano, alemão-russo, polaco, polaco-austríaco, polaco-russo, prussiano, russo; russo-alemão, russo-alemão-polaco, russo-L<sup>12</sup>, russo-polaca; alemão, hamburguesa, saxônica, Oldenbruguês, Hessen, Sachsen etc. No caso dos alemães, a categoria nacionalidade era atribuída muitas vezes à cidade ou região de onde procediam.

Lopreato (1970, apud Poutignat & Streiff-Fenart (1998) observou que “os imigrantes não deixavam a Itália como italianos, mas como genoveses, venezianos, napolitanos, sicilianos, calabreses, etc., e continuavam a identificar-se assim durante longo tempo, senão pelo resto de suas vidas”. Assim como Fischmann (1977) realça que “os imigrantes que se identificaram primeiramente com sua aldeia ou sua comunidade local descobriram após sua chegada na América, que eram poloneses ou eslovacos”. Essa é também nossa impressão ao analisar as listas de entrada de imigrantes nos vapores que os traziam até o Rio de Janeiro, ou nos cadastros de lotes nas colônias, como o cadastro de entrada de imigrantes da Colônia Guarani.

Nos relatórios dos órgãos do governo do Estado, aos indivíduos chegados da Europa durante o período de colonização do Brasil no século XIX e início do século XX foi atribuída uma categoria identificada pela palavra nacionalidade. Porém ao analisarmos os documentos observamos a grande complexidade envolvendo essa atribuição. A partir de uma Europa com nações em formação como foi o caso da Itália e da Alemanha, com a presença de Impérios multiétnicos como o foram o Império Russo, o Austro-Húngaro e o Prussiano, a identificação de nacionalidade se confunde ora com o nome de uma colônia/cidade de procedência, como Josefthal e Marienthal(colônias de etnia alemã no Império Russo); ora numa região como Bessarábia, Saratov; ora numa

---

<sup>11</sup>[Colônia Guarani] Cadastro de Entrada de Imigrantes. 1891-1922. (AHRS, DTC, Códice C-527).

<sup>12</sup> Os imigrantes classificados como russo-L imaginávamos poder tratar-se de “lituanos”. Ao pesquisarmos alguns deles nos vapores de chegada no Rio de Janeiro, identificamos como sendo russos-alemães procedentes das colônias do Volga, região do Império Russo, tais como Josefthal e Marienthal. Provável erro de transcrição do códice C-527 na publicação do mesmo em livro do AHRS.

etnia (polonês, polonês-russo, alemão-russo, russo-alemão); ora na identificação registrada nos seus passaportes.

O anuário do IBGE de 1948 apresenta a chegada de 48 mil russos entre 1908 e 1914. Aparentemente o recenseamento desses anos englobou em uma “identidade comum” vários dos povos eslavos recém-chegados. Não há uma clara distinção entre poloneses e russos, ou poloneses e austríacos, por exemplo. Esse fenômeno pode ser interpretado como “particularmente visível” por Poutignat e Streiff-Fenart (1998), quando “exo-definições globalizantes são feitas baseadas em similaridades simplificadoras, presentes comumente nas situações migratórias”.

Observamos que à medida que mais imigrantes chegaram dos impérios multiétnicos, uma diferenciação maior foi sendo atribuída pelos funcionários que registravam a entrada no país. Não conseguimos identificar o quanto foi por autodefinição do imigrante e o quanto foi por iniciativa e maior convívio e conhecimento das diferenças étnicas dos funcionários<sup>13</sup>. “Russos” no passaporte passaram a ser “polacos”, “teuto-russos”, “alemães-russos”, “russos-alemães”, “polacos-russos”, até uma identificação complexa como “polacos-russos-alemães”<sup>14</sup>. Gertz (2010, p. 58-59) indica a presença de alemães no Império Russo desde o reinado de Catarina II (1762-1796). A fim de atrair imigrantes que ajudassem a colonizar a região junto ao Rio Volga, a czarina prometeu liberdade religiosa, cultural, facilidade para adquirir terras, isenção de impostos por dez anos e liberação do serviço militar. Estabeleceram-se colônias homogêneas em sentido étnico e religioso que se mantiveram até por volta de 1870, quando começou a russificação, com a perda de vários dos benefícios antes oferecidos. Segundo o historiador, os colonos alemães não se restringiram ao Volga, também se localizaram em regiões como a Sibéria, a Volínia (hoje Ucrânia) e na região da Polônia sob domínio russo. Entendemos que são esses últimos, os identificados como “polacos-russos-alemães”.

Nos documentos de entrada dos imigrantes pelos vapores que chegavam aos portos brasileiros, guardados no Arquivo Nacional, podemos observar que todos que possuíam passaporte russo, assim foram designados. Entre eles encontravam-se também: ucranianos, bielorrussos, poloneses e alemães. Uma diversidade de povos

---

<sup>13</sup> O mesmo funcionário, Egydio Enderle, por anos (desde 1895) recebeu os imigrantes em Rio Grande, o mesmo acontecendo com Wenceslau Zielinski em Porto Alegre. Zielinski era também o escrivão responsável por montar as estatísticas dos relatórios da Diretoria de Terras e Colonização no Rio Grande do Sul. Sendo Zielinski um sobrenome associado à etnia polonesa.

<sup>14</sup> Entendemos que teuto-russos, russos-alemães e alemães-russos são três diferentes identificações para o mesmo grupo étnico, mantivemos a informação como na fonte referenciada.

denominados “russos” refletindo o momento histórico em que estavam inseridos. Relacionamos nesse ponto o problema da atribuição categorial descrito entre os problemas-chave recorrentes no campo da etnicidade: “os atores identificam-se e são identificados pelos outros na base da dicotomização Nós/Eles, estabelecida a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações sociais” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 141). Dentro das descobertas dos estudos envolvendo a etnicidade, uma das mais importantes, é de que ela “nunca se define de maneira puramente endógena”, ela “se constrói nas relações entre os membros de um grupo étnico em particular e a categorização feita pelos não membros”. A relação dialética entre as definições exógena e endógena da pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 142).

Durante essa pesquisa nos deparamos com “processos de etiquetagem e de rotulação” por funcionários da Diretoria de Terras e Colonização. O caso mais marcante foi a categorização exógena de “russos barbados e russos pelados” feita por Clarimundo de Almeida Santos, chefe da comissão da Colônia Guarani. Mas houve outras, como os imigrantes classificados em “preferíveis e não preferíveis” para a colonização: “Continuam sendo preferíveis os alemães, austríacos, polacos e russos, que em sua maioria adaptam-se ao nosso solo, e aos nossos costumes e são trabalhadores; os outros, ou seja, pela dificuldade de aclimatação, ou por não serem agricultores, dão péssimo resultado” (SOP, 1912, p. 135).

### **3.1. QUEM SÃO OS 400 RUSSOS DE SILVEIRA MARTINS?**

Nas estatísticas do Estado as únicas informações anteriores a 1890 registram 16 russos chegando em 1886 e 3 em 1888. Não há outros dados nos relatórios sobre a presença russa anteriores a essas datas. Porém, Stawinski (1976, p.27-28) encontrou num relatório da Assembléia Legislativa de 1878 a referência a cerca de “400 russos que estavam estabelecidos em um núcleo colonial de Santa Maria do Monte, abandonaram-no e vieram para a capital...”. Ao nos depararmos com essa informação, sentimos necessidade de fazer pelo menos uma averiguação básica, já que o período não

havia sido incluído no foco inicial de nossa pesquisa, mas ao mesmo tempo envolvia um número grande de imigrantes. O relatório informava que todos haviam abandonado a colônia. Stawinski identificou esse grupo como poloneses que haviam sido direcionados à colônia Silveira Martins e seriam oriundos da região central do território da Polônia que estava sob domínio russo. Ele também verificou que nem todos abandonaram a colônia, alguns deles migraram para a região de Cruz Alta e cercanias.

Por outro lado, Simonetti (2008) a partir de outros autores levanta a hipótese de esses 400 russos serem de etnia alemã.<sup>15</sup> Baseando-se no livro sobre genealogia russo-alemã do Padre Luiz Sponchiado, ela apresenta-os como russo-alemães, cuja primeira leva teria chegado a Porto Alegre em 1877. Os imigrantes teriam vindo de Saratov, uma região do Império Russo, viajando sem subsídios do governo (espontâneos) e, ao chegarem, foram direcionados à Santa Maria. Segundo esta pesquisadora, outras levadas chegaram ao Estado durante aquele ano. Em outubro, após uma grande estiagem, começaram a ser dizimados por doenças tropicais. Os sobreviventes deixaram a colônia, alguns indo para o Paraná, outros para Ijuí e Argentina. Ela relata a dificuldade de identificação de quem eram esses 400 indivíduos, apresentou as várias “crenças locais” acerca da identidade deles, entre elas a possibilidade de que teriam sido dizimados por uma peste. Associou essa crença a uma investigação da Secretaria da Cultura do Município, que em 1991, solicitou um trabalho de busca ao cemitério, onde estariam enterrados prováveis “italianos ou poloneses”. O trabalho foi liderado pelo professor José Otávio Catafesto, na época fazendo parte da equipe da PUCRS.

Outro ponto que a pesquisadora trouxe é referente à questão religiosa. Ela acreditava que ao identificar o credo, poderia-se elucidar quem eram afinal os 400 russos que chegaram antes dos italianos na colônia: “como alemães poderiam ser protestantes, como russos seriam ortodoxos e também há a hipótese dos poloneses, que em sua maioria, são católicos” (Simonetti, 2008, p.16). A partir da data da primeira leva de russos informada por Simonetti fizemos uma pesquisa nos navios que chegaram dos portos de Bremen e de Hamburgo em 1877<sup>16</sup>. Nas listas de passageiros dos navios

---

<sup>15</sup> Simonetti (2008, p. 15-16) apresenta várias hipóteses sobre a origem dos 400 russos: seriam poloneses segundo o agente consular italiano Umberto Ancarini; seriam alemães segundo um pesquisador, Romão Beltrão; seriam russos-poloneses-alemães segundo Rosane Bonvilini Toldono.

<sup>16</sup> INSPECTORIA GERAL DAS TERRAS E COLONISAÇÃO: Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio Grande do Sul o barco Argentina entrado a 16 de fevereiro de 1877; Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio Grande do Sul o barco Buenos Aires entrado a 01 de

que chegaram até março de 1877, há 241 passageiros de nacionalidade russa destinados ao Rio Grande do Sul. Todos eles oriundos de colônias alemães do Volga, da província de Saratov no Império Russo: Balzer, Pfeifer, Kamenka, Marienberg, Marienfelder, Köhler e Wonneberg. Nas colônias alemães do Volga não havia somente alemães protestantes, também havia católicos. Entre os 241 passageiros, 191 declararam-se católicos, 47 evangélicos e 3 foram registrados como “diversos” no campo de informação da religião.

Os resultados dessa amostra dos navios de 1877 traz um novo questionamento à posição de Stavinski de que os 400 russos seriam todos poloneses. Pelo menos parte deles seriam russos-alemães e não teriam vindo da parte central da Polônia. Quanto à hipótese de Simonetti de que se fossem alemães, deveriam ser protestantes, também não se mostra totalmente válida em face dos alemães católicos das colônias do Volga que aqui chegaram. Não consideramos a questão resolvida, só abrimos outras possibilidades. Ainda restam documentos da colônia Silveira Martins e da colônia Jaguari (onde há registros de que alguns se deslocaram) para serem examinados a fim de se entender melhor a composição étnica dos 400 russos de 1877.

### **3.2. ESPALHADOS NAS LEVAS DE 1890 A 1896**

As estatísticas da Diretoria de Terras e Colonização apresentaram 7.822 russos dando entrada no Estado em 1890 e 660 no ano de 1896. Não localizamos os relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas sobre os anos de 1890 e 1891. No relatório de 1892 não há qualquer informação sobre o que ocorreu durante esses dois anos, que representaram o auge da “febre brasileira”, o pico da corrente migratória ao Brasil. No entanto, o jornal *A Federação*, em sua edição 158 de janeiro de 1891 reproduziu na primeira página a matéria “Emigrantes Russos”. O artigo criado pelo correspondente em Paris do *Jornal do Commercio do Rio* havia sido publicado em 30 de maio e criticava o grande volume de imigrantes russos recebidos no país:

---

fevereiro de 1877; Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio de Janeiro o barco Montevideú entrado a 03 de março de 1877.

Ainda não é tempo de escrever a história da imigração para o Brasil, desse êxodo extraordinário de súditos do czar saídos para o nosso país saídos do governo de Grodno, Kalisz, Radom, Varsóvia, etc. Parece certo que o iniciador desse movimento só tinha em vista chamar para nossa terra os russos alemães, e que, conforme sua expressão pitoresca, os polacos católicos e os judeus russos, entraram na dança sem ser convidados. O fato é que desde junho do ano passado, a emigração desses elementos foi tomando vulto. Dois, três, quatro, cinco mil súditos de s.m. Alexandre III, Alexandrovitch, imperador e autocrata de todas as Rússias, podiam ser um fator muito aproveitável para nossa lavoura. Vinte e cinco ou trinta mil, acolhidos sem discriminação, recebidos sem exame deviam por força dar-nos o trabalho que nos estão dando (a grafia foi atualizada ).

O ex-conselheiro do Império e aristocrata cafeicultor Antônio Prado havia questionado se os candidatos a imigrar dessa procedência eram trabalhadores que convinham e estavam aptos à lavoura. O correspondente, que afirmou utilizar-se de “fonte limpa”, relata que em janeiro de 1891, o conselheiro descobriu que os imigrantes eram “exigentes fanáticos e mal preparados para as lides agrícolas” e rapidamente tomou medidas para refrear a imigração. Sua ação, porém, não surtiu efeito, pois pelos contratos vigentes não se poderia barrar os “russos e polacos”, além do que, assinala o jornalista, “os polacos e judeus russos estavam dispostos a enfrentar até as balas dos guardas das fronteiras” para fugir da repressão do czar. Precisava-se reter essas “levas de imigrantes inúteis e nocivos, que além de arruinar as finanças da República sem proveito, arruinaram nosso crédito de povo apto para a colonização, frente os governos e a imprensa da Europa”. Então, usando de um artifício de exigir documentação do governo que comprovasse serem agricultores e de que não possuíam condenação criminal, os agentes consulares passaram a recusar os vistos para os imigrantes. Um telegrama chegado de Berlim informava que “A miséria e o desespero são o triste lote dos emigrantes russos que, de vez em quando, atravessam essa cidade às centenas dirigindo-se a Hamburgo e Bremen no intuito de ali embarcarem para a América”. Observamos nesse artigo uma clara discriminação e preferência étnica. De forma explícita e aberta, publicado em um jornal do partido do governo, os russos-alemães são declarados como preferidos em detrimento de poloneses e judeus.

René Gertz (2010, p.56-57) questionou: “Em que medida faz sentido falar de um objeto histórico chamado “teuto-russos” no Brasil?” Aqui, nesta pesquisa, encontramos vestígios da diferenciação feita não somente entre as diversas procedências dos alemães, mas entre os alemães-russos e outras etnias. Uma distinção tanto das autoridades, que

estimulavam a vinda dos imigrantes alemães, quanto da opinião expressa num senso comum na mídia da época. A ideia de que havia uma espécie de hierarquia entre as etnias, sendo umas melhores do que as outras para o trabalho e para a formação do povo brasileiro.

Analisando os cadastros de Alfredo Chaves e Jaguari, duas das colônias abertas a receber imigrantes no período, localizamos, além dos italianos e alemães, grande número de alemães-russos e poloneses-russos. E, mesmo entre os identificados como russos, indivíduos com sobrenomes de provável origem alemã ou polonesa. O que nos leva a concluir que o movimento dessas levas foi de russos periféricos, não étnicos, segundo a classificação de Ruseishvili (2016). E, respondemos afirmativamente a outra questão trazida por Gertz (2010, p. 58): se há alguma contribuição ou se representa algum diferencial que merecesse ser evidenciado, analisado por uma entidade “teuto-russos” no Brasil. Nosso entendimento é de que sim, importa estabelecer essa diferença para compreendermos o quanto de russos que vieram eram russos étnicos ou periféricos. E isso, por sua vez, nos ajuda a esclarecer o porquê, apesar dos altos volumes de entrada registrados nas estatísticas da Diretoria de Terras e Colonização (cerca de vinte e seis mil entre 1890-1914), a representatividade da etnia russa está hoje restrita a uma pequena região do Estado.

Ao estudarmos uma amostra de 5 dos 22 vapores procedentes de Bremen e com desembarque no Rio de Janeiro em 1890<sup>17</sup> detectamos que a grande maioria dos passageiros eram registrados como russos, agricultores, católicos ou protestantes. Os sobrenomes dos passageiros eram majoritariamente poloneses ou alemães. No vapor Stuttgart chegaram 2.521 passageiros de 3ª. Classe, sendo somente 23 espontâneos. Durante o trajeto houve 7 nascimentos e 20 mortes, a maioria de crianças. Os membros da família Nowatka (Hypolito, pai, 30 anos; Marianna, mãe, 30 anos; Wladislau, filho, 7 anos; Thomas, filho, 5 anos; Rosalie, filha, 1 ano) constam como passageiros russos listados entre os números de ordem 180 e 184 e a menina Rosalie foi uma das crianças que faleceu a bordo. Nos deparamos com essa família novamente na Relação de Entrada dos Imigrantes da Colônia Guarani, oito anos depois, chegando em 24/11/1898 e identificados como “poloneses” (AHRs, 2004, p. 24-25).

---

<sup>17</sup> REPARTIÇÃO CENTRAL DAS TERRAS E COLONIZAÇÃO. Movimento. Relação dos Passageiros do Vapor Baltimore chegado em 21/08/1890; Relação dos passageiros do Vapor Meain chegado em 19/09/1890; Relação dos Passageiros do Vapor Koln chegado em 08/10/1890; Relação dos Passageiros do Vapor Stuttgart chegado em 29/10/1890; Relação dos Passageiros do Vapor Kronprinz Friedrich Wilhelm chegado em 17/12/1890 (SIAN - Sistema de Informação do Arquivo Nacional).

O governo não estava preparado para receber uma quantidade tão alta de pessoas de uma só vez. Segundo informações do livreto de Rébrin, traduzido por Bytsenko (2006, p. 115-118), em Porto Alegre os imigrantes estavam amontoados nas hospedarias, que com capacidade para 2500 pessoas, chegaram a receber o dobro. “No ano de 1890-1891 os migrantes morriam devido ao excessivo amontoados de pessoas e, por conta da alimentação precária, morriam 25 pessoas diariamente”. Eles ficavam esperando dias, pois não havia lotes demarcados para todos. Quando finalmente chegavam à colônia, passavam por dificuldades: terrenos extremamente íngremes; árvores grossas por derrubar, sem ferramentas adequadas; barraco improvisado como casa; doenças como verminoses, bicho de pé; cobras. Rébrin descreveu a intervenção do cônsul russo Pierre Bogdanoff, ao saber das dificuldades dos imigrantes e seus pedidos de repatriamento:

Quando eu cheguei a Porto Alegre, 678 pessoas que haviam deixado as colônias Alfredo Chaves estavam no abrigo; depois esse número subiu para 900; conseqüentemente houve aumento da sujeira, da mortalidade e das larvas nas bolachas. Nem as exortações das autoridades espirituais, nem as forças militares podiam obrigá-los a voltar para as colônias (Rébrin traduzido por Bytsenko, 2006, p. 117).

De acordo com as palavras de Rébrin (Apud Bytsenko, 2006), a propaganda de agentes que ganhavam por cabeça, “não importa a etnia” e a viagem subsidiada levaram indivíduos que “passavam fome na Rússia a passar fome no Brasil”. Depois tentavam o repatriamento ou fugiam para a Argentina. Apesar de alguns exageros, como “fugiram a nado pelo Rio Uruguai”, muito do que disse Rébrin foi referendado por pesquisadores da imigração polonesa no Brasil. Stawinski, responsável pela tradução do material deixado pelo padre Wonsowski (1976) conta história semelhante sobre os imigrantes que estavam hospedados em Porto Alegre. Poloneses descontentes e exaltados não só se recusavam a ir para as colônias, como exigiam a repatriação<sup>18</sup>. Naquela época, o cônsul geral russo, assessorado pelo Padre Sigismundo Chelniki fez intensa campanha em favor da repatriação dos imigrantes poloneses, súditos do Império Russo:

---

<sup>18</sup> Nos deparamos com registros da “revolta dos polacos” de autoria de José Montauray no material da Colônia Alfredo Chaves, descrevendo distúrbios provocados por colonos que não queriam trabalhar e reclamavam dos lotes no núcleo Antônio Prado e na colônia Alfredo Chaves. O objetivo deste trabalho não foi exaurir as informações recolhidas sobre os poloneses-russos, mas acreditamos que talvez ainda existam oportunidades de explorar mais os registros dessas colônias.(AHRs, SOP, CX 25A).

Iludido pelas promessas do cônsul russo, o núcleo de poloneses das Colônias Jaguari e Silveira Martins, abandonou seus lotes rurais, regressando para Porto Alegre, na esperança de que ele iria cobrir as viagens de despesas de volta. Aqui, porém, ficaram sem eira, nem beira. Alguns se dispersaram pela cidade de Porto Alegre. Outros migraram para Santa Catarina e Paraná, sem, contudo, conseguir o prometido vapor que os devia repatriar (WONSOWSKI, 1976, nota 3, p. 24).

### **Alfredo Chaves:**

A partir da menção da colônia de Alfredo Chaves, retornamos as fontes em arquivos. O cadastro de imigrantes da colônia Alfredo Chaves, referente ao período de 1888 a 1892 contém inúmeras páginas com indivíduos identificados como “russos”<sup>19</sup>. Conhecida como uma colônia de maioria italiana, ela recebeu também alemães, prussianos, poloneses e russos. O início de sua formação em 1884 foi a partir de migrações espontâneas, mas a partir de 1890, momento do retorno do subsídio às viagens da Europa, passou a receber maior volume de imigrantes russos. Por exemplo, ao percorrer o cadastro, identificamos: “Wladislawa Douchouska”, agricultor, solteiro, que chegou com 17 anos em 14/10/1890, tem um nome tipicamente polonês, comum no século XIX à área restrita do que hoje é território da Polônia. O que nos leva a deduzir que muitos dos “russos” recém-chegados à Alfredo Chaves eram da etnia polonesa que estava sob domínio do Império Russo e assim foram registrados no cadastro. Segundo Wonsowski (1976) esses imigrantes eram originários de Varsóvia, Kalisz, Plock e arredores. Alguns dirigiram-se para Colônia São Marcos; outros para o Campo dos Bugres, Colônia Caxias e Nova Trento e, outros para Alfredo Chaves e Antônio Prado (Wonsowski, 1976, p.10-11).

Entre várias histórias pitorescas que o padre registrou, encontra-se a visita do cônsul russo, por volta de 1892. Chegou aos colonos a notícia de que o cônsul chamava a todos para uma assembleia na sede, onde foi oferecido um banquete “sui generis”, envolvendo “sopas, massa, carne, pão e bebidas finas”. Conta o padre que acorreram muitos convivas e satisfeitos levantaram vivas ao generoso cônsul. No final do banquete, servindo-se de intérprete do colono João Preczewski, ex-oficial da guerra turca, o cônsul trouxe alvissareira notícia:

O Imperador Alexandre III, soberano senhor da Rússia, deseja ardentemente a felicidade para todos os seus súditos,

---

<sup>19</sup> [ALFREDO CHAVES]. Registro de Imigrantes. 1888-1892. (AHRS, DTC, SA071).

especialmente para os poloneses dentro dos limites do seu Império. A troco de que se obstinam os colonos poloneses a levar aqui uma vida de pobres marginalizados? O Imperador prontifica-se a financiar as despesas de viagem para todos os que desejarem regressar para a Polônia. Cada qual pois, que reflita e dê a resposta, escolhendo entre ficar aqui na miséria e o voltar para o país, onde correm leite e mel” (WONSOWSKI, 1976, p. 24-25).

Os colonos discutiram o assunto, alguns achavam bom voltar para terra natal, outros viram a proposta como uma armadilha que os levaria de volta a escravidão. Concluíram que seria melhor a liberdade precária do que as “aliciantes promessas do cônsul moscovita”. Propuseram de volta: “Se a Polônia recuperar a liberdade e autonomia, concordaremos ser repatriados. Mas se não, então NÃO!”. E Bogdanoff foi embora com seus malogrados planos (Wonsowski, 1976, p. 25).

Ainda sobre o cadastro de imigrantes da colônia (1888-1892) encontramos movimentação de colonos russos vindos de Caxias.<sup>20</sup> É o caso do agricultor Johan REPKE, 46 anos, casado com Juliana, 42 anos, e seus filhos: Gotteich, 12 e Ernesto, 8. Eles chegaram em 05/08/1890. Na mesma data nota-se outros russos da mesma colônia com sobrenome alemão, tais como: Kaiser, Neumann, Schröder, Klein. Acreditamos que seriam alemães-russos, ou teuto-russos. Outra fonte são os documentos da colônia Alfredo Chaves do ano de 1891, onde existem listas de pessoas na Europa que gostariam de reunir-se com parentes na colônia. Dentre elas constatamos no campo “Residência: Rússia”, seguido de nomes de cidades tais como Varsóvia, Plotz, Kalisk, todos na região central da Polônia sob domínio russo<sup>21</sup>.

Stawinski (1976, p. 42-82)) mapeou o direcionamento nas colônias dos poloneses que chegaram na década de 1890 ao Estado. Descrevendo a viagem de forma penosa, semelhante ao que foi dito por Rébrin (Bytsenko, 2006), o autor indicou que a maioria dos imigrantes preferiu dirigir-se à região colonial. O processo de demarcação e distribuição dos lotes era demorado. Nessa época, segundo Stawinski, é que começaram a surgir os primeiros núcleos mais importantes de imigrantes poloneses no Estado: Silveira Martins, Jaguari e Ijuí na região central; Rio Grande, Pelotas, Mariana Pimentel, São Brás e Dom Feliciano, na região meridional; Santo Antônio da Patrulha e Baixa Grande, no litoral; Nova Petrópolis, Conde D’Eu, Dona Isabel, Santa Bárbara, Santa Teresa, São Marcos, Antônio Prado, Alfredo Chaves (Veranópolis), Capoeiras

<sup>20</sup> [ALFREDO CHAVES]. Registro de Imigrantes. 1888-1892. (DTC, SA 071)

<sup>21</sup> [ALFREDO CHAVES}. Relação das pessoas que desejam reunir-se a seus parentes na colônia Alfredo Chaves. 1891. (SOP, Caixa 25A).

(Nova Prata), Boa Esperança (na Colônia Guaporé, depois Vespasiano Corrêa) e São Luís da Casca na região serrana ao norte da capital. Muitos deles deslocaram-se depois para outras colônias, sendo que em grande número foram para a Colônia Guarani fundada em 1891. No cadastro desta colônia (AHRS, 2004) identificamos a movimentação oriunda de Ijuí, Jaguari, Silveira Martins, Alfredo Chaves e várias outras. O caso mais destacado de nova migração relatada por Stawinski é a que ocorreu em 1907 com os poloneses de São Marcos. Os colonos da conhecida “São Marcos dos Polacos” mudaram-se para Erechim, nos núcleos Rio do Peixe e Paiol Grande incentivados pelo Padre Antônio Cuber.

Sobre a presença de poloneses-russos, considerados súditos do Império Russo, ao examinar os documentos do consulado no AHRS<sup>22</sup>, achamos outra intervenção do cônsul Bogdanoff. Em maio de 1893, ele enviou um telegrama ao vice-cônsul em Porto Alegre, Luiz Lara de F. Palmeira, pedindo informações referente a um fato criminoso ocorrido na colônia em Nova Trento (Flores da Cunha), que tomou conhecimento através do jornal *L’Italiano* publicado em abril de 1893. Palmeira dirigiu ofício ao chefe de polícia do Estado: Dr. Antônio Antunes Ribas pedindo esclarecimentos. Há um recorte do jornal com a notícia do assalto praticado por três brasileiros a duas casas na colônia, uma delas de poloneses, onde os assaltantes mataram Michele Moskoski e sua mulher Catarina. Não há registro da resposta da polícia no acervo dedicado ao consulado do AHRS. Também não localizamos notícias sobre o fato no *Jornal A Federação*.

### **Jaguari**

Nas estatísticas da colônia Jaguari de 1895 aparecem 366 colonos sobre a nacionalidade “Russos-polacos”: 128 em Jaguari (município São Vicente), 218 em Ernesto Alves (município São Thiago do Boqueirão), 20 em São Xavier (São Martinho) (SOP, 1895, anexo 3). Todos esses eram núcleos que compunham a colônia naquele período. No mapa de entrada de imigrantes no Estado por nacionalidade de 1886 a 1894 elaborado pela DTC, polacos e russos estão em categorias separadas, totalizando 8370 e 7858 respectivamente.

---

<sup>22</sup> CONSULADO RUSSO. Ofício 24 de 27 de maio de 1893 de Luiz Lara de F. Palmeira, vice-cônsul russo, dirigido ao chefe de polícia do Estado. Recorte do jornal *L’italiano* de abril de 1893. (AHRS, CN-23).

O cadastro de registro de imigrantes na colônia foi a fonte do livro *Gênese da Colônia Jaguari*. Marchiori (2000) compilou os dois códices referentes aos primeiros anos da colônia (1888-1906)<sup>23</sup> Após muitos meses de trabalho no AHRS atrás de fontes primárias para organizar um texto sobre os pioneiros da História de Jaguari, o autor conta a emoção de se deparar com o cadastro, exatamente como previu o Diretor de Terras, Carlos Torres Gonçalves em 1912: “a organização dos dados das colônias em cadastros é essencial... histórico de concessão de lotes, única fonte segura para dirimir dúvidas” (SOP, 1912, p. 77). Para produzir seu livro “*A Gênese...*” Marchiori percorreu paróquias e cemitérios da região, assim temos à disposição uma série de notas de rodapé com informações complementares sobre os imigrantes e suas famílias.

Localizamos imigrantes identificados como russos em várias páginas e as datas de chegada correspondem a 1890, 1892, 1896. Em alguns casos há indicação sobre o abandono da colônia. No livro há 203 imigrantes russos, sendo 51 chegados antes de 1896 e 157 em 1896. Marchiori (2000) também enfrentou dificuldades para identificar a origem dos imigrantes:

A questão da nacionalidade, por vezes encerra problema de difícil superação. Acontece que, ao final do século XIX, os limites dos países europeus diferiam dos atuais, tornando-se necessário conhecer a procedência exata do imigrante para se elucidar esse ponto, tanto à época da imigração como na atualidade (MARCHIORI, 2000, p. 13).

Analisamos um exemplo dessa dificuldade de identificação com o caso do imigrante Alexander Jakobowski: “Alexander Jakobowski (n. 1310), russo, 24 anos, alfabetizado, casado com Anna Jakobowski (n. 1311), russa, 26 anos, alfabetizada; entrada e estabelecimento: 25-10-1890. Abandonaram a colônia” (Marchiori, 2000, p. 87). Ao pesquisar a colônia Guarani, através do livro “*Povoadores da Colônia Guarani*” (AHRS, 2004), encontramos: “Jakubowsky, Alexandre, 33, cas, alf., Anna, 34, cas., alf.; Stanislau, 8; Romão 6, bras.; Alexandre, 4, bras.; Edmundo, 2, bras; pol.; chegada: 28-3-1899. Reg. 1486-1491” (AHRS, 2004, p. 25). Ao cruzar ambos os cadastros, pensamos tratar-se da mesma família que chegou ao Estado em 1890, estabeleceu-se em Jaguari, depois abandonou a colônia e migrou para Guarani em 1899. Nesse meio tempo, o casal teve quatro filhos. Ao chegar foram identificados como russos, depois na

---

<sup>23</sup>Marchiori (2000) compilou as duas fontes de cadastro da colônia Jaguari: [JAGUARI]. Registro de Imigrantes 1888-1891 (AHRS, DTC, SA 084) e Registro dos Imigrantes 1888-1906 (AHRS, DTC, SA290). Para nossa pesquisa utilizamos o livro de Marchiori.

entrada da Colônia Guarani, como poloneses. Stawinski (1976, p. 46) identificou 100 famílias de poloneses chegando a Jaguari em 1890, incluindo a família de Wojciech Jakubowski.

Outro caso que investigamos foi o da família de Friedrich Elsner e de Eduardo Elsner, 18 pessoas que chegaram a Jaguari em 10/08/1896. Eles desembarcaram em 14/05/1896 no porto do Rio de Janeiro, no vapor Graf Bismark.<sup>24</sup> O navio transportava 446 passageiros, 193 espontâneos e 253 contratados, sendo 69 russos, dentre esses os imigrantes da família Elsner que se estabeleceram nessa colônia. A lista geral de passageiros, preparada pelo intérprete auxiliar Christiano Wolding da Repartição Central das Terras e Colonização, não incluía o local de procedência dos imigrantes, apenas o porto de embarque, sendo que os russos embarcaram em Bremen, com exceção de uma família que saiu da Antuérpia. Além dos russos, embarcaram austríacos e alemães em Bremen.

Entre os documentos da colônia existem algumas listas de colonos enviando cartas a parentes na Europa convidando-os para virem ao Brasil. Numa destas listas, do ano de 1891, identificamos nove famílias enviando cartas com país destino: Rússia. Os sobrenomes são tipicamente poloneses<sup>25</sup>

### **Guaporé:**

Nos cadastros de imigrantes chegados através do porto em Porto Alegre existem vários registros de imigrantes russos direcionando-se a Colônia Guaporé, Ijuí e Guarani, com datas desde 1900<sup>26</sup>. É o caso, por exemplo, de Casemir Tamulsenmer de 50 anos que chegou em Porto Alegre em 10/10/1900 e partiu para Guaporé em 14/10/1900 junto com a esposa e cinco filhos. Identificado como russo, acatólico (essa categoria aparece em alguns documentos atribuída a quem não pertencesse a religião católica apostólica romana) e que não sabia ler<sup>27</sup>. O mesmo caso de Jacob Lubnez, 41 anos, russo, acompanhado da esposa e três filhos, chegou em agosto e no mesmo mês foi

---

<sup>24</sup> Repartição Central das Terras e Colonização. Movimento. Lista Geral de Passageiros do Vapor: Graaf Bismark. 14/05/1896 (SIAN, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.5584).

<sup>25</sup> [COLÔNIA JAGUARI]. Relação nominal de cartas de imigrantes desta colônia dirigidas a compatriotas seus na Europa, convidando-os a migrarem para o Brasil. 1891 (AHRS, SOP, CX 25A).

<sup>26</sup> [Diretoria de Terras e Colonização]. Registro de Movimentação de Imigrantes para as colônias. 1900-1901 (AHRS, DTC, SA077); 1902 (AHRS, DTC, SA078); 1907-1908 (AHRS, DTC, SA079).

<sup>27</sup> *ibid.* 1902 (AHRS, DTC, SA078, registro 274).

direcionado à Guaporé. Consta que recebeu auxílio para abrir caminhos vicinais e ferramentas.<sup>28</sup> Thomé (1996) que escreveu sobre a “Colônia do Guaporé” comenta que já havia 7.000 habitantes no local em 1896, a maioria italianos, mas também diversas outras nacionalidades como: poloneses, alemães, russos e austríacos (Thomé, 1966, p.41). Há outros rastros para outras colônias. Por exemplo, no mapa estatístico de 1907 (SOP, 1907) havia quatro russos deslocando-se para Barão do Triunfo.

---

<sup>28</sup> *ibid.* 1902. (AHRS, DTC, SA078, registro 218)

### 3.3. CONCENTRADOS NAS COLÔNIAS DO NOROESTE DE 1908 A 1914

Nos registros do AHRs localizamos a concessão de lotes para imigrantes russos para a região Campina começando no período de 1910 e intensificando-se até 1914, sendo que a primeira leva de concessão foi em fevereiro de 1910 na Linha Buriti. De forma contínua entre 1908 e 1914 chegaram 17.428 imigrantes identificados como russos. Eles foram alocados majoritariamente nas duas colônias que estavam abertas à entrada de colonos em 1908: Ijuí e Guarani. Ijuí estava com os lotes quase completamente preenchidos e encerrou as atividades como colônia em 1911. Nesse período recebeu 857 imigrantes russos, porém constatamos que já havia presença russa em uma data anterior, visto que uma escola particular em língua russa foi reportada nos relatórios anuais da Secretaria de Obras Públicas entre 1906 e 1911. A partir de 1910, com o início da concessão de lotes em Erechim, essa colônia também passa a receber imigrantes russos.

Entrada de Imigrantes russos por colônia RS - 1908 a 1914

Ano	Ijuhy	Guarany	Erechim	R.Grande	PoA	Diversos	Russos	Imig.Geral	%russos	acatholico	agricultor
1908	467	1748	0	4	75	0	2294	4117	55,72%	1225	2219
1909	236	3085	0	21	249	0	3591	6040	59,45%	2625	3482
1910	127	793	179	19	89	0	1207	3583	33,69%	964	1103
1911	27	513	639	12	54	0	1245	7790	15,98%	1039	1179
1912	0	1458	479	6	206	38	2187	7700	28,40%	2125	1940
1913	0	1928	2271	7	690	474	<b>5370</b>	9890	<b>54,30%</b>	4424	4193
1914	0	405	906	0	131	92	1534	2812	54,55%	1190	1394
<b>Totais</b>	<b>857</b>	<b>9930</b>	<b>4474</b>	<b>69</b>	<b>1494</b>	<b>604</b>	<b>17428</b>	<b>41932</b>	<b>41,56%</b>	<b>13592</b>	<b>15510</b>

Fonte: Mapas Estatísticos da Secretaria de Obras Públicas - compilação do autor

Ao analisar os dados compilados na tabela acima, verificamos que os russos representaram 41,52% dos 41.932 imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul entre 1908 e 1914. Quanto à religião, cerca de 78% não eram católicos e, quanto à profissão, cerca de 89% declararam-se agricultores. Ao final do período, 88% de todos os imigrantes russos recém-chegados haviam se concentrado nas colônias do Noroeste do Estado. Guarani abrigava 9.930 (~57%), seguida de Erechim, 4.474 (~26%). e Porto Alegre, na terceira posição em alocação com 1.494 (~8,6%). Nota-se que o ano de 1913 foi o ano em que mais chegaram imigrantes desta etnia e 493 deles foram para destinos classificados como “diversos”. Apareceram russos localizados em lugares como Barão do Triunfo, Mariana Pimentel e Alfredo Chaves entre os registros do arquivo.

Observamos que parte dos imigrantes que receberam lotes na Região Campina (um dos seis núcleos da Colônia) não aparecem na lista de Povoadores da Colônia Guarani (AHRS, 2004). É o caso, por exemplo, de André Lachnoff, Sergey Parchim, Macário Helenko para citar alguns dos primeiros russos que tiveram a concessão de lotes na Linha Buriti em fevereiro de 1910. A Colônia Guarani estava situada entre dois municípios: São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo. A Região Campina pertencia ao município de Santo Ângelo.<sup>29</sup>

Polanczyk (2007, p. 89) no seu livro “O imigrante Polonês e a Colônia Guarani” faz um demonstrativo das nacionalidades por ano de chegada e depois compilou as nacionalidades mais presentes na lista de Povoadores da Colônia Guarani (AHRS, 2004):

Russo-alemães	6.078
Poloneses	2.785
Russos	2.329
Brasileiros	2.281
Alemães	1.881
Austríacos	1.120
Suecos	1.114
Russo-poloneses	1.030
Italianos	533
Russo-alemão-polonês	459
Holandeses	285
Finlandeses	247

Fonte: Nacionalidades majoritárias na Colônia Guarani. Polanczyk (2007, p.89)

Pode-se notar a maior presença de russos-alemães na formação da colônia, o que nos leva a refletir sobre a questão posta por René Gertz(2010) sobre a presença e influência de teuto-russos no Brasil. Os teuto-russos identificaram-se mais com os alemães ou com os russos ao chegar à colônia? Mantiveram essa diferenciação ou associaram-se aos alemães e teuto-brasileiros? Nossa hipótese é de que passaram a identificar-se como alemães, mas não encontramos nos arquivos algo que confirme essa suposição, precisaríamos realizar um maior aprofundamento nas pesquisas. A associação com “russos” estava presente em 9.896 indivíduos. A presença de finlandeses, também sob domínio do Império Russo antes da Primeira Guerra Mundial,

<sup>29</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Campina (AHRS, DTC, SA266).

não foi analisada neste trabalho, é um dos “fios da meada” ainda a ter seus “nós desfeitos”.

Segundo a lista de *Povoadores...* o primeiro imigrante russo da Colônia Guarani seria o carpinteiro Adolpho Rhode, 25 anos, casado, que chegou em 07/02/1898 com a esposa Vanda (23 anos) e as filhas Bertha (2 anos) e Emma (7 meses), ambas brasileiras. Com uma filha de dois anos nascida no Brasil, supõe-se que ele chegou por volta de 1895,1896 e provavelmente veio de outra colônia. Já o primeiro agricultor russo foi Stanislav Movaski, 28 anos, casado, que chegou em 26/04/1908 com sua esposa Verônica (26 anos) e os filhos Celina (7 anos) e José (2 anos) (AHRS, 2004, p.37). Durante 1908 chegaram russos com diferentes profissões: vidraceiro, marceneiro, padeiro, funileiro, tecedor; ferreiro alguns deles com o detalhamento da religião, quando não católica: hebraica, ortodoxo, ortodoxo-grego, grego-oriental. Observamos também a movimentação entre as colônias: Michal Szatanski, funileiro russo, casado, 39 anos, chegou à colônia com sua família em 02/06/1908 proveniente da colônia Ijuí (AHRS, 2004, p. 39). Seus cinco filhos são registrados como “brasileiros”, tendo idades entre 12 e um ano. Isso nos faz supor que sua chegada ao Brasil/Estado se deu em 1896 ou antes. Não sabemos se Movaski foi contabilizado duas vezes nas estatísticas do governo, uma na entrada de Ijuí e outra em Guarani. Outro ponto interessante é que ele aparece como russo e sua esposa como polonesa-russa.

Ainda referente à movimentação entre colônias, em 1912, Augusto Pestana, responsável pela Colônia Ijuí relatava: “Nesse período de janeiro de 1895 a junho de 1912, foram por essa directoria remetidos para Ijuí 1265 famílias de imigrantes, com 6.825 pessoas e desse número *pode-se asseverar* que apenas cerca de vinte e cinco por cento (25%) fixou-se na colônia, tendo os mais se retirado” (SOP, 1912, p.143). Apesar do encarregado de Ijuí apontar o alto percentual de abandono da colônia pelos imigrantes, a presença de russos aparece no resultado do censo de 1914: 25.325 habitantes, sendo 20.574 brasileiros, 1.650 russos, 936 alemães, 781 italianos, 649 poloneses, 425 austríacos, 310 diversos (Costa, 1922, V II, p. 262). Em Erechim, referente ao ano de 1915, aparecem somados 5721 polacos e russos (Costa, VII, p. 249). Anos mais tarde, em 1932, no jornal A Federação<sup>30</sup>, localizamos a notícia sobre novo recenseamento de Ijuí, já na condição de município, com a presença de russos: “Tem o município 37.718 habitantes...Quanto à nacionalidade, 35.120 (93%) são brasileiros,

---

<sup>30</sup> A Federação, Ano 1932, Edição 97, 28 de abril, página 4. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

inclusive neste número os naturalizados, pois é grande a população de origem estrangeira, 732 são alemães, 465 italianos, 444 poloneses, 730 russos, 120 austríacos, 23 suecos e 74 de outras nacionalidades...”

Na Colônia Guarani havia uma grande preocupação do encarregado com a evasão dos imigrantes para a Argentina. Ele sugeriu por várias vezes a mudança da sede para o núcleo Uruguai, onde poderiam controlar a fronteira e ao mesmo tempo estimular a comercialização dos produtos através do rio (SOP, 1908, 1913).

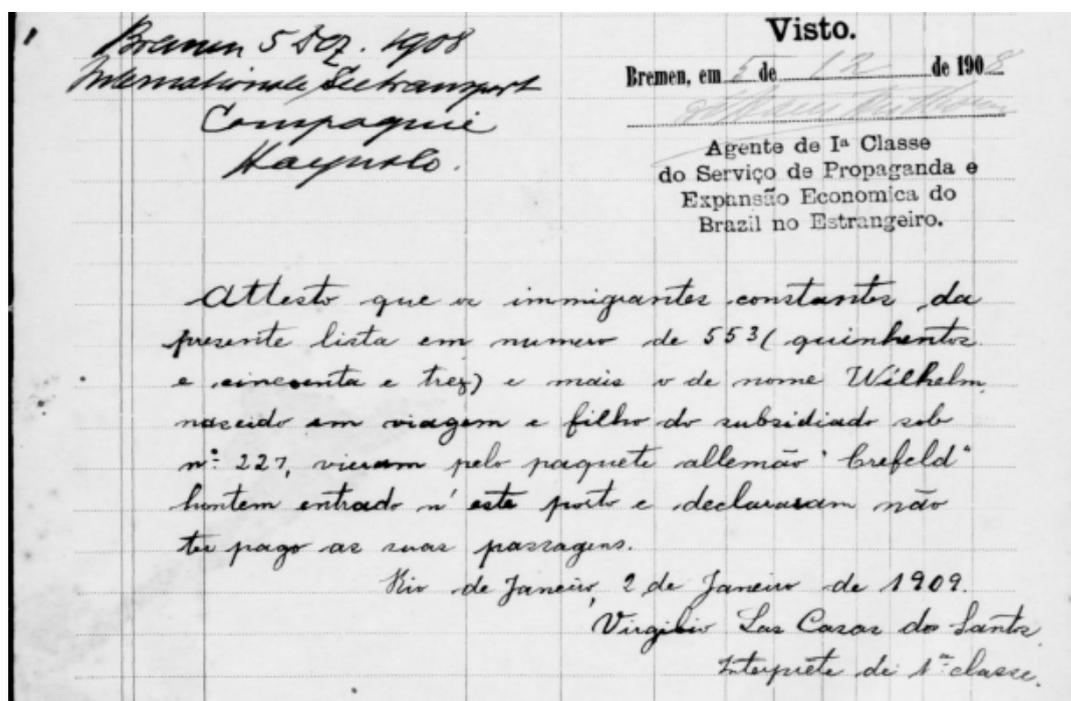
### **3.3.1. VIAGEM PARA O BRASIL**

Meu pai veio com documento russo e polonês, porque tinha servido na Polônia... e o meu vovô foi para a Sibéria e da Sibéria veio para Campina das Missões e trouxeram essa relíquia (lampdka) e um livro da primeira infância como temos no Brasil (русский язык, língua russa) e chegaram no distrito Campina” (Jacob Fiedoruck, Nadiejda, 2009, III, 1:12)

Os emigrantes russos deslocavam-se até o porto de Bremen ou de Hamburgo na Alemanha e de lá pegavam um vapor até o porto do Rio de Janeiro ou de Santos. A viagem durava cerca de 20 a 28 dias, dependia das escalas. Todos que tinham a passagem subsidiada pelo governo, viajavam na terceira classe. Na viagem ocorriam nascimentos e mortes, sendo que algumas vezes não havia médico a bordo. Na chegada os imigrantes eram recebidos por um intérprete que ajudava no despacho para a Hospedaria da Ilha das Flores no Rio de Janeiro ou para a Hospedaria em São Paulo. Os doentes ficavam na enfermaria da hospedaria, ou frente a necessidade de um tratamento especial eram direcionados a um hospital. Os que ficavam na hospedaria recebiam alimentos e estadia até serem transferidos para o Estado.

Explorando as viagens realizadas no ano de 1909, de Bremen ao Rio de Janeiro, verificamos que no geral os passageiros reportaram que as condições foram boas, um cenário bem diferente dos que vieram em 1890. Foram analisadas vinte e quatro listas e relatórios dos vapores chegados entre 01 de janeiro de 1909 e 31 de dezembro de 1909

(Anexo II). Identificamos entre os passageiros: 3.704 russos, 1.845 com destino Rio Grande do Sul, 913 para Santa Catarina, 637 para o Paraná e 309 que ficaram no Rio de Janeiro ou estavam sem destino especificado. Algumas listas estão bem legíveis e apresentam várias observações do encarregado de receber os passageiros e conferir o subsídio e o destino de cada um. Por exemplo, o navio Crefeld partiu da Alemanha em 08/12/1908 e aportou no Rio de Janeiro em 01/01/1909 com 588 passageiros<sup>31</sup>. Domingos Marques Ferreira, intérprete da terceira classe do Serviço de Povoamento, considerou as condições dos passageiros como “boas”, apesar de haver ocorrido onze falecimentos durante a viagem. Uma criança nasceu a bordo e quatorze pessoas precisaram ser direcionadas ao hospital no desembarque.



No trecho do documento acima, observa-se que a relação de passageiros obteve o visto do Agente de 1a. classe do Serviço de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil no Estrangeiro ao sair de Bremen em 05 de dezembro de 1908. Logo abaixo, seguem observações do intérprete de primeira classe na chegada ao Rio de Janeiro, Virgílio Las Casas do Santos que declarou: “Atesto que os imigrantes constantes da

<sup>31</sup> DIRECTORIA GERAL DO SERVIÇO DE POVOAMENTO. Escriptorio Imigração. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Crefeld. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Crefeld para o Rio de Janeiro. 01 de janeiro de 1909.

presente lista em número de 553 (quinhentos e cinquenta e três) e mais o de nome Wilhelm nascido em viagem e filho do subsidiado sob número 227, vieram pelo paquete alemão ‘Crefeld’ ontem entrado neste porto e declaram não ter pago as suas passagens. Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1909.” O intérprete da primeira classe fez a conferência da lista de passageiros subsidiados e preparou um relatório ao encarregado do Serviço de Povoamento que anexou ao final da lista. Ele informava a entrada de 587 passageiros, sendo 554 subsidiados. A composição do grupo era de uma família de nacionalidade austríaca com 3 pessoas e 97 famílias russas com 551 pessoas. Declarava que todos os subsidiados estavam aptos ao trabalho com exceção de um que tinha uma só perna, o que o obrigava a andar de muletas, Anton Geier, russo de 23 anos. Logo após detalhou o nome do recém nascido e a que família pertencia, assim como o nome de todos os que morreram, idade, nome da família e causa da morte. Todos mortos tinham 2 anos ou menos, 6 morreram de pneumonia, 2 de broncopneumonia, 1 de gastroenterite, 1 de atrofia e um sem causa identificada. Além disso, 8 crianças com sarampo foram levadas para o hospital Nossa Senhora da Saúde acompanhadas das mães.

Outras observações interessantes dizem respeito à atividade principal, visto que o governo estava requisitando agricultores. O intérprete identificou que havia um subsidiado que se ocupava em funções de “auxiliar de médico”, mas que se apresentou como agricultor para ele. A posição foi confirmada por outros que o conheciam e posteriormente, já na Ilha das Flores, houve novo questionamento e confirmação de tratar-se de um agricultor. Acrescentou: “O subsidiado no. 211 trabalha ultimamente como ferreiro, mas é agricultor. O subsidiado no. 500 é idiota.”. De acordo com a legislação vigente os imigrantes deveriam ser agricultores e aptos para o trabalho. Deveriam também ter menos de sessenta anos, a não ser que estivessem viajando com a família.

Todos os subsidiados e mais 6 espontâneos seguiram com suas bagagens para a Ilha da Ilha das Flores.

Os destinos são os seguintes:

78 russos	constituindo 12 famílias	para o 8 <sup>da</sup> de Santa Catharina
24	4	colônia João Linheiro
449	81	o 8 <sup>da</sup> do Rio Grande do Sul
3 austriacos	1 família	o 8 <sup>da</sup> do Paraná
1 alemão	1 (esp <sup>o</sup> )	para o 8 <sup>da</sup> de 1 <sup>a</sup> Catharina
1 austriaco	só (esp <sup>o</sup> )	do Paraná.

Acho que o 'Crefeld' não tem acomodações para transportar tanta gente como trouxe, e infelizmente são as pobres crianças as que mais sofrem quando há aglomerações.

Escreptorio de Imigração, 2 de Janeiro de 1909.

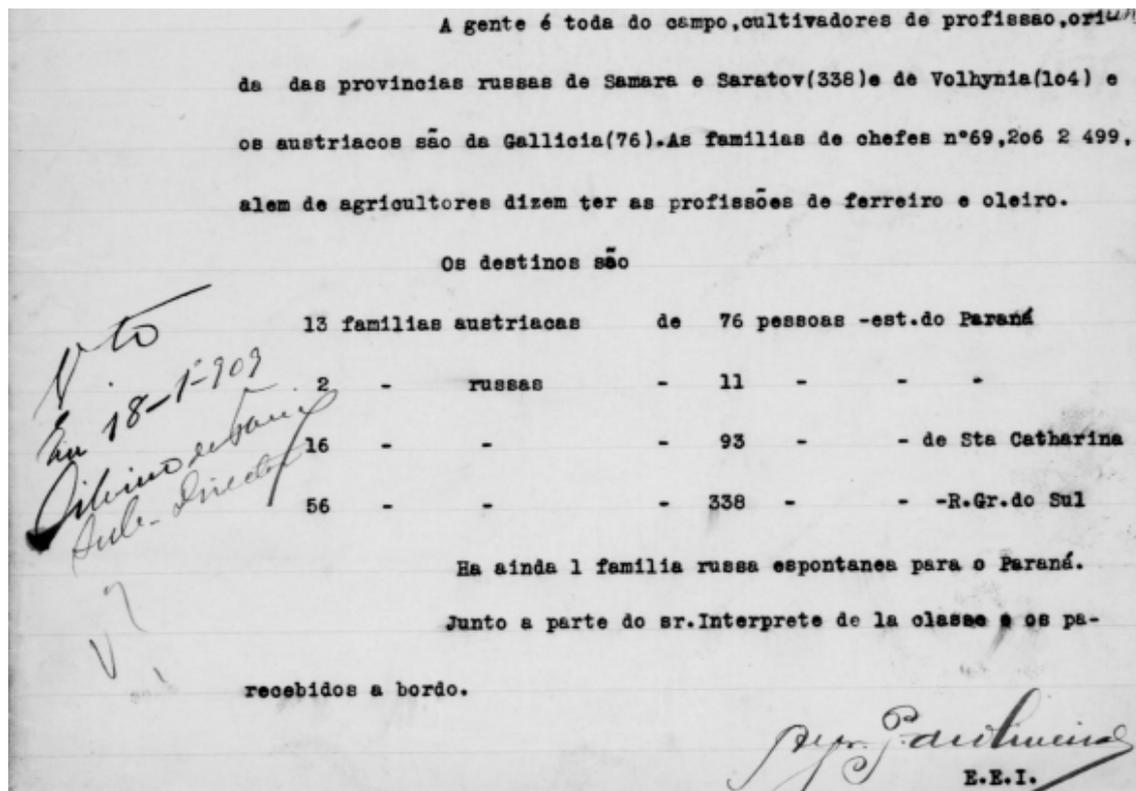
Virgilio Das Casas do Santos.  
Interprete de 1<sup>a</sup> classe.

Verificamos nessa outra parte do relatório que os imigrantes se dirigiam à Região Sul, sendo que nessa viagem 449 imigrantes russos estavam destinados ao Rio Grande do Sul. O intérprete de primeira classe expressou parecer diferente ao da terceira classe sobre as condições de viagem: “Acho que o Crefeld não tem acomodações para transportar tanta gente como trouxe, e infelizmente são as pobres crianças as que mais sofrem quando há aglomerações”. Anton Geier, o imigrante sem uma perna, deu entrada em 23/01/1909 na colônia Guarani como russo-alemão, assim como outras três famílias que pesquisamos (duas famílias de sobrenome Dombrowski e uma de sobrenome Gelzner) (AHRS, 2004, p. 69).

No vapor Halle chegado em 17/01/1909 com 518 imigrantes subsidiados, 442 eram russos e desses 338 deslocaram-se para o Rio Grande do Sul<sup>32</sup>. No relatório do intérprete ele incluiu a procedência dos imigrantes: províncias russas de Samara e Saratov (338), Volínia (104) e os austriacos são da Galícia (76)<sup>33</sup>. Possivelmente os russos dessa viagem seriam teuto-russos.

<sup>32</sup>DIRETORIA GERAL DO SERVIÇO DE POVOAMENTO. Escreptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Halle. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Halle para o Rio de Janeiro. 17 de janeiro de 1909.

<sup>33</sup>DIRETORIA GERAL DO SERVIÇO DE POVOAMENTO. Sub-Diretoria da Contabilidade e Movimento Imigratorio. Referente aos imigrantes chegados no Vapor Halle. 18 de janeiro de 1909.



Infelizmente nem todas as listas têm os relatórios dos intérpretes e encarregados e nem todas informam a procedência. Alguns informam a última residência e não a cidade da qual originalmente partiram os imigrantes. No Coblentz, que chegou em 15/02/1909, dos 183 imigrantes russos, 173 dirigiram-se para o Rio Grande do Sul e as procedências são variadas como: Gorky (cidade russa, hoje Nijni Novgorod, Rússia, distrito federal do Volga); Josefthal, Marienthal, Rohleder (colônias alemães do Volga), Bykov na antiga Silésia (hoje Polônia); Zaborov (Rússia), de onde veio uma família para Porto Alegre<sup>34</sup>.

Precisaríamos de mais tempo para poder avaliar as outras viagens dos outros anos e as realizadas com a origem em Hamburgo e o destino no porto de Santos. Itchenko e as famílias ucranianas do povoado de Erebangó, por exemplo, vieram do sul do Império Russo, da província de Kherson e desembarcaram pelo porto de Santos (Rodrigues, 1986, p. 31; 2001, p. 241). A família de Jacinto Anatólio Zabolostky, os avós paternos e o pai, chegaram no navio König Friederich August, vindos do porto de Hamburgo e desembarcados no Rio de Janeiro em 28 de maio de 1911: Andrej

<sup>34</sup>DIRETORIA GERAL DO SERVIÇO DE POVOAMENTO. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Coblentz. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Coblentz para o Rio de Janeiro. 13/02/1909.

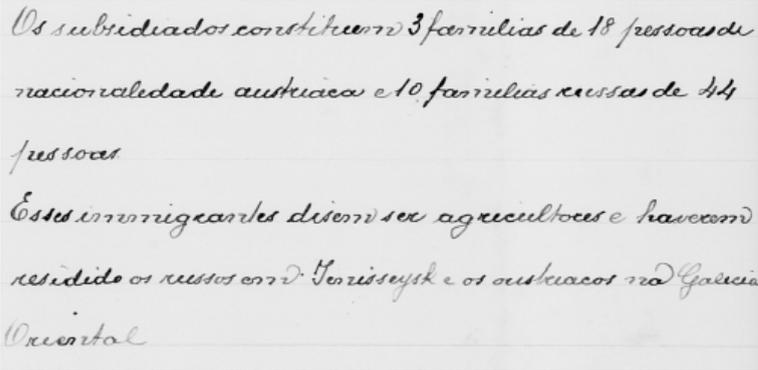
Zabolotsky, 27 anos, Melania, 23 anos e o filho Iwan de um ano e meio<sup>35</sup>. Na lista de passageiros também aparecem seu tio-avô Semen e sua família:

Nome por extenso Voll ausgeschriebener Name	Parentesco com o chefe da família Verwandtschaft zum Familienhaupt	Idade Alter	Sexo Geschlecht		Estado Stand			Nacionalidade Staatsangehörigkeit
			Masculino männlich	Feminino weiblich	Solteiro ledig	Casado verheiratet	Viuvo verwitwet	
Lexyna Solodki		26	/			/		Galitzia
Anna		6	/		/			,
Pavel		2	/		/			,
Semen Zabolocky		32	/			/		,
Warwara		35	/			/		,
Teodor		6	/		/			,
Fatianna		1/2	/		/			,
Andrij Zabolocki		27	/			/		,
Melania		23	/			/		,
Iwan		1/2	/		/			,

Nesse ponto é importante salientar o quanto é complexo o trabalho do pesquisador para identificar um imigrante russo. A lista de passageiros da Hamburg-Amerika Line (empresa dona do navio) coloca sessenta e três passageiros com a nacionalidade “Galitzia”, quarenta e quatro deles com localidade de residência “Iwanowka”. No mesmo arquivo encontra-se uma segunda lista de passageiros, aqueles que tiveram as passagens subsidiadas pelo governo brasileiro e que foram embarcados pela Internationale See-Transport Compagnie (empresa contratada pelo governo). Nessa lista a nacionalidade de 18 passageiros troca de “Galitzia” para austríacos e dos demais para “Polacos”. A conferência da lista ficou a cargo do intérprete de primeira classe Arthur Ferreira. Esse, por sua vez, ao providenciar o relatório ao encarregado do escritório de imigração, troca a nacionalidade dos “polacos” para “russos”.

<sup>35</sup> COMPANHIA HAMBURG AMERIKA-LINIE. Lista Geral de Passageiros que conduz o vapor König Friedrich August. 11 de maio de 1911.

INTERNATIONAL SEE-TRANSPORT. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor König Friedrich August para o Rio de Janeiro saídos de Hamburgo em 11 de maio de 1911. Chegada ao Rio de Janeiro em 28/05 e inspecionado em 29/05/1911.



Os subsidiados constituem 3 famílias de 18 pessoas de nacionalidade austríaca e 10 famílias russas de 44 pessoas. Estes imigrantes dizem ser agricultores e haverem residido os russos em Yeniseysk e os austríacos na Gália Oriental.

Ferreira relatou, após conversar com os quarenta e quatro imigrantes russos, que estes residiam em Yeniseysk, que associamos à cidade de Yeniseysk<sup>36</sup>. Localizada na Província de Krasnoyarsk, às margens do Rio Yenisey, a cidade teria sido fundada em 1609 como uma das primeiras na colonização russa da Sibéria. Zabolotsky em conversa conosco em junho de 2022 relatou que em 2017 realizou uma viagem a Krasnoyarsk e foi à vila Ivanovka, onde visitou o cemitério em que seus bisavós estão enterrados.

### 3.3.2. TRANSFERÊNCIA PARA O RIO GRANDE DO SUL/COLÔNIA

Desembarcamos, alguns no Rio de Janeiro, outros no Porto de Santos. Viemos de trem à Cruz Alta e dali de carroças até Santo Ângelo. Os 100 km que separam Campina de Santo Ângelo foram completados a pé e a cavalo em burros de carga, ou então em pequenos barcos pelo Rio Comandá, que margeia o Município de Campina. Basílio Katroscha, que chegou com 10 anos da Sibéria em 1911 (ZABOLOTOSKY, 2007, p. 28).

Para chegar ao Rio Grande do Sul os imigrantes recém-chegados deslocavam-se através de um barco a vapor até Rio Grande até 1895 e depois desta data até Porto Alegre, onde novamente eram hospedados até a decisão de qual colônia deveriam ser alocados. Alguns já vinham com indicação da colônia que gostariam de ir, em função de já terem parentes residindo no país. Isso não evitou que algumas confusões acontecessem. No AHRS nos deparamos com casos de pessoas que chegaram em uma colônia diferente da de seus familiares e o encarregado precisou pedir autorização para pagar o traslado para a colônia correta.

<sup>36</sup> ESCRITORIO DE IMIGRAÇÃO. Relatório de Arthur Ferreira, intérprete de 1ª. classe, ao encarregado do escritório informando a quantidade de imigrantes subsidiados e suas procedências. 29.05.1911.

A transferência da hospedaria da Capital até as colônias do noroeste do Estado era feita de trem até Cruz Alta, onde um encarregado recebia os imigrantes. Novamente hospedados e transferidos aos poucos até a colônia em carroças puxadas por bois. A recepção e transporte de imigrantes de Cruz Alta às colônias eram atividades do encarregado, Sr. Nicolau Ferri. Em 1911 ele reclamou das condições inadequadas de recepção dos imigrantes na sede. Com um barracão em ruínas, foi preciso alugar casas para abrigá-los até despachá-los à Colônia Guarani. Essa sede em Cruz Alta era responsável pela hospedagem, alimentação e transporte até Guarani e Ijuí. A hospedagem era em média de 7 dias, a não ser que os imigrantes estivessem doentes, o que poderia estender a estadia de 15 dias a um mês. O transporte para os lotes era feito em carroças, sendo que alguns precisavam percorrer um último trecho a pé ou a cavalo (SOP, 1911, p. 138-139). De outubro de 1911 em diante, com a inauguração da estrada de ferro em Ijuhy, os imigrantes passaram a descer lá e eram recebidos pelo senhor João Thiel, que construiu um barracão de hospedaria às suas custas. Ele era um dos “colocadores”, encarregado pela recepção, hospedagem, alimentação e remessa dos imigrantes (SOP, 1912, p.141). Quando Erechim passou a receber os imigrantes em 1910, esses desciam do trem direto nas estações ao longo da estrada que passava pela colônia. Ao chegarem eram alojados em “barracões” até que pudessem escolher o lote e se dirigirem para lá. Os primeiros precisaram seguir a pé e abrir caminho a facão, pois ainda não havia estradas construídas.

Segundo Zabolotsky os russos que chegaram em 1909 eram famílias de colonos que estavam na Sibéria em busca de terras para cultivar, oriundos de várias regiões da Rússia, sendo que alguns também fugiam de conflitos a partir da Revolução de 1905.<sup>37</sup> Eles vieram atrás da “terra prometida”, abundante e com solo fértil, onde poderiam ter até “quatro safras” por ano. Não encontraram mais o gelo, como na Sibéria, mas densa vegetação, coberta por cobras, escorpiões e aranhas e outros diferentes animais. Ele identificou Damien Helenko como o primeiro russo a vir para a região Campina nos primeiros meses de 1909. Helenko teria vindo com seu filho Macário de 23 anos e feito várias outras viagens até que trouxe sua família (Zabolotsky, 2007, p. 24). No cadastro de Povoamento da Colônia Guarani (AHRS, 2004, p. 140) podemos identificar Dieman Helenko, 52 anos, casado, russo, chegado em 10/02/1912 e logo após a informação de mais quatro famílias de sobrenome Helenko chegando na data de 12/02/1912,

---

<sup>37</sup> LUCCHESI, Alexandre. Os russos do Rio Grande, reportagem de Zero Hora, sábado e domingo, 12 e 13 de maio de 2018.

perfazendo mais 16 pessoas. Damien teria vindo de uma região próxima à Kiev. Seu pai, Aleksander, seria um homem de muitas posses, com cerca de 70 famílias trabalhando em suas terras; plantava centeio, trigo, melancia e criava vacas e ovelhas. Quando seu pai morreu, Damien voltou à Rússia para vender as terras. Conta o autor que ele foi assaltado e depois preso, morrendo na prisão de pneumonia em plena eclosão da Revolução de 1917.

Helenko, como uma liderança reconhecida entre os imigrantes na colônia, teria servido de intermediário entre o governo brasileiro e os imigrantes interessados em se mudar para o Brasil. “Os primeiros venderam seus bens a preços baixos e partiram em levadas”. Aparentemente Helenko foi um dos imigrantes espontâneos que chegaram antes da retomada do subsídio para viagens em 1908 e que resolveu se instalar na Linha Buriti, quando esta foi aberta para povoamento em 1910. Essa é uma suposição, pois não conseguimos rastrear as várias viagens mencionadas por Zabolotsky (2007).

Em maio de 1912 identificamos uma leva de imigrantes russos onde veio Basílio Katroscha e sua família: o pai Antônio, com 37 anos, a mãe Elisabetha, 40 anos e a irmã Olga com 6 anos. Eles também se instalaram na Linha Buriti, como a família Helenko, mas no lote 55. Muitos dos que chegaram por essa época ficaram instalados no Serro Pellado (núcleo Uruguai), tais como as famílias Lebeschof, Krasnoslabodski, Kapzof, Papof, Pudof, Movosof, Potapof, Pajafin, Glasof. (AHRs, 2004, p. 145-147).

### 3.3.3. DISTRIBUIÇÃO DOS LOTES

No início não tinham nada, tinham que dormir no meio da mata. À noite, com medo dos bichos, para não serem devorados, dormiam em cima das árvores. João Melnik Neto (Nadiejda, 2009, I, 3;19)

E aí eles abriam para ir para Campina 10 km, 12, abriam com facões a estrada para saber onde eles passaram. Anna Nasiniak, filha de imigrantes (Nadiejda, 2009, I, 3;36).

Ao chegar à colônia o Estado fazia a distribuição de um lote de 25 hectares a cada família, além de ferramentas e sementes. O imigrante também recebia o auxílio de 250 mil réis para a construção de uma casa, valor que deveria ser incluído na dívida colonial. Quando o colono liquidava sua dívida, a União repassava ao Estado o valor

referente ao auxílio moradia. No relatório de 1909, o diretor Torres Gonçalves informa que “muitos imigrantes têm dispensado o auxílio casa que onera em \$250 mil réis a dívida do lote, preferindo eles mesmos construírem suas habitações” (SOP, 1909, p. XVIII). Na propaganda que Janis Gutmann fez no Império Russo a partir da publicação do seu livreto em 1908, notamos que ele aconselhava o colono a construir a casa por sua própria conta, a não aceitar o auxílio, o que diminuiria a dívida e sairia mais barato (Bytsenko, 2006, p. 89).

Os lotes eram estabelecidos em terras devolutas e a maior parte deles, nessa região, encontravam-se em regiões de mata, visto que os campos estavam em poder dos pecuaristas. Por esta época, a Diretoria de Terras estava às voltas com a regularização de propriedades e com os intrusos. Havia uma preocupação de que o desmatamento atingisse apenas o suficiente para a área de cultivo das famílias, não queriam incentivar a indústria da madeira entre os imigrantes. Quando o colono chegava ao lote precisava derrubar árvores, retirar tocos, fazer a coivara, para só depois começar a plantar. Antes disso, precisava preparar um abrigo. A derrubada das árvores não era uma tarefa simples, como podemos observar em algumas fotos registradas nos relatórios na Secretaria de Obras Públicas. Alguns colonos morreram esmagados por árvores, oito deles em 1910 (SOP, 1910, p. 124). Gutmann (apud Bytsenko, 2006, p.90-92) havia vendido a ideia de que transformar floresta em campo no Brasil não era tão difícil como na Rússia e, segundo ele, o colono após a limpeza, nos primeiros 4 a 5 anos não precisaria nem de arado, nem animais de carga e as colheitas seriam abundantes.

Como demonstrado nas estatísticas, a maioria dos imigrantes russos foram direcionados para a Colônia Guarani. A Região Campina em 1910 estava composta de várias seções e linhas. Os imigrantes russos concentraram-se principalmente nas linhas Buriti e Paca, mas também ocuparam lotes nas linhas Níquel, Seção F, 1º. De Março, 8 de Maio e União. Segundo Kramer (2009), os alemães das colônias velhas que chegaram principalmente a partir de 1911, estabeleceram-se nas linhas Níquel, Amadeo, Butiá, Doze e Cândido Godoy, enquanto os poloneses concentraram-se na Linha Natal.

O primeiro registro que encontramos referente a presença de russos nos relatórios refere-se a Colônia Guarany estabelecida em 1891. No relatório de 1895, o encarregado da época, Ernesto Muzell Filho, indicava que a colônia tinha dois núcleos coloniais e:

A população estava composta pelos imigrantes que deram entrada pela comissão, além de “russos que antigamente se estabeleceram no lugar denominado Serro Pelado e alguns nacionais”. No núcleo Uruguai havia 68 habitações rústicas, 48 de colonos suecos e 20 de nacionais. No Serro Pelado havia 32 casas, um engenho, uma olaria e algumas casas de comércio. No núcleo Comandhay havia 253 casas, 224 de colonos suecos, polacos e alemães e 29 de nacionais (SOP,1895, p. 84).

Serro Pelado corresponde a um dos núcleos que originaram a cidade de Porto Xavier, o outro era o Rincão Vermelho. Tentamos localizar o registro de imigrantes destes núcleos no AHRS, mas não obtivemos sucesso até o momento. Clarimundo Santos elaborou em 1897 um relatório sobre a Colônia Guarany<sup>38</sup>. Ao descrever a colônia o encarregado menciona os dois núcleos e a decisão do governo de povoá-los com colonos russos: “... uma área de 80 quilômetros quadrados no Rincão Vermelho, no Serro Pelado onde já em 1859 o governo mandava medir terras para estabelecer colonos russos...”. Tentamos achar outras referências a essa informação, inclusive dentro das leis estaduais compiladas por IOTTI (2001), mas não localizamos nenhuma lei que embasasse o que o encarregado afirmou (estabelecer colonos russos). Talvez se tivéssemos tido oportunidade de verificar as atas da Assembléia Legislativa poderíamos encontrar alguma discussão sobre esse tema. Por outro lado, há uma referência específica a promover a emigração alemã na Lei 229 de 1851: “É também o Presidente autorizado a nomear um ou mais agentes na Europa para promoverem a emigração Alemã para esta Província”<sup>39</sup>. Passível de uma futura investigação também há a Lei 807 de 1872 que discorre sobre a necessidade de aplicar orçamento no conserto da estrada da Colônia Russa no município de Taquari.<sup>40</sup>

No cadastro de lotes da Colônia Guarani-Região Campina a maior parte dos lotes era de 25 hectares<sup>41</sup>. Localizamos o lote número 27 da linha Buriti registrado para André Lachnoff em 09/02/1910. O documento original do título provisório desse lote de terras encontra-se no acervo pessoal de Zabolotsky e foi mencionado em seu livro como “o primeiro título provisório para estabelecimento de imigrantes” (Zabolotsky, 2007, p.33). Ao analisarmos o cadastro da região, encontramos outros imigrantes russos

<sup>38</sup> SANTOS, Clarimundo de Almeida. Ligeiras Considerações sobre a Colônia Guarany. 10 de abril de 1897. (AHRS, SOP, Cx. 25A).

<sup>39</sup>A Lei Estadual 229 de 1851 autorizava ao Presidente da província a mandar medir, demarcar, levantar mapas das colônias existentes e das novas estabelecidas. No artigo 3o. traz a referência à promoção da imigração alemã (IOTTI, 2001, p. 606)

<sup>40</sup>A Lei Estadual 807 de 1872 que orçava a receita e fixava a despesa da Província e que trazia nas disposições transitórias, artigo 3o. a necessidade de aplicar orçamento no conserto da estrada da Colônia Russa no município de Taquari. (IOTTI, 2001, p. 662).

<sup>41</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Campina (AHRS, DTC, SA266).

recebendo o título provisório na mesma data: Taras Sergiuk (lote 16), Damian Hilenko (lote 17), Niquita Lachnoff (lote 25), Sergey Parchin (lote 28), Demetri Wachnoff (lote 29), Macar Hilenko (lote 33), Damian Martinenko (lote 35). Nessa data de concessão, os lotes adquiridos mediam todos 25 hectares e a maioria custou 1,3 réis por m<sup>2</sup>, perfazendo um valor total de 325 mil réis. Houve uma única exceção, o lote 17 que custou 1,5 réis por m<sup>2</sup>. O valor dos lotes foi aumentando conforme a Colônia e a região se expandiram, sendo que em 1920 na Linha 8 de maio, os lotes já estavam custando 4 réis o m<sup>2</sup>.

André Lachnoff aceitou o auxílio de 250 mil réis para moradia. No mesmo registro podemos observar como realizou seu pagamento: dois pagamentos “Por conta”, em 25/10/1916 pagou 100 mil réis e em 27/12/1916 mais 230 mil réis; “Por saldo” em 1917 e 1918 pagou: 342,5 mil réis, incluindo a “multa de 30%”: \$97,500 réis. No verso do documento encontram-se as condições de concessão do lote: O prazo para o pagamento da dívida era de 5 anos, prevendo reduções caso fosse paga integral antes do prazo (12% dentro do segundo ano, 6% dentro do terceiro ano) ou multa, caso ultrapassasse o prazo (20% se durante o sexto ano e 30% se no sétimo ano). No caso do lote de André Lachnoff, observamos que ele pagou a multa de 30% e o título definitivo foi recebido em 17/03/1919.

Notamos que alguns poucos imigrantes conseguiram adquirir mais de um lote para suas famílias, é o caso da família de Macar Helenko:

Meu pai era Macar Helenko e veio da Rússia em 1909...eu sou a filha dele, a filha caçula da família e estou residindo até hoje nas terras que ele comprou. Ele trouxe 70 famílias com ele de lá, só que muitos ficaram nas cidades grandes. Era muito mato, era tudo mato, era uma floresta densa. Eles tiveram que lutar muito para se colocar ali. Só que as terras eram férteis e ele foi comprando mais terras, comprou cinco colônias e meia de terra e doou para os filhos”. Anna Helenko, filha de Macar e neta de Damien Helenko (Nadiejda, 2009, I, 3:44).

Outras famílias como os Kapusta, Zabczuc, Stepanenco, Basila, Moskalkoff, Kriwonossof, Lachnoff, Tartachenko, Nagorny também adquiriram mais lotes. Ao percorrer os cadastros encontramos algumas poucas concessões alocadas a mulheres russas. É o caso de Catarina Zatsaz, Natalia Petroff Braslawetz e Eudosia Budzinski, essa última, uma russa casada com o austríaco, José Demétrio Budzinski. Ambos tiveram vários lotes registrados em seus nomes, tanto nas linhas ocupadas por russos, como naquelas de maioria alemã. Ele tornou-se encarregado da sede Campina. Em

1912, recebia e alojava os imigrantes recém-chegados, como registrado em documento do acervo de Zabolotsky (2007, p. 31).

O lote número 1 da linha Paca foi concedido a Simon Zabolotsky, e o lote 6 na mesma linha foi concedido a Andrej Zabolotsky, em 09/07/1911. Esses são respectivamente o tio-avô e o avô do autor do livro sobre os imigrantes russos, Zabolotsky (2007), que narra as dificuldades dos recém-chegados para preparar a terra. Alguns acharam que desmatar a densa área coberta por pés de cedro, louro, angico e canela era um trabalho demasiado pesado. Os que tinham melhores condições financeiras voltaram à Rússia, ou seguiram até a Argentina. Entre os que não se adaptaram estava Simon Zabolotsky, que acabou voltando para Rússia.

A casa para moradia era uma das primeiras construções a serem feitas no lote, os colonos aproveitaram a madeira derrubada para fazerem tábuas para paredes, tesouras de sustentação dos telhados, caibros, assoalho. “Basílio Nasiniak construiu em 1913 a casa (*dacha*) onde residiu por várias décadas. Usou madeira a partir do entalhe, uma sobreposta a outra para não entrar vento e, o mais importante, sem utilização de pregos” (Zabolotsky, 2007, p. 35). Essa casa havia sido restaurada em 1992, mas ao visitarmos a propriedade da família Nasiniak em Campina das Missões em 2022, descobrimos que os descendentes a derrubaram e enterraram a madeira.

Elias Iltchenko, que junto com outras famílias ficaram alojados em Erebango em 1911, um dos núcleos da Colônia Erechim, descreveu muitas dificuldades até se estabelecerem: “Quando puderam realmente trabalhar na terra já haviam passado alguns anos de fome, frio e muitas privações, desilusões, enganos, mentiras e até roubados diplomaticamente” (Rodrigues, 2001, p. 244). Durante essa pesquisa, fizemos algumas tentativas, porém não localizamos vestígios das famílias ucranianas que chegaram junto com a família Iltchenko nos registros dos arquivos do AHRs (não examinamos todos os registros).

### **3.3.4.CONDIÇÕES SANITÁRIAS**

Apesar da legislação estadual estabelecer em 1892 que cada colônia deveria ter um médico e um farmacêutico na sua equipe, com a chegada de grandes levas de imigrantes e a expansão territorial dos lotes, essa alocação ficou subdimensionada. O

morador da Colônia Guarani, região Campina, Stefan Nasiniak contou sobre as dificuldades para os pioneiros conseguirem um médico ou hospital. O mais próximo residia em Ijuí à 150 km e outro imigrante, Bruno Traczynsky “dava conta do recado, resolvia problemas de dor de dente, extraíndo-os com torquês, sem anestesia. Em caso de pressão alta, furava a veia no pescoço dos pacientes, para deixar escapar uma certa quantidade de sangue, único recurso conhecido na época” (Zabolotsky, 2007, p.42)

O relato, que pode parecer exagero, fica referendado pelas histórias encontradas nos arquivos. Augusto Pestana, encarregado da Colônia Ijuí enviou um memorando ao diretor de Terras e Colonização explicando as despesas ocorridas em maio de 1910. Na colônia havia 5 médicos e 2 farmacêuticos e todos os atendimentos e despesas com receitas precisavam de autorização prévia no escritório da comissão. Porém, explica Pestana: “durante os primeiros seis a doze meses os imigrantes vivem doentes; logo que chegam ficam com o corpo coberto de feridas, sofrem muito do estômago e do intestino, têm febres gástricas”. Além dos gastos que tem com o deslocamento de doentes que manda trazer para tratar em Ijuí, evitando que “morram à míngua de recursos nos lotes onde moram”<sup>42</sup>.

Na Colônia Erechim, Severiano de Almeida trocou várias correspondências em outubro de 1910 pedindo um médico com urgência, inclusive enviando telegramas e o nome dos doentes mais graves ao diretor. Sem obter a resposta da autorização, ele contrata um médico. Avisa o diretor que além do contratado, o doutor Mathias de Campos Velho, em passagem pela Colônia, estava ajudando gratuitamente a tratar os muitos enfermos. Em 27 de dezembro, Torres acaba pedindo aprovação ao Secretário, mas fazendo a ressalva de que “o chefe da colônia se apressou em admitir o médico”. Pela legislação corrente a colônia nem deveria começar a operar sem ter um médico e um farmacêutico. Logo no primeiro ano chegaram 967 imigrantes, dentre eles 179 russos<sup>43</sup>.

Em 1910, sobre o estado de saúde dos novos imigrantes chegados à Colônia Guarani:

---

<sup>42</sup> Memorandum número 54 de Augusto Pestana, encarregado da Colônia Ijuí ao Diretor de Terras e Colonização em 21 de junho de 1910 (AHRs, SOP, CX 51, Maço 110, doc. 591, 5 páginas).

<sup>43</sup> Correspondência trocada entre Severiano de Almeida, encarregado da Colônia Erechim e o Diretor de Terras e Colonização entre outubro e dezembro de 1910 (AHRs, SOP, Cx. 51, M. 110, doc. 856, 856A, 879, 879A, 982A, 1062 e 1062A).

Quase todas as famílias de russos pelados, holandeses e suecos tiveram muitos doentes e perderam alguém. Dos alemães e polacos só tiveram baixa os Madeira-Mamoré, que aqui chegaram doentes, e ainda muitos se encontram nesse estado, outros tendo morrido. Esta pobre gente anda desacompanhada: às vezes parecem melhorar e vão para os lotes ou tornam aos serviços, voltando, porém, ao cabo de 6 a 8 dias para a enfermaria ou barracões que por eles estão transformados em sanatórios ao longo da estrada (SOP, 1910, p. 124-128).

Entre os imigrantes que chegaram à colônia encontravam-se vários trabalhadores oriundos da construção da ferrovia Madeira-Mamoré<sup>44</sup>. Na “Relação dos imigrantes que chegaram a esta colônia com febre adquirida no Estado do Amazonas”, datada de 06 de junho de 1910 constam 97 indivíduos dando entrada entre 30 de dezembro de 1909 e 27 de março de 1910<sup>45</sup>. Refletindo a multietnicidade presente na construção da estrada e na formação da colônia encontramos entre os doentes: 50 austríacos, 23 alemães, 5 polacos-russo (um morreu na enfermaria em 02/03 com 25 anos), 3 russos, 3 alemães-russo, 3 “kroacien”, 2 russos-alemão, 2 holandeses, 2 polacos (um morreu em 08/03, com 27 anos). A lista envolve homens com idade entre 19 e 52 anos, sendo que o mais velho deles era um trabalhador russo, Taras Klacikoff. Localizamos seu registro de entrada na Colônia Guarani (AHRS, 2004, p. 106). Ele era casado, acatólico e chegou em 12/03/1910, sem sua família.

Os gastos com farmácia, médico, dietas e auxílios especiais para doentes eram reportados dentro das despesas da Colônia. O chefe da comissão deveria prestar contas ao diretor e esse ao secretário de Obras Públicas. O orçamento estava muito aquém do que a leva de imigrantes estava demandando, conforme já havia previsto Parobé. A colônia Guarani era a que mais estava recebendo imigrantes entre 1908 e 1910, até iniciar o povoamento de Erechim. O chefe da comissão dispara uma série de ofícios cobrando a redução dos gastos médicos e com farmácia.

---

<sup>44</sup>A ferrovia Madeira Mamoré, localizada no que hoje corresponde ao Estado de Rondônia, foi construída entre 1907 e 1912. O empreendedor Percival Farquhar foi responsável pela obra, a primeira realizada por norte-americanos fora dos EUA. A estrada percorre 366 km ligando Porto Velho a Guajará-Mirim. Muitos trabalhadores morreram durante sua realização. Farquhar contratou o sanitarista Oswaldo Cruz para sanear o local, onde cerca de 30 mil trabalhadores de 50 nacionalidades diferentes ficavam sujeitos às doenças tropicais. HARDMAN (1988, p. 139-154).

<sup>45</sup>[COLÔNIA GUARANI] Relação dos imigrantes que chegaram a esta colônia com febre adquirida no Estado do Amazonas. 06 de junho de 1910 (AHRS, SOP, Cx 52, M. 111, n.566).

Foi pedido ao médico Luís Carlos Bonorino que restringisse o receituário com os imigrantes doentes para diminuir as despesas. Bonorino respondeu ser “impossível maior restrição do que já vinha praticando”. O grande volume de doentes que chegavam à colônia, fazia com que não houvesse um dia em que não tivesse que atender alguém, sendo que muitos dias não conseguia atender a todos que reclamavam. As famílias chegavam após longas e penosas viagens, sempre com algum membro doente das mais variadas moléstias, agravadas pela falta de higiene, asseio e alimentação natural. Observa-se a sobrecarga do médico e as difíceis decisões que tinha que tomar. Bonorino retrata situações extremas, quando deixou de atender os pacientes mais graves, que não podiam se deslocar até a sede, por estar com a enfermaria lotada e, lembra o encarregado que chegaram a pensar em devolver a Porto Alegre os que chegavam de Manaus atacados por impaludismo nas formas mais graves. Além disso, as dimensões da “vasta colônia” tornavam suas visitas aos pontos mais distantes bastante esporádicas<sup>46</sup>. O médico acabou pedindo sua exoneração e em 1911 foi substituído por Gentil Alencar (SOP, 1911, p. 132).

Encontramos também uma troca de correspondências referente aos preços abusivos da farmácia Comandhay. Torres Gonçalves envia telegrama ao chefe da Colônia suspendendo o suprimento através dessa farmácia, mesmo após receber as justificativas do proprietário pelos preços mais altos que os praticados em Porto Alegre ou na sua concorrente Farmácia Guarani. Entre os motivos do proprietário destacam-se o fato de precisar percorrer longas distâncias, a pedido do médico, para entregar os remédios nas sedes Campina, Uruguai e Serro Pellado e por ter a despesa extra “imprescindível” com intérpretes: polaco, alemão, russo e holandês.<sup>47</sup>

O responsável pela farmácia Guarany, que atendia os pedidos do Estado desde 1892, também foi cobrado em relação aos preços praticados, maiores que os da Pharmacia Pasquier, localizada em Porto Alegre. Adolpho Ambroz (formado em Viena) alega que não há como comparar situações tão diversas e apresenta um cálculo detalhado das suas despesas extras. Justifica que o Sr. Pasquier compra por atacado e ele

---

<sup>46</sup> Carta resposta (três páginas) do médico Luís Carlos Bonorino à ofício encaminhado por Clarimundo de Almeida Santos, colônia Guarani (AHRs, SOP, Caixa 52, maço 111, documento 1427).

<sup>47</sup> Carta de justificativa manuscrita pelo proprietário da farmácia Comandai, Clarimundo de Almeida Santos Junior. Na carta de Santos Júnior ele justifica o atraso da resposta por ter viajado à Garibaldi para seu casamento (AHRs, SOP, caixa 52, maço 111, página 585). A Diretoria de Terras e Colonização envia correspondência ao Secretário de Obras Públicas informando o fechamento da farmácia Comandai. 28/06/1910 (AHRs, SOP, caixa 52, maço 111, documento 491).

por pequenos lotes; ele paga frete desde Porto Alegre; a fatura que chega em Tupanciretã atrasa e ele acaba pagando multa; ele recebe em vales da comissão, que podem levar até 5-6 meses para serem resgatados, além de precisar trabalhar com diversas nacionalidades. Lembra ao encarregado, que ele exigiu a tradução dos rótulos para o português e a maneira de aplicar o remédio para a língua do doente, a fim de evitar enganos. Em função disso precisou contratar tradutores para o russo e holandês.<sup>48</sup> Em 1911 a situação parecia melhor, o encarregado limitou-se a relatar que “a colônia tem mais barracões para receber os imigrantes e atendimento médico, se necessário, até que o imigrante tenha condições de seguir para o lote”. Por outro lado, em Erechim, houve grande número de doentes, relacionados “à mudança de clima e de alimentação, sendo raro os casos de morte” (SOP, 1911, p.140). No ano seguinte, “grassou o tifo” e morreram alguns. A causa foi associada à grande leva de imigrantes, não mais ao clima. A enfermaria manteve-se repleta de doentes: “solicitamente atendidos pelo médico da colônia, que foi incansável, comparecendo também por várias vezes em Guaporé e Paiol Grande, onde igualmente essas moléstias se desenvolveram” (SOP, 1912, p. 129).

Em 1912, os imigrantes continuam reclamando da falta de “socorros médicos” na colônia Guarani. O encarregado informa que eles sofrem nos primeiros meses da chegada e que “ordinariamente já vem doentes.”. Ainda havia um único médico para toda colônia, sendo que o mais próximo da Região Campina (sede Nickel), que estava recebendo a maior parte dos colonos russos, estava na sede Comandai, a 44 km de distância. O relatório anual informa que morreram: 41 suecos, 28 russos, 20 polacos, 13 finlandeses, 4 austríacos e 3 alemães:

Os suecos e finlandeses são muito sujeitos a moléstias das vias respiratórias e intestino, os russos de oftalmias e diarreias. Nas mulheres e crianças, qualquer picada de inseto determina uma ferida, e todos são muito exigentes no que concerne à saúde.” A comissão tem boa enfermaria na sede Comandai e, devidamente autorizada, está construindo uma em Porto Lucena (SOP, 1912, p. 135).

Entre as correspondências trocadas entre o diretor de Terras e Colonização e o secretário de Obras Públicas, nos deparamos com vários pedidos referentes ao perdão da multa por atraso da dívida colonial. A maioria das justificativas referenciava o fato de o

---

<sup>48</sup> Carta de justificativa de despesas manuscrita por Adolpho Ambroz, responsável pela Farmácia Guarany ao encarregado da Colônia. 09 de maio de 1910. (SOP, Cx. 51, M. 110, doc. 1427).

colono estar doente, com dificuldades ou incapacitado para o trabalho.<sup>49</sup> Praticamente todas as requisições analisadas estavam com recomendação de serem atendidas tanto pelo encarregado da colônia, quanto pelo Diretor de Terras e Colonização.

### 3.3.5. ATIVIDADES EXTRAS

A principal atividade que o governo esperava ver realizada pelo imigrante era o trabalho na lavoura. Janis Gutmann ao fazer propaganda do Brasil no Império Russo avisava que se o indivíduo não fosse agricultor, que nem viajasse. Ao colono que não tivesse meios de se sustentar, o governo ofereceria trabalho e ele não precisaria ter medo de morrer de fome, mas “não poderia deixar em casa a vontade de trabalhar, senão o dinheiro russo não aguentaria o clima brasileiro” (Bytsenko, 2006, p. 89)

O governo do Rio Grande do Sul oferecia trabalho ao colono, enquanto este estivesse se estabelecendo:

No primeiro semestre dá-se-lhe trabalho em caminhos vicinais, a razão de 500 réis por metro linear até o auxílio máximo de 125\$000 por família. No caso de moléstia ou falta de recursos, tem o imigrante, durante o primeiro ano de estabelecimento, auxílio para dietas, medicamentos e outros socorros de que necessitar e lhe possam ser prestados. Por outro lado, ainda no primeiro ano do estabelecimento, ficam isentos de impostos” (SOP, 1908, p. 90).

Os trabalhos nas estradas vicinais abrangiam diversas tarefas, tais como: movimentar terra, remover pedras, aterrar banhados; que achamos discriminados em folhas de controle de pagamento nas colônias Guarani e Erechim. A manutenção anual da estrada vicinal em frente ao lote também era um dos trabalhos adicionais, era remunerado ou servia de abatimento da dívida colonial. Localizamos colonos russos entre os trabalhadores alocados na construção da estrada principal na colônia Guarani, que ligava a Sede Comandaí ao núcleo Uruguai (Porto Lucena). A distância entre os dois núcleos era de 72 km. Em 1909, o chefe da comissão atribuía grande importância a essa construção com a expectativa de que proporcionaria o aumento das exportações. 23

---

<sup>49</sup> Também localizamos pedidos de isenção de multa ou quitação da dívida em consideração às viúvas de imigrantes, colono septuagenário, filho único de pai assassinado, etc (AHRs, SOP, CX 51, maços 109 e 110).

km já estavam preparados (SOP, 1909, p. XIX). Mikita Kaczan, marceneiro russo, que chegou em 1908 com a família (mulher e seis filhos), fazia parte do grupo que trabalhou na construção da estrada para o núcleo Uruguai. Mikita recebeu 32 mil réis no mês de julho de 1910 na tarefa de movimentação de terra<sup>50</sup>.

Em Erechim, a construção da estrada que ligava a sede até a Colônia Sananduva e uma picada até o arroio Marcelino foi feita unicamente com o trabalho de imigrantes. Sendo que com o crescimento rápido do povoamento, o encarregado previa a necessidade de uma estrada de rodagem, na qual pretendia utilizar somente os recém-chegados, fora da época da plantação. No relatório anual ele reportou que os imigrantes já tinham construído 250.500 metros de estradas vicinais na colônia entre 1910 e 1912 (SOP, 1912, p. 128).

Zabolotsky (2007,p.33) comenta sobre o trabalho dos imigrantes russos na construção das estradas em pagamento aos lotes adquiridos, apresentando um dos documentos do departamento de terras e colonização com a folha de pagamento do pessoal empregado na construção das estradas entre as linhas Buriti, Nickel e Amadeo referente ao mês de abril de 1917 (Região Campina-Colônia Guarani). No documento podemos observar o nome de André Lachnov (outra grafia) e discriminado o lote 27, Linha Buriti, o produto do trabalho e o pagamento. Logo abaixo de seu nome, encontra-se o nome de seu filho, Demétrio Lachnov, referindo ao mesmo lote e em observações “por Andrey Lachnov”. Filhos, irmãos trabalhavam no pagamento do lote para a família. Há outros casos de mais de uma pessoa da família trabalhando para pagar o lote nesse mesmo documento. Na experiência de apoio mútuo e solidariedade entre as famílias de camponeses anarquistas de Erebangó o trabalho era dividido de forma a atender a comunidade. Assim descrito:

Os mais hábeis cumpriam as mais diversas tarefas (na agricultura, no ensino, no aconselhamento do grupo, na assistência aos doentes, no sepultamento dos mortos) ... Cultivava-se a terra, plantava-se e colhia-se tendo em vista a distribuição da prosperidade. As famílias se harmonizavam nos desmatamentos, na construção dos barracões, na abertura de vias e caminhos, na troca de sementes e animais, nos partos, nos acidentes e nos tempos de seca (depoimento de Elias Iltchenko à Rodrigues, 1986, p.32-33).

---

<sup>50</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Folha para pagamento dos trabalhadores empregados na construção da estrada do Uruguai durante o mês de julho de 1910. (AHRs, SOP, Cx. 52, M. 110).

A entrada de 3.085 imigrantes russos na Colônia Guarani em 1909 refletiu também no número de empregados e na folha de pagamento da comissão. Examinando os pagamentos de salários de julho de 1910 encontramos 14 funcionários na categoria “capataz”<sup>51</sup>. Cada um era encarregado das várias linhas e seções, sendo que cinco deles também eram intérpretes: um de alemão, um de holandês, um de polonês e dois de russo:

Paul Beinlich – intérprete alemão – encarregado do escritório em Porto Lucena.

Stefan Wisniewski – intérprete “polaco”, encarregado dos trabalhos na 5<sup>a</sup>., 6<sup>a</sup>., 7<sup>a</sup>. E 8<sup>a</sup>. Seção do Núcleo Comandahy.

Adolf Jesse – intérprete **russo** do Núcleo Comandahy, encarregado dos trabalhos das linhas 8 de agosto, 7 de setembro, 23 de julho, 13 de maio e Pederneiras.

Adriano Krenning – intérprete holandês, encarregado da 1<sup>a</sup>., 2<sup>a</sup>., 3<sup>a</sup>. Seção do Núcleo Comandahy.

Felippe Ahnert – intérprete **russo** no Núcleo Uruguai e encarregado das linhas Pacca, 1<sup>o</sup>. De março e Chrystal.

Localizamos os registros de quatro dos intérpretes no cadastro da Colônia (AHRS, 2004), sendo imigrantes que haviam chegado em anos anteriores. Os intérpretes de língua russa: Jesse está identificado como alemão e Ahnert como russo-alemão<sup>52</sup>. O salário de encarregado/intérprete era de 80\$000 réis, sendo que Ahnert recebia 75\$000. Na folha de pagamento, ele aparece com nacionalidade russa.

Augusto Pestana, encarregado de Ijuí, pela mesma época(junho/1910) enviava um memorando à Diretoria de Terras e Colonização explicando, entre outras coisas, o motivo de ter despesas extras de folha de pagamento. Em função da grande entrada de imigrantes, ele considerava que o pessoal alocado era insuficiente<sup>53</sup>. Entre os funcionários estavam: um colocador de imigrantes; um intérprete que falava alemão,

<sup>51</sup> [COLÔNIA GUARANI] Folha para o pagamento do pessoal jornaleiro dessa comissão que foram efetivos nos seus cargos durante o mês de julho de 1910. (SOP, Cx. 53, M. 113, doc. 1424 e 1425).

<sup>52</sup> Beinlich, Paul Gustaf, 33 anos, alemão, alfabetizado, jardineiro, acatólico. Chegada: 28-10-1908. reg. Obs: Particular. Reg 3479 C-527(AHRS, 2004, p. 47).

Jesse, Adolf, 26 anos, casado, ferreiro, protestante: Emilia, 21 anos, casada; alemão; chegada: 5-8-1908. Reg. 2836-2837 C-527 (AHRS, 2004., p. 40).

Krenning, Arie (Adriano), 26 anos, alf., acat., cas....; holandês; chegada: 27-9-1908. Reg 3162-3167 C-527 (AHRS, 2004, p. 43).

Ahner, Felipe, 14 anos, acat., russo-alemão; chegada: 4-2-1909. Reg. 6225-6231 C-527 (AHRS, 2004, p. 77).

<sup>53</sup> Memorandum número 54 de Augusto Pestana, encarregado da Colônia Ijuí ao Diretor de Terras e Colonização em 21 de junho de 1910 (AHRS, SOP, CX 51, Maço 110, doc. 591, 5 páginas).

polaco, russo e holandês, que ele não podia deixar sair do escritório, pois precisava de seu serviço a todo momento; dois capatazes, que exerciam várias atividades: alocar colonos nos lotes, distribuir serviços nas estradas vicinais, pagar esses serviços, verificar a construção de casas e o pagamento dos auxílios, além de viajar várias vezes para dirimir dúvidas e questões entre vizinhos.

Além das atividades demandadas pela administração da colônia, alguns imigrantes destacaram-se por trabalharem com o transporte e o comércio de mercadorias. Zabolotsky (2007, p. 44-46) comentou vários casos no seu livro. João Melnik após anos trabalhando com a agricultura, montou um bolicho onde vendia alimentos, tecidos, medicamentos, ferramentas e outros. Com o tempo passou a adquirir produtos coloniais dos outros e transportá-los para comerciar em Santo Ângelo. Sua filha Nina conta que sua residência serviu de hospedagem, chegou a ter 27 imigrantes russos, rapazes, trocando estadia por trabalho com a família até serem encaminhados para outras atividades. Nycolay Droschdin montou o primeiro bolicho da linha Paca Sul, negociava no sistema de troca de produtos por mercadoria, mas depois retornou para Rússia. Alexandre Helenko teria construído o primeiro moinho movido a água e Antônio Zelinsky tinha alambique e fabricava vodka. Eles também retiravam cerca de mil e duzentos quilos de mel por ano. No comércio, fundaram uma cooperativa agrícola colonial, chefiada por Trofím Nasiniak e João Kirichenco. Entre os que trabalhavam com transporte estavam, por exemplo: Gabriel Kapusta, que com sua carreta puxada por duas juntas de bois levava de uma a duas semanas para percorrer Santo Ângelo e Ijuí; Paulo Wodniow que “carroceava” entre Santo Ângelo e Cruz Alta; João Kirichenko que trabalhava com fretes para São Luiz Gonzaga numa carroça puxada por oito burros.

O serviço de transporte era um dos itens mencionados nos relatórios do encarregado da colônia como indicador de desenvolvimento da região, mas não encontramos documentos no AHRS envolvendo pequenas empresas dos imigrantes russos, somente de alguns alemães e de um holandês. Também não localizamos o registro da cooperativa agrícola mencionada no livro.

### 3.3.6. PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Lá eles tinham moinho e tinham bolicho... plantavam milho, mandioca, feijão, arroz. Anastacia Nasiniak, filha de imigrantes (Nadiejda, 2009, I, 3:30, 4:31)

E eles produziram muita canha de vodka, em russo que se diz, que eles lá na Sibéria beberam para se aquecer, porque era muito frio. E ali eles também acharam que estava muito frio e fizeram um preparado como uma fábrica de aquecer o corpo. Meu avô trouxe da Rússia ... pelo navio, agora de lá para cá não sei como eles trouxeram, se de carroça ou carregando nas costas, porque eles não tinham recurso, tudo era mato, não tinha recurso nenhum (Marta Zabolotsky sobre o alambique que o avô trouxe em 1911, Nadiejda, 2009, III, 1:35).

Janis Gutmann avisava aos candidatos a emigrar para o Brasil: “os melhores resultados são obtidos pelos colonos que levam consigo uma família grande. Dada a peculiaridade das culturas brasileiras, até crianças de dez anos podem, com grande êxito, participar na plantação e na colheita de cereais do lugar, porque tal trabalho não exige nenhum esforço físico e as crianças executam-os, brincando.” (Bytsenko, 2006, p. 79). Mas essa não foi a real situação que se apresentou aos que precisaram derrubar uma zona de floresta, ou que receberam terrenos pedregosos, ou até pelas diferenças na agricultura local. Elias Iltchenko relatou que quando os imigrantes chegaram não conheciam formas de trabalhar a terra no Brasil e o que podiam semear e plantar. Ao estabelecerem-se na Colônia Erechim em 1911 o governo deu 500 mil réis em vales para gastar no comércio até chegar a primeira safra. Receberam enxadas, foices, machados e um serrote para cada duas famílias. “Como não sabiam o que produzia mais, alguns foram trabalhar nas vizinhanças para aprender e ensinar os que ficavam tomando conta de tudo...Foram mais dois anos de aprendizado e ao mesmo tempo tentar ganhar alguns mil réis para sustentar a família.” (Rodrigues, 2001, p. 244).

João Melnik (Iwan Melnik) era de uma família abastada que morava próximo à Kiev (ucranianos?). Ao perderem tudo num incêndio resolveram migrar para o Brasil. Ele chegou em fevereiro de 1912 aos 25 anos com a esposa Eudoquia de 19 anos. Em seguida vieram seus pais e irmãos e instalaram-se na linha 8 de maio. Durante muito tempo trabalharam na agricultura de subsistência. Depois, Melnik tornou-se comerciante como já mencionado anteriormente. Zabolotsky (2007) narra as dificuldades dos recém-chegados para preparar a terra. Desmatar a densa área coberta por pés de cedro, louro, angico e canela foi um trabalho demasiado pesado para alguns. Os que tinham melhores condições financeiras voltaram à Rússia, ou seguiram até a

Argentina. Foi o caso do seu tio avô Simon Zabolotsky que havia recebido o lote no. 1 da Linha Paca, mas acabou voltando para Rússia.

Entre os que ficaram trabalhando sobre o calor intenso e o ataque de mosquitos, logo após a primeira colheita, enfrentaram mais um problema. O trigo que haviam guardado em rolos apodreceu com um ataque de carunchos e formigas. Eles passaram muito trabalho até se adaptarem. Os colonos que mais se destacaram na época foram Miguel Strejewitsch, Demétrio Moscalkoff, Alexandre Kirichenco, Clemente e Nicolau Socolowoth, Alexandre Nasiniak entre outros. Produziam trigo, fumo, feijão e suínos para abate, extraíndo banha. Comercializavam os produtos: banha, trigo, fumo em rolo, feijão no comércio em Santo Ângelo e Ijuí (ZABOLOTSKY, 2007, p. 45).

Nos relatórios da comissão de terras das colônias do noroeste são destacadas as produções de trigo, aveia, centeio, assim como alimentos mais conhecidos na região como milho, feijão, mandioca, arroz, cana, além da produção de fumo, banha, toucinho, rapadura, aguardente e até mesmo o vinho, que julgavam os administradores seria de ótima qualidade e viria a galgar reconhecimento fora do Estado. Os custos do transporte via estrada de ferro algumas vezes inviabilizavam as “exportações” dos produtos para fora do Estado, sendo que por muito tempo perdurou o comércio com as cidades e colônias mais próximas, tais como Santo Ângelo, Palmeira, Cruz Alta, Ijuí, São Luiz Gonzaga. Além do problema de escoamento da produção, períodos intercalados de secas e inundações, inclusive arrastando pontes aparecem nos relatos dos encarregados.

O Rio Grande do Sul era dependente da importação do trigo. A Secretaria de Obras Públicas demonstrou esforços para mudar a situação. Em 1911, uma das ações foi realizar testes da cultura desse grão no Posto Agrônomo Experimental de Guaporé. As duas variedades “Russo” e “Barletta” foram recebidas da inspetoria agrícola, mas chegaram muito tarde. Semeado em princípio de julho, apresentou bonita floração, mas em 18 de novembro, foi atacado pela ferrugem, que em poucos dias o destruiu quase por completo. Ao ser atacado por essa doença não se pode aproveitar nem a palha (SOP, 1912, p.185-186): Mas, após alguns problemas nas primeiras safras do trigo, as plantações começaram a dar resultados. Em 1912, o diretor de Terras e Colonização anunciou que em Guarani, mais ainda que Ijuí, houve um grande desenvolvimento da cultura do trigo, talvez tenha triplicado a plantação e, em excelentes condições. “Quase que não há colono que não tenha semeado o seu pouco de trigo”. A informação dos colonos era de que poderia render até 48 sacos por litro de semente, “salvo os anos de calamidade, como a seca ou a praga de gafanhotos”. O diretor ressaltou que os

resultados de produtividade em Guarani eram melhores que em Ijuí, rendendo “70, 80, 100 e mais sacos por litro de semente” (SOP, 1912, p. 134-135). Costa (1922, V.I, p. 32) ao comentar sobre a retomada e sucesso da cultura do trigo no Estado citou, entre as várias espécies, as mais cultivadas: o barleta, o crioulo, o espelta e o trigo russo. Outras sementes, como lentilha, ervilha e favas também passaram a ser distribuídas e celebradas pelos colonos.

Os imigrantes produziram com os alimentos cultivados no Estado, alguns pratos da culinária russa, tais como o *blini*, massa recheada similar a panqueca; *kotlete*, um bolinho de carne; *borsch*, sopa de legumes e carne e; a cuca russa, que são feitos até hoje nas casas de descendentes e em dias de festa da comunidade (Zabolotsky, 2007, p. 157-159). A vodka, tradicional bebida da Rússia, também chegou à Região Campina. Os avôs de Marta Zabolotsky trouxeram um alambique de cobre, adquirido em 1894, junto na viagem ao Brasil. Marta herdou o alambique e fabricou a bebida até 2002. Na Rússia utilizavam beterraba ou batata para produzi-la, aqui os avôs substituíram esses insumos por cana de açúcar (Castro, 2009, Nadiejda, 2009, III). Demétrio Nasiniak contava que fazia vodka caseira, segunda a técnica russa e quando chegava um companheiro “eu digo vipion” (Пьем - vamos beber) ao que o outro responde “Zasdarovie” (За здравие -para a saúde)”. A família por anos produziu “vodka de cana de açúcar, com uma mistura de farinha de milho e fermento...uma bebida mais saudável e saborosa do que as similares brasileiras” (Zabolotsky, 2007, p. 158). Uma típica cozinha russa da Sibéria, feita de barro e incrustada no solo, foi construída por Sergey Parchin, em 1913. Ele havia recebido o lote 28 em fevereiro de 1910 na linha Buriti. Essa cozinha permanece em pé em 2022 como um dos registros remanescentes dos primeiros russos chegados à Região Campina e foi um dos locais mostrados na série Nadiejda (2009, III, 2:52).

### 3.3.7. RELIGIÃO - IGREJA E CEMITÉRIO ORTODOXO

Minha avó era muito religiosa, daí não tinha igreja. Ela ia no cantinho da casa, domingo se lavava e ia no cantinho de casa e cantava e chorava. Fazia de conta que ela tava na igreja. Anastacia Nasiniak, filha de imigrante (Nadiejda, 2009, II, 0:26).

As estatísticas da Diretoria de Terras Públicas classificavam os imigrantes em relação à religião em católicos, acatólicos e diversos. Não encontramos o que seria considerado na categoria diversos. No período de 1908 a 1914 entraram 13.492 russos acatólicos (79% de todos os imigrantes russos). Nos cadastros da Colônia Guarani alguns acatólicos são registrados como: mosaico; hebraico; greco-católico (como a família de Zabolotsky); greco-oriental; ortodoxo; ortodoxo grego, protestante.

A primeira igreja ortodoxa russa do Rio Grande do Sul e do Brasil foi estabelecida na sede Campina (Linha Nickel) da Colônia Guarani em 1912. Padre Andrei Lysenko foi o primeiro sacerdote da Igreja São João Evangelista segundo Zabolotsky (2007, p. 136)<sup>54</sup>. Antes disso, os imigrantes ortodoxos rezaram em suas próprias casas, onde haviam erguido uma espécie de altar no "ângulo belo", localizado num canto na entrada ou em algum outro lugar de destaque. Ícones com imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora, da Sagrada Família, do Santo Padroeiro dispostos junto a uma *lampatka* (lâmpada que ficava sempre acesa) compunham o ambiente, além de velas. Estes elementos estão também presentes na igreja. Segundo Zabolotsky (2007, p. 143-144), a grande maioria dos imigrantes trouxe consigo essas relíquias, como a família de Demétrio Lachno, que chegou em 1910 e as conservam até hoje.

A primeira capela foi construída em madeira e foi visitada por um bispo ortodoxo em 1915, conforme imagem do acervo de Zabolotsky. Em 1924, a paróquia foi transferida para Linha Paca Sul, no interior do município e distante cinco quilômetros da sede, onde nova capela de madeira foi instalada (Zabolotsky, 2007, p. 148-149). Alguns costumes ainda são seguidos nos ritos da Igreja: o padre reza de costas para o público, que se divide em mulheres de um lado e homens de outro; a liturgia é em russo

---

<sup>54</sup> Ao pesquisarmos por Andrei Lysenko encontramos um artigo em russo contando a história desse padre que foi atamã (chefe cossaco) na aldeia Pashkovskaya, distrito de Ekaterinodar (hoje Krasnodar no sudoeste da Rússia), depois general dos cossacos e mudou para América Latina, Peru, em 1929 junto com outros 300 soldados. Mais tarde, no Uruguai virou empresário, dono de hotel, depois mudou-se para Porto Alegre em 1934(?), onde passou a atuar como sacerdote e aí permaneceu até sua morte em 1956. Pela descrição do jornal ele provavelmente estava em Campina das Missões e não Porto Alegre. E, supomos que ele não foi o primeiro padre da Igreja São João Evangelista, pois existem fotos de 1915 da igreja e um padre, além da foto com um bispo em 1924. Informações retiradas pela autora do jornal Notícias de Krasnodar (Новости Краснодара) de 18/01/2016, matéria: Ataman, empresário, padre (Атаман, бизнесмен, священник) por Anastacia Kuropatchenco. Seria muito interessante resgatar os livros tomo da Igreja de Campina das Missões para esclarecer esses pontos. O companheiro de Lysenko na ida para o Peru, Ivan Pavlichenko, aparece liderando uma revolta de cossacos naquele país em 1930 (Glave e Lauro in Fazer América, 2000, p. 513).

e as mulheres seguem usando lenços cobrindo os cabelos para não serem vistos pelos homens. Assim como identificado por Vorobieff (2006) a igreja foi um local de socialização da comunidade russa e segue até os dias atuais como local de encontro e celebrações.

Identificamos o local onde se encontra a igreja no cadastro de lotes e títulos da Região Campina, linha Paca<sup>55</sup>. O lote 31A está alocado à Sociedade Russa Rio-Grandense com data de concessão de 31/01/1917. À área de 50.000 m<sup>2</sup>, custando \$100 mil réis (2 réis/m<sup>2</sup>), foi adicionado o valor de \$250 mil réis a título de auxílio, perfazendo o valor total de \$350 mil réis. No cadastro constam duas parcelas do pagamento: \$50 mil em 31/01/1917 e \$60 mil em 12/09/1918. No mesmo lote, em frente à igreja está o cemitério ortodoxo, local inicialmente dedicado a enterrar exclusivamente os imigrantes ortodoxos e seus descendentes. Com o tempo ele passou a incluir pessoas de outras etnias, a partir de casamentos exogâmicos principalmente com alemães e poloneses. Consta que cerca de 500 imigrantes estão ali enterrados (Nadieja, 2009, II, 4:10). Encontramos, em visita ao local em junho de 2022, o nome de várias famílias pioneiras da imigração russa, tais como: Kosma e Stephania Kapusta e Gregorio Melnicoff que chegaram com suas famílias em 1910 (AHRS, 2004, p. 102,103); Alexandre Zabczuk, ao lado seu irmão Simão, que morreu num acidente no mato, quando uma árvore caiu sobre sua cabeça em 1922 (Zabolotsky, 2007, p. 95; AHRS, 2004, p. 210); os avós de Zabolotsky, Andrei e Melania, chegados em 1911(AHRS, 2004, p.124) ; Iwan Maximenco, que chegou em 1913 (AHRS, 2004, p. 199); Alexana Baglenko, cuja lápide está em cirílico; além de nomes das famílias Bondarenco, Zelinski, Nasiniak, Helenko, Melesko, Marusiak, Massiaga entre outras.

Solicitamos o acesso aos registros da Paróquia São João Evangelista, através do arcepreste da Igreja São Sérgio de Radonej em Porto Alegre, mas até o momento não obtivemos a autorização para consultá-los. Nossa intenção era obter maiores informações sobre os imigrantes, uma visão fornecida por um órgão diretamente ligado ao Império Russo naquele momento. Ruseishvili (2016) conseguiu dados referentes à procedência, profissão e número de filhos através dos Livros de Tombo das igrejas em São Paulo. Não localizamos registros sobre a fundação da igreja ortodoxa russa e sobre a mudança de locais nos relatórios e correspondências do chefe da comissão. Mas nos

---

<sup>55</sup>[COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Campina. 1912-1920 (AHRS, DTC, SA266).

deparamos com o registro do crescimento da região Campina o que levou Clarimundo Santos a solicitar à Diretoria de Terras e Colonização a construção de uma nova sede, a sede Nickel, na linha de mesmo nome e para o qual estavam reservados os lotes 28 e 30<sup>56</sup> :

Tem-se encaminhado para a região da Campina muitas famílias de russos e suecos, fui autorizado a medir uma pequena sede, a fim de montar um centro comercial necessário para facilitar a vida dos imigrantes, que, do contrário teria que percorrer 30 km para sair-se em Porto Lucena, ou 44, em Comandhay. Escolhi os lotes rústicos 28 e 30 da linha Nickel, junto ao Rio Pecegueiro, que corta a sede de N.E. para S.O., e onde lancei uma ponte de 16 metros. A nova sede conta já com uma população de 68 habitantes, em 12 casas, das quais, 3 de pequenos negócios (SOP, 1910, p. 125).

Estava lançada a sede Nickel que futuramente viria a ser o centro da Cidade de Campina das Missões. Observa-se na foto a seguir, um dos imigrantes na sede Nickel com um *papakha*, chapéu muito utilizado nas regiões frias do Império Russo, além de várias mulheres com lenços na cabeça.



Fonte: Anexos do Relatório da Secretaria de Obras Públicas de 1910 (SOP, 1910).

<sup>56</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Campina (AHRS, DTC, SA266).

Kramer (2019)<sup>57</sup>, através de um manuscrito em língua alemã do sr. Mathias Fridolino Reichert, resgatou um pouco da história inicial da Região Campina. Em 1912, ao morrer um dos filhos de Nicolau Perius, imigrante alemão, como não havia cemitério católico e não queriam sepultá-lo no cemitério dos imigrantes na cidade, sepultaram-no na colônia 26 da linha Amadeo, como primeira pessoa do lado teuto-brasileiro. Ainda em 1912 foi sepultada uma criança de José Sauer no mesmo local. Em 1913, receberam a visita do Padre Francisco König, vigário da Paróquia São Luiz Gonzaga e, no dia seguinte foi rezada a primeira missa, no lote 24 da família Perius. Pelo ano de 1917, foi decidido transferir a capela da comunidade católica para o Povoado Campina. Pedro Agnes, imigrante alemão que havia participado da medição dos lotes da região e possuía dois lotes paralelos aos reservados para a sede, teria doado cinco hectares do seu lote no. 32 na linha Nickel para a construção da igreja católica. Esse local é o mesmo onde hoje se encontra a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Conselho.

Desse pequeno trecho resgatado por Kramer observamos vários pontos. Primeiro, a importância da religião para as etnias russa e alemã entre as pioneiras da região. Até na morte faziam questão de sepultar em solo consagrado às suas crenças. Segundo, o cemitério dos imigrantes na cidade a que se refere Reichert, seria o cemitério construído na sede da Colônia Guarani, no núcleo Comandahy. No relatório de 1899, o encarregado relatava que finalmente o cemitério da sede estava construído. Lá provavelmente jazem os restos dos mortos registrados no relatório de 1912: “41 suecos, 28 russos, 20 polacos, 13 finlandeses, 4 austríacos e 3 alemães.” (SOP, 1912, p. 135). Fica aberta a questão de onde teriam sido sepultados os imigrantes que chegaram entre 1890 e essa data. Num trabalho de controle ambiental requisitado pela prefeitura municipal de Campina das Missões em 2010 foram registrados vinte cemitérios na região<sup>58</sup>.

Terceiro ponto, também observado por Kramer, há uma coincidência de datas e áreas destinadas às igrejas ortodoxas e católicas. Enquanto a capela católica era

---

<sup>57</sup> Alfredo E. Kramer, ex-diretor da maior escola de Campina das Missões e ex-diretor do Departamento de Cultura da prefeitura, interessou-se em conhecer a história da diversidade de etnias e as relações entre elas na formação da cidade. Criou o Projeto Raízes voltado ao resgate e preservação dos valores artísticos culturais. Pela escassez de bibliografia, resolveu ele mesmo pesquisar sobre o tema. Como um “imigrante” e não como “historiador” como ele mesmo diz, mergulhou no acervo do AHRS, nos arquivos da Prefeitura Municipal, no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, além de colher depoimentos dos imigrantes e descendentes, tanto russos como alemães.

<sup>58</sup> Prefeitura Municipal de Campina das Missões. Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, 2010.

transferida da Esquina Nickel (local entre as linhas Amadeo e Nickel) para o Povoado Campina em janeiro de 1917 numa área de cinco hectares, a Sociedade Russa Rio-Grandense recebia uma área também de cinco hectares na Linha Paca, lote 31 A, distante cinco quilômetros do povoado. Anos mais tarde, provavelmente em 1924, segundo Zabolotsky (2007), a capela ortodoxa saiu do Povoado Campina e mudou para a área que recebeu na linha Paca. Não sabemos identificar se houve uma relação direta do motivo da mudança da igreja ortodoxa com a chegada da igreja católica. A presença de igreja de credos diferentes compartilhando o mesmo local não é algo incomum mesmo para a época. No relatório de 1907, quando a colônia contava com cerca de 5.568 almas, a maioria em lotes rurais, Clarimundo Santos informava, entre outras coisas, que o povoado São Xavier tinha apenas uma casa comercial, 5 casas particulares e duas igrejas. Duas igrejas num povoado tão pequeno, mas atendendo a crenças diversas: uma católica e uma protestante.

Zabolotsky (2007, p.54-55) identificou mais quatro cemitérios com imigrantes e descendentes russos na região de Santa Rosa: Lageado Mandurim, Pedregulho, Cafurú e Pratos. Não tivemos, no período desse estudo, como saber quantos dos imigrantes que chegaram à colônia Guarani, Erechim e Ijuí migraram para a região de Santa Rosa, mas quando a Colônia 14 de julho foi estabelecida, junto com a colônia Fortaleza em 1914 o diretor de Terras e Colonização identificou que muitos colonos espontaneamente já haviam se mudado para lá. Ducatti Netto (1986, p. 308) no livro sobre a história de Erechim cita que em termos de culto, havia três igrejas: uma católica romana, uma católica dissidente e uma russa ortodoxa. Essa última capela, construída pela comunidade ucraniana em estilo gótico (1931) foi posteriormente demolida”. Infelizmente não há maiores referências a essa comunidade no livro, mas parece-nos que essa igreja foi construída num período posterior ao que analisamos, assim como outra igreja ortodoxa na Vila Pratos (interior de Novo Machado) identificada em fotos do acervo de Zabolotsky (2007, p. 82, 88). Ambas não existem mais.

Entre os judeus russos, que se instalaram na Fazenda Quatro Irmãos, estava Abraham Faermann e sua família. O patriarca foi retratado no livro memorialístico da filha Marta como alguém que praticava a religião mosaica com convicção, passando aos filhos as tradições judaicas (Faermann, 1990, p.25-26). Entre 1911/1912 foi construído o terceiro templo israelita do Estado (Faermann, 1990, p. 112). Hoje na cidade de Quatro Irmãos encontra-se tombado pelo município o Cemitério Israelita fundado em 1913.

### 3.3.8. ESCOLAS E LÍNGUA RUSSA

Nos relatórios da Diretoria de Terras e Colonização nota-se a preocupação dos chefes de colônia com a educação dos colonos na língua pátria e conseqüentemente com a instalação de escolas. Havia uma seção dedicada a informar o andamento da implantação das escolas. Em Ijuí em 1899 havia 12 escolas, sendo 2 mantidas pelo Estado. Nas escolas particulares só numa havia o ensino de português, a do professor André Gaile. Grande número de crianças não ia à escola porque tinham que pagar os professores (SOP,1900, manuscrito não paginado). Augusto Pestana registrou sua demanda por escolas públicas e pelo ensino do português: “Nesta, como nas outras colônias, convirá facilitar a aprendizagem da língua pátria; só isso muito concorrerá para que mais depressa se misturem na nacionalidade brasileira os descendentes dos estrangeiros aqui domiciliados”. (SOP, 1900).

Clarimundo Santos em 1905 reclamava que em Guarani (fundada em 1891) já havia 5.262 habitantes e nenhuma escola. Quatro aulas públicas haviam sido aprovadas, mas nenhuma foi instalada (SOP, 1906, p.64). Enquanto em Ijuí na mesma época aparece a primeira escola russa nos registros oficiais do período. A população já estava em 10.000 habitantes e o número de escolas havia quase duplicado:

“existia em toda colônia 22 aulas, sendo particulares 13 e do Estado 9. Destas, continuavam vagas 2, sendo 406 crianças matriculadas com uma frequência diária de 315. Nas aulas particulares havia 540 alunos matriculados com uma frequência extraordinária. Seis dessas aulas eram alemãs, quatro polacas, uma austríaca, uma italiana e uma russa (SOP, 1906, p.66).

A presença de escolas particulares nas diversas línguas representava as diversas etnias na formação de Ijuí. Havia, no entanto, a preocupação do governo em assimilar os novos imigrantes para que não ocorresse o fechamento do grupo, como ocorreu nas colônias alemãs. A escola russa em Ijuí aparece explicitamente nos registros dos relatórios de 1905 a 1911, o que nos faz concluir que pelo menos durante esse período houve presença de uma comunidade com famílias que se comunicavam na língua russa e que puderam manter a escola. Muito provavelmente trata-se da escola criada pela comunidade de letos, russos periféricos, que se formou em Ijuí. Os primeiros letos

chegaram à colônia em 1892, vindos da Argentina, conta o reverendo Frederico Linck (1958, p. 293-296). A escola mais próxima ficava a cerca de 55 quilômetros de distância, além da falta de um local adequado para o ensino, faltavam professores. Assim como ocorreu com outras comunidades, algum adulto que soubesse ler e escrever utilizava parte de seu dia para ensinar as crianças: “de manhã na escola, de tarde na roça”. Somente mais tarde, em 1899, construíram uma escola e todas as crianças em idade escolar frequentavam as aulas o ano todo. No encerramento do ano letivo havia um exame em público, com uma espécie de banca examinadora e, após, havia uma celebração com almoço com cucas e café com leite. O professor André Gaile, citado por Pestana, foi o primeiro professor leito dessa comunidade, segundo Linck (1958). A escola ficou fechada entre 1901 e 1904, por falta de professor, mas depois seguiu aberta e em 1939 fazia sua comemoração de 40 anos. Weber (2004, p. 110) resgatou uma entrevista feita pelo Correio Serrano em 1938 com o chefe do Serviço de Nacionalização do Ensino, Ney Britto, onde este cita a presença da língua russa na cidade de Ijuí na época: “Um fenômeno curioso fui encontrar no município de Ijuí, cuja colonização é feita por três raças, alemães, poloneses e russos. Esses últimos falam o seu idioma e falam também o alemão, mas o português, nenhum deles”.

Em 1911, Santos continua reclamando das poucas escolas. Há somente 4 escolas públicas, sendo que Guarani estava com 15000 habitantes (sem contar as colônias de Santo Ângelo e Serro Azul), sendo 3000 crianças. Ele solicita a criação urgente de 13 aulas (SOP, 1911, p. 135). O chefe da comissão não atualiza informações sobre as aulas particulares, como em 1907, quando havia notificado a existência de 11 aulas particulares nas línguas alemã e polaca. O problema da falta de escolas devido a novas levadas de imigrantes é uma constante. Pestana acusa a falta de 60 aulas em Ijuí em 1911: “Não há nada tão necessário nas regiões coloniais como as estradas e as escolas.” (SOP, 1911, p. 138). Finalmente em 1912, ele comemora que o governo estava suprindo as aulas: 32 escolas, 12 do governo, 4 municipais e 16 particulares. Em todas particulares, ensina-se o português e o governo fornece os livros” (SOP, 1912, p. 140).

“Sem ajuda do governo, os imigrantes foram forçados a montar seu próprio sistema educacional.” comenta Zabolotsky (2007, p. 123). Identificamos essa falta de suporte expressa nas solicitações dos chefes de comissões por instalação de escolas ou por mais aulas. Continua o autor: A fé e a tradição cultural russa tornaram-se a base da identidade étnica:

Em 1º. De janeiro de 1912 fundaram em Campina a Sociedade Religiosa e Escolar Russa. O primeiro presidente desta sociedade foi Gregório Massiaga. A escola era de madeira, construída sobre o lote rural 31 A da linha Paca Sul ... eram ensinados os idiomas português e russo. Alexandre Balabui foi o primeiro professor. Inicialmente a escola era só para os russos e descendentes. Posteriormente com a criação do município de Santa Rosa, passou a ser municipal, abrangendo todas as nacionalidades (ZABOLOTSKY, 2007, p. 123-126).

Zabolotsky (2007) inclui cópias do livro de matrícula da Sociedade Escolar São João e dos sócios da escola e da Igreja Ortodoxa da linha Paca Sul. Ele menciona que encontrou o estatuto da Sociedade no cartório de Santa Rosa, datado de 1912. Nas nossas pesquisas até o momento, encontramos a menção da Sociedade Russa Rio-Grandense apenas no cadastro de lotes. Kramer (2019, p. 236) registra o relato de Nikkifor Wodniow, imigrante russo que chegou a região Campina em 1913, que informa que já havia uma capela/escola quando se estabeleceu na colônia. Fundada pela Sociedade religiosa e escolar russa, teria sido construída em 1912: “Eles já tinham construído uns galpões onde moravam e feito roças. Eram ortodoxos e já tinham uma capela onde também tinham aulas”. Em 1917, quando a escola já se localizava na linha Paca, foi contratado o professor Constantino Bronstein, morador da linha 1º. De Março.

### 3.3.9 DIVERSIDADE ÉTNICA

Eu nasci no dia 13 de fevereiro de 1905, na Rússia, província de Kerson, vila Krivoi-Rog, a 90 km de Odessa. Elias Iltchenko (RODRIGUES, 2001, p.241).

Jacob Sirotsky e sua esposa Sosse emigraram da Bessarabia para Quatro Irmãos, através da ICA, em 1913. Na colônia nasceram cinco filhos (FAERMAN, 1990, p.43).

Parascóvia Stepanenco, Basílio Katroscha, Gregório Lobtchenko, Sérgio Bondarenco, Andrej Zabolotsky vieram da Sibéria ...Kusmá Radiuk, Ernesto Chartanovitch, Simeão e Miguel Nagorny vieram de Minsk (ZABOLOTSKY, 2007, p. 26-28).

Nas investigações identificamos súditos do Império Russo oriundos de diversas procedências, etnias e religiões, com diversas motivações para emigrar. Entendemos que

os lugares de nascimento dos imigrantes, como nas citações acima, podem ou não indicar uma especificidade étnica. Estão aqui postas para exemplificar a diversidade e as complicações enfrentadas neste estudo. Sentimos “a espinhosa tarefa” de identificar o imigrante etnicamente russo, de forma semelhante a que Regina Weber e Wenczenovicz (2012, p. 160) se referiam aos estudiosos da imigração polonesa com dificuldades para distinguir entre diversos grupos quais “correspondiam a imigrantes etnicamente poloneses”. A questão da heterogeneidade e complexidade dos imigrantes russos foi trabalhada por Ruseishvili (2016, p. 179-180) que buscou apoio em vários autores para entender o “mundo russo” e o que significa “ser russo”. A língua russa foi destacada como um importante marcador da identidade no exterior. Na situação dos imigrantes ela tornou-se um elemento de inclusão e exclusão, que “delimita as fronteiras de um grupo ao mesmo tempo que garante a coesão interna”. Bytsenko (2016, p.26) apresentou dados compilados pelo historiador Mironov (2010) sobre a composição étnica do povoamento da Rússia em 1914: 44,65% russos, 18,1% ucranianos, 6,5 % poloneses, 4,2% judeus, 4 % bielorrussos, 2,7% casacos, 1,8% tártaros , 1,4 alemães, 1 % finlandeses, 1% estonianos, 1 % letônios, sendo o restante (13,65) em outras diversas minorias representativas.<sup>59</sup>

Cruzando informações dos cadastros com as fontes secundárias conseguimos visualizar a concentração de imigrantes russos étnicos nas linhas da Região Campina da Colônia Guarani, conforme também observado por Kramer (2019). Analisando alguns depoimentos registrados por Zabolotsky (2007) com informações das procedências encontradas nos vapores que trouxeram os imigrantes, pudemos identificar a presença de possíveis russos étnicos (*ruskii*): russos vindos da Sibéria, ucranianos de Kherson e aldeias próximas a Kiev e bielorrussos de Minsk. Além disso, verificamos a presença de russos periféricos (*rossiyanin*): judeus, poloneses-russos e alemães-russos que também buscavam se manter agrupados. No caso dos poloneses, os que primeiro foram instalados nas colônias da serra, como Alfredo Chaves, Nova Trento, Bento Gonçalves, posteriormente migraram para Guarani e Erechim, juntando-se aos chegados entre 1908 e 1914. Sobre os ucranianos residentes em Erechim, cuja história foi contada por Rodrigues (1986), não achamos registros nos documentos da Diretoria de Colonização. Cabe ressaltar que não foram analisados 100% dos registros do período, ainda pode existir algum vestígio no material a ser investigado.

---

<sup>59</sup> [COLÔNIA GUARANI]. Registro de lotes e títulos - Região Campina (AHRS, DTC, SA 266).

Polanczyk (2007) ao percorrer as informações do cadastro dos povoadores da Colônia Guarani (AHRS, 2004) levantou a presença de 29 “nacionalidades” diferentes.<sup>60</sup> Dentre essas classificações, os alemães-russos, poloneses-russos, russos e russos-alemão-polonês seriam imigrantes procedentes do Império Russo, súditos do czar. O autor criou várias estatísticas procurando entender o perfil de formação da colônia, inclusive registrando a entrada por ano, por nacionalidade, por religião, por número de integrantes das famílias. Para nosso estudo interessou-nos observações tais como: 81% dos povoadores chegaram no período de 1908 a 1914; a identificação da pluralidade de etnias onde inseriram-se os imigrantes russos; o registro da chegada de alemães-russos, russos-poloneses e russos a partir de 1908, incluindo judeus russos; a chegada de maioria de imigrantes do Império Russo em 1909 trazendo famílias mais numerosas; a concentração nos lotes das mesmas linhas, como a compilação de que entre 1910 e 1911 as linhas que mais receberam russos foram 1º. de Março, Buriti, Serro Pelado, Dona Heloísa, Pacca e União; e de que os alemães-russos se direcionaram as linhas Pedro Lisa, Pedro Toledo, Palmeira, 1º. de Março, Baixa e Butiá; a procedência dos alemães-russos que chegaram em 1912-1913 foram a Volínia e a Curlândia (atual Estônia e Letônia), enquanto russos e alemães-russos-poloneses vieram de Astracan (no Mar Cáspio), Saratov (no Rio Volga), do Cáucaso, da Sibéria, da Ucrânia e da BieloRússia (Polanczyk, p. 79-102).

Uma das questões dessa pesquisa foi entender as relações dos imigrantes com a sociedade envolvente. Não achamos vestígios nos arquivos de como foi a relação sob a perspectiva dos imigrantes, somente sob a ótica da Diretoria de Terras e Colonização ou dos editores do jornal “A Federação”. Nos relatórios da Secretaria de Obras Públicas os brasileiros são chamados de “nacionais” e a comparação com os imigrantes é feita em vários momentos. Nos relatórios, os estrangeiros são valorizados, como elementos que iriam trazer maior civilidade e desenvolvimento ao se mesclarem aos nacionais (SOP, 1910, 105-106). Durante a febre brasileira estão presentes distinções entre que etnias seriam desejáveis e quais não, publicados expressamente nas páginas do jornal A

---

<sup>60</sup> Polanczyk, descendente de imigrantes poloneses, apresenta “uma coletânea de informações” que quis deixar como legado para gerações futuras. O seu foco de interesse foi a participação dos imigrantes poloneses na formação da cidade de Guarani das Missões, uma das que resultaram município após o crescimento da colônia. As nacionalidades do cadastro são: alemão, argentino, austríaco, belga, brasileiro, búlgaro, croata, dinamarquês, espanhol, norte-americano, finlandês, francês, holandês, húngaro, inglês, italiano, luxemburguês, paraguaio, polonês, russo, sérvio, sueco, suíço e, aquelas que expressam a etnia/território dos impérios em disputa ou nações em formação: alemão-russo, austro-húngaro, austro-italiano, polones-austríaco, polonês-russo, russo-polonês-alemão; Alsácia, Baden, Bayern, Bremen, Hessen, Holstein, Lubeck, Sachsen e Saxônia, Tirol, Westphalia (Polanczyk, 2007, p. 82)

Federação. Em 1904 Parobé faz um comentário desabonador referente aos estrangeiros, que vira incidente e repercute nos jornais.

Após um período considerado mais tranquilo de recebimento de imigrantes espontâneos, começa a grande leva de 1908, o que nos trouxe vestígios dessa relação através do comentário do diretor de Terras e Colonização: “há inconvenientes políticos e morais resultante da introdução atualmente de levadas de estrangeiros de umas pátrias nas outras, tornando tumultuária e perigosa a fusão de povos de civilização, crenças e costumes diferentes” (SOP, 1909, p.90). O diretor faz um resumo da situação, critica o capitalismo, “os países ricos como Alemanha, Itália e Rússia que não fornecem condições adequadas para existência de seus filhos, que acabam por abandonarem suas terras à procura de meios para sobreviver”. Demonstra sua preocupação por entrarem somente *braços, uma massa pobre*, os imigrantes engajados (subsidiados). Lembra que se fossem somente braços o que o Estado precisava poderiam ter acatado a ideia de trazer japoneses e chineses por esses contentarem-se com menores salários. Vale ressaltar que, o comentário não é específico em relação a etnia russa e, sim, uma referência a nacionais X estrangeiros, mas feito no momento que cerca de 50% dos que chegavam eram russos. Na verdade, ao defender a migração espontânea, Carlos Torres Gonçalves coloca-se plenamente aberto para receber imigrantes que tenham condições econômicas de se sustentar (SOP, 1909, p. 90). Esses são bem-vindos, independente de crenças e costumes diferentes. O alto volume de imigrantes resultou em impacto econômico, a quantidade que chegava estava muito acima do previsto pelo Estado em termos orçamentários e de pessoal administrativo. A partir desse momento Carlos Torres Gonçalves começa a propor o retorno da imigração espontânea e uma maior valorização do elemento nacional, estendendo a esses as vantagens fornecidas aos estrangeiros. Ele também demonstra uma preocupação em alocar as terras remanescentes aos filhos dos imigrantes das colônias velhas.

Especificamente na Colônia Guarani, o encarregado faz uma rotulação étnica a partir de um fenótipo, o uso ou não de barba pelos imigrantes russos. Assim nomeia “russos barbados e russos pelados (sem barba)”. Ao acompanharmos os relatórios através dos anos, conseguimos identificar que russos barbados seriam os russos-alemães. Mas quem seriam mais especificamente os russos pelados? Há algumas pistas que indicam que seriam trabalhadores urbanos, de fábrica, ou não acostumados aos trabalhos na lavoura, que teriam vindo ocupar a posição de agricultores. Os russos

pelados inicialmente aparecem como “bons para trabalharem na terra”, mas com o passar do tempo passam a ser discriminados por serem “sujeitos dados à vadiagem”, sendo que por fim, o encarregado não os quer mais na Colônia. Há uma referência aos holandeses, que, segundo o encarregado, estariam numa escala ainda abaixo dos “russos pelados”: “são fracos para todo serviço”, “são pouco dados ao trabalho”. Seguem partes dos relatórios, com trechos sobre essa rotulação. Na entrada de imigrantes entre 1908 e 1909, primeira ocorrência constatada desta categorização: “os russos pelados são bons trabalhadores da terra, mas não para o mato. Os holandeses são fracos para todo o serviço. Os russos-alemães barbados são bons trabalhadores e ordeiros” (SOP, 1909, p. 106). Novamente sobre a chegada de imigrantes em 1910:

Dessas diversas nacionalidades são preferíveis os russos alemães (barbados), os alemães, polacos e austríacos e, não convém os russos pelados (caras raspadas) e nem os holandeses. São toleráveis os outros. Os russos pelados, além de não servirem para o trabalho de mato, são dados à vadiagem, abandonam o lar para viver pedindo esmolas e são rapazes; os holandeses, em sua maioria, são pouco dados ao trabalho e amigos de viverem de expedientes. As levas que aqui chegaram até agora, tem apresentado esse tipo, talvez por serem quase todos trabalhadores de fábrica (SOP, 1910, p. 124 a 128).

A rotulação segue nos relatórios seguintes (SOP, 1911, p. 133; SOP, 1912, p. 135), porém são termos utilizados apenas pelo encarregado da Colônia Guarani. Por outro lado, ele os trata como “célebres pelados”, como algo de conhecimento público. Tentamos achar mais pistas entre as correspondências, no jornal A Federação e, mesmo em buscas on-line, mas não obtivemos sucesso. Talvez através de uma pesquisa em algum jornal local da época de Santo Ângelo ou São Luiz Gonzaga possa se obter resultados mais frutíferos.

Nos documentos oficiais não encontramos relatos de como se dava o relacionamento entre as etnias. A intenção do Estado era mesclá-las e com o decorrer do tempo começaram os casamentos entre russos e poloneses, russos e alemães, russos e brasileiros. Zabolotsky (2007, p.47) contou que no início, com a chegada de colonos alemães, houve um certo estranhamento pelas divergências de costumes, até algum antagonismo nas formas de produzir. Com o tempo isso foi mudando, estabeleceu-se um clima de ajuda mútua e inclusive uma “miscigenação” com outras etnias, além dos alemães, também os poloneses, italianos e com as demais em menor número. Seu pai

que veio da Sibéria com dois anos casou-se com uma brasileira, filha de imigrantes poloneses. José Demétrio Budzinski, austríaco, encarregado da Região Campina, veio da Europa casado com Dona Eudóquia, russa. Muitos vieram de regiões bastante pluriétnicas, como os russos-alemães e russos-poloneses, além daqueles que já haviam se deslocado dentro da Rússia para colonizar a Sibéria, portanto já estariam habituados a um ambiente de grande diversidade étnica e cultural.

Mas, com certeza, houve algum conflito. Queirós (2008), que focou seus estudos no governo do Partido Republicano Rio Grandense (PRR) e a questão social durante o período de 1895 a 1919, trouxe o quanto essa administração procurou encobrir conflitos no Estado. Entre os objetivos do governo do PRR no poder estava “a tentativa de generalizar uma harmonia social que buscasse obscurecer a existência de conflitos sociais na sociedade gaúcha” (Queirós, 2008, p. 78-79). Fizemos uma busca pelo termo “russo” no jornal *A Federação* e o único fato de conflito registrado foi a chegada dos poloneses e judeus russos nas grandes levas do período da febre brasileira (*A Federação*, edição 158, 1891). No entanto, no cadastro da colônia Guarani há algumas informações sobre um assassinato envolvendo imigrantes russos e um imigrante alemão.

Osip Moskalkoff e Josef Meslenski estariam envolvidos no assassinato de Josef Klein, carroceiro. Moskalkoff teria chegado em 01/10/1913 aos 26 anos com a mulher e dois filhos, estabelecido na linha Nickel, lote 101 e Meslenski teria chegado em 19/10/1913 aos 30 anos com a mulher e dois filhos, estabelecido na linha Dona Heloisa, lote 45. No campo observação do cadastro dos dois consta “assassino do carroceiro Josef Klein”. Há também uma informação diferente no registro de Walenin Sihicko, russo, chegado em 01/10/1913 na linha Dona Heloisa, lote 44: “Josef Klein carroceiro, provável vítima de assassinato” (AHRs, 2004, p. 202). Não fica claro se Sihicko estava envolvido no assassinato ou se foi uma testemunha. Não localizamos registros desse evento entre os documentos sobre casos policiais de Santo Ângelo, município ao qual pertencia a Região Campina na época<sup>61</sup>. A família Moskalkoff veio em grande número e comprou vários lotes. Zabolotsky (2007, p. 45) coloca Demétrio Moskalkoff, provável irmão de Osip, como um dos “colonos mais destacados da época”, quando descreve as atividades econômicas dos imigrantes. Quanto a Josef Klein, encontramos dois imigrantes com esse nome na colônia: um alemão-russo com a família, chegado em 18/01/1909, com 46 anos (AHRs, 2004, p. 67) e um alemão sozinho chegado em

---

<sup>61</sup> Correspondência da Chefatura de Polícia de Santo Ângelo. Porto Alegre. 1916-1924 (AHRs).

26/04/1912, 28 anos, estabelecido na linha Nickel, lote 18 (AHRS, 2004, p.145). No entanto, em nenhum dos dois aparece comentários sobre o assassinato. A questão dos relacionamentos e conflitos segue aberta como oportunidade de pesquisa.

Sobre o contato dos russos com os brasileiros autóctones, os indígenas no noroeste do Estado, Zabolotsky (2007, p. 36) apresentou uma foto dos “imigrantes com índios guaranis no início da colonização, em 1912”. Conseguimos localizar registros dessa “visita indígena”, conforme relato:

Vindos do Paraguai, estabeleceram-se ultimamente em Santo Christo, no município de Santo Ângelo, conforme informações do chefe da colônia Guarani, 12 famílias de índios, com 69 pessoas, sob a direção do cacique Florêncio Vinites (SOP, 1912, p.151).

O encarregado contabilizou-os como habitantes da colônia Guarani: “No número inclui um pequeno toldo de índios, vindo do Paraguai, capitaneados pelo cacique Florêncio Venites, que se arrancharam em Santo Christo” (SOP, 1912, p. 136).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos esse trabalho com o objetivo de pesquisar registros da presença de imigrantes russos no Rio Grande do Sul, no período de 1890 a 1914, uma vez que tratava-se de uma corrente migratória pouco estudada e pouco visível. Para tal, utilizamos principalmente fontes do AHRS e depoimentos de imigrantes e descendentes, além de cotejamento com trabalhos dentro da mesma área de estudo. Deparamo-nos com a complexidade de analisar imigrantes que provinham de um ambiente multinacional e multiétnico, o Império Russo. A partir de historiadores especialistas em história da Rússia, entendemos as motivações políticas, econômicas e sociais que levaram os russos a vir para o Brasil nesse período: judeus reprimidos e perseguidos por uma política czarista discriminatória; camponeses atrás de terras e melhores condições de vida, como os que vieram da Sibéria; ou como os camponeses poloneses e alemães que estavam no território sob domínio do Império Russo, que além das terras, não queriam se submeter ao processo de russificação, entre outros.

As estatísticas oficiais apontam cerca de vinte e seis mil russos chegando ao Estado nesse período (1890 a 1914). Identificamos que eles eram massivamente agricultores, não católicos, que traziam junto seus familiares. Procuramos na sequência entender quem foi identificado como “russo”, quem foi contabilizado nesta categoria. Enfrentamos problemas similares aos de outros historiadores que tiveram que lidar com os números referentes às imigrações. Através dos relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas não foi possível encontrar como era elaborado o mapa estatístico. Nos documentos dos arquivos, dos navios, por exemplo, um indivíduo era classificado ora como russo, ora como polonês, ora como russo-polonês.

A partir do conceito de etnicidade e da identificação dos indivíduos provenientes do Império Russo como russos étnicos ou russos periféricos, fomos atrás de registros que nos ajudassem a entender quem eram esses russos das estatísticas. Mergulhando em detalhes de cadastros de colônias, lista de passageiros de navios, listas de envio de cartas para familiares na Europa, pudemos visualizar parcialmente como se compuseram as levas de imigrantes dos períodos de 1890 a 1896 e de 1908 a 1914. Os imigrantes chegados entre 1890 e 1896 podemos supor que eram russos periféricos, principalmente das etnias alemã e polonesa. Não nos deparamos com registros sobre os

letos, mas através de outras fontes soubemos da sua chegada no mesmo período. Muitos deles localizaram-se inicialmente nas colônias da serra (Alfredo Chaves, Caxias, Nova Trento, São Marcos, Bento Gonçalves), alguns foram para Silveira Martins, Jaguari, uns poucos para Rio Grande e Porto Alegre.

Nas levas de 1908 a 1914 chegaram cerca de 17.428 imigrantes russos e concentram-se no noroeste do estado, principalmente nas colônias Guarani, Erechim e Ijuí. Neste período vieram tanto russos periféricos como étnicos. Não encontramos documentos gerados pelos próprios imigrantes, de forma que não há uma autodeclaração ou auto referência nos arquivos. Ao concluirmos que havia russos étnicos, o fazemos utilizando indicações de procedência nos registros e também através dos depoimentos de imigrantes e descendentes oriundos das fontes secundárias. Esse enquadramento nos ajuda a entender porque as estatísticas apontam um número alto de “russos” e hoje a representatividade étnica se apresenta restrita e concentrada na região da atual cidade de Campina das Missões. Foram para os lotes da Região Campina que muitos deles se dirigiram. Tomando como referência os mapas estatísticos da Diretoria de Terras e Colonização, 9.930 russos deram entrada na Colônia Guarani, porém em outro documento, o cadastro de povoamento da colônia, onde há o detalhamento de cada indivíduo e sua família, esse número cai para 2.329. Os demais imigrantes que perfazem o total citado, passaram a contar em subcategorias que aparentemente melhor os representavam na época: alemão-russo, polonês-russo, russo-alemão-polonês. Outro ponto a ser melhor esclarecido é referente a saída dos imigrantes russos do Estado. Não achamos estatísticas ou relatórios sobre os que voltaram para o Império Russo, ou os que foram para outros estados do Brasil ou mesmo outros países. Há algumas menções de evasão para a Argentina nos relatórios e de retorno à origem em alguns depoimentos.

Dependendo do que se quer analisar, os números das estatísticas podem nos levar a conclusões equivocadas ou pelo menos dúbias. Talvez, e não tenho como afirmar com absoluta certeza, o número dos mapas estatísticos poderia se aproximar mais da informação do “total de súditos do Império Russo” que imigraram para o Brasil. Para nosso estudo, o número de russos assinalado em cada local, nos ajudou a direcionar a pesquisa nos Fundos de Terras e Colonização e da Secretaria de Obras Públicas hoje recolhidos no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, cujo acervo é bastante amplo. A partir dos registros encontrados pudemos entender o impacto da entrada dos imigrantes russos que: 1) ocuparam navios, hospedarias, barracões e passaram trabalho à espera de

serem encaminhados aos lotes coloniais; 2) demandaram intérpretes que falassem sua língua, que traduzisse rótulos e receitas de medicamentos; 3) trabalharam nas estradas, na derrubada de mato, no transporte como carroceiros e no comércio; 4) dedicaram-se às várias culturas agrícolas, incluindo o trigo e a vinha, também produzindo a vodka de cana de açúcar; 4) enfrentaram doenças e a falta de médicos, além de dificuldades na lavoura; 5) construíram escolas e igrejas, além de um cemitério da religião ortodoxa.

Concluindo, entendemos que esse trabalho é apenas um começo de estudo da história da imigração russa para o Rio Grande do Sul. A questão da identificação da composição étnica de indivíduos provenientes do antigo Império Russo é bastante complexa e existem várias oportunidades a serem exploradas a partir de outras fontes, diferentes das que foram utilizadas. Através dos registros da Igreja Ortodoxa Russa, de jornais locais, de entrevistas com outros descendentes espalhados pelo Estado acreditamos que poderíamos colher mais subsídios para enriquecer esse trabalho. Ainda há oportunidades de pesquisa no próprio acervo do AHRS, nem todos documentos das colônias foram analisados. No entanto, esperamos ter contribuído de alguma forma na inclusão dos russos no campo de estudos da imigração no Estado.

**FONTES:**

AMBROZ, Adolpho. Carta de justificativa de despesas manuscrita pelo responsável pela Farmácia Guarany ao encarregado da Colônia. 09 de maio de 1910. (SOP, Cx. 51, M. 110, doc. 1427).

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Alfredo Chaves e seus Imigrantes:1888-1892. Porto Alegre: EST Edições, 1995.

\_\_\_\_\_. Povoadores da Colônia Guarani (1891-1922). Porto Alegre: EST Edições, 2004.

BONORINO, Luís Carlos. Carta resposta (três páginas) do médico Luís Carlos Bonorino à ofício encaminhado por Clarimundo de Almeida Santos, colônia Guarani (AHRs , SOP, Cx. 52, M. 111, documento 1427).

Chefatura de Polícia de Santo Ângelo. Correspondências. Porto Alegre. 1916-1924 (AHRs).

[COLÔNIA ALFREDO CHAVES]. Registro de Imigrantes. 1888-1892. (AHRs, DTC, SA 071)

\_\_\_\_\_. Relação das pessoas que desejam reunir-se a seus parentes na colônia Alfredo Chaves. 1891. (AHRs, SOP, Cx. 25A).

[COLÔNIA GUARANI]. Folha para o pagamento do pessoal jornalheiro dessa comissão que foram efetivos nos seus cargos durante o mês de julho de 1910. (SOP, Cx. 53, M. 113, doc. 1424).

\_\_\_\_\_. Folha para pagamento dos trabalhadores empregados na construção da estrada do Uruguai durante o mês de julho de 1910. (AHRs, SOP, Cx. 52, M. 110).

\_\_\_\_\_. Relação dos imigrantes que chegaram a esta colônia com febre adquirida no Estado do Amazonas. 06 de junho de 1910 (AHRs, SOP, Cx. 52, M. 111, n.566).

\_\_\_\_\_. Registro de entrada de imigrantes. 1891-1922 (AHRs - DTC, C-527).

\_\_\_\_\_. Registro de lotes e títulos definitivos - Região Comandai. 1906-1920 (AHRs, DTC, SA264).

\_\_\_\_\_. Registro de lotes e títulos definitivos - Região Campina. 1912-1920 (AHRs, DTC, SA266).

[COLÔNIA JAGUARI]. Relação nominal de cartas de imigrantes desta colônia dirigidas a compatriotas seus na Europa, convidando-os a migrarem para o Brasil. 1891. (AHRs, SOP, Cx. 25A).

[CONSULADO RUSSO] Ofício 24 de 27 de maio de 1893 de Luiz Lara de F. Palmeira, vice-cônsul russo, dirigido ao chefe de polícia do Estado. Recorte do jornal L'italiano de abril de 1893. (AHRs, CN-23)

[DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO]. Correspondência ao Secretário de Obras Públicas sobre o fechamento da farmácia Comandahy na Colônia Guarani. 28/06/1910 (AHRs, SOP, Cx. 52, M. 111, documento 491).

[DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO]. Movimentação de Imigrantes para as Colônias. 1892. (AHRS, DTC, SA080)

\_\_\_\_\_. Movimentação de Imigrantes para as colônias. 1900-1901 (AHRS, DTC, SA077).

\_\_\_\_\_. Movimentação de Imigrantes para as colônias. 1902 (AHRS, DTC, SA078).

\_\_\_\_\_. Movimentação de Imigrantes para as colônias. 1907-1908 (AHRS, DTC, SA079).

\_\_\_\_\_. Movimentação de Imigrantes para as colônias. 1909 (AHRS, DTC, SA082).

DIRECTORIA GERAL DO SERVIÇO DE POVOAMENTO. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Aachen. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Aachen para o Rio de Janeiro. Viagens de 12 de março de 1909; 07 de junho de 1909 e 09 de outubro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Bonn. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Bonn para o Rio de Janeiro. Viagens de 28/03/1909; 05 de agosto de 1909 e 24 de outubro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Coblenz. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Coblenz para o Rio de Janeiro. Viagem de 13/02/1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Crefeld. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Crefeld para o Rio de Janeiro. Viagens de 01 de janeiro de 1909; 10 de abril de 1909; 26 de setembro de 1909 e 17 de dezembro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Erlangen. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Erlangen para o Rio de Janeiro. Viagens de 30 de janeiro de 1909; 22 de abril de 1909; 17 de setembro de 1909 e 07 de novembro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Halle. Lista dos passageiros transportados pela Internationale See-Transport por conta do governo dos Estados Unidos do Brasil no vapor Halle para o Rio de Janeiro. Viagens: 17 de janeiro de 1909, 09 de maio de 1909; 19 de agosto de 1909 e 22 de novembro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Mainz. Viagem: 02 de setembro de 1909.

\_\_\_\_\_. Escriptorio Imigração. Norddeutscher Lloyd, Bremen. Relação dos passageiros que conduz o vapor alemão Würzburg. Viagens: 26 de fevereiro de 1909; 21 de junho de 1909; 14 de setembro de 1909 e 09 de dezembro de 1909.

ESCRITORIO DE IMIGRAÇÃO. Relatório de Arthur Ferreira, intérprete de 1ª. classe, ao encarregado do escritório informando a quantidade de imigrantes subsidiados e suas procedências chegados no vapor König Friedrich August. 29.05.1911 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.12663).

IBGE. Anuário 1948. Movimento da População.

INSPECTORIA GERAL DAS TERRAS E COLONIZAÇÃO. Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio Grande do Sul o barco Argentina entrado a 16 de fevereiro de 1877 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.292).

\_\_\_\_\_. Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio Grande do Sul o barco Buenos Aires entrado a 01 de fevereiro de 1877 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.272).

\_\_\_\_\_. Relação de pessoas que conduz de Hamburg para o Rio de Janeiro o barco Montevideu entrado a 03 de março de 1877 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.307).

MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Gênese da Colônia Jaguari**. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2000.

PESTANA, Augusto. Memorandum número 54 de Augusto Pestana, encarregado da Colônia Ijuí ao Diretor de Terras e Colonização em 21 de junho de 1910 (AHRS, SOP, Cx. 51, M. 110, doc. 591, 5 páginas).

REPARTIÇÃO CENTRAL DAS TERRAS E COLONIZAÇÃO. Movimento. Relação dos Passageiros do Vapor Baltimore chegado em 21/08/1890 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.4189).

\_\_\_\_\_. Movimento. Relação dos Passageiros do Vapor Köln chegado em 08/10/1890 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.4216).

\_\_\_\_\_. Movimento. Relação dos Passageiros do Vapor Kronprinz Friedrich Wilhelm chegado em 17/12/1890 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.4315).

\_\_\_\_\_. Movimento. Relação dos passageiros do Vapor Meain chegado em 19/09/1890 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.4204).

\_\_\_\_\_. Movimento. Relação dos Passageiros do Vapor Stuttgart chegado em 29/10/1890 (SIAN, DPMAF, BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.4244).

SANTOS, Clarimundo de Almeida. Ligeiras Considerações sobre a Colônia Guarany. 10 de abril de 1897 (AHRS, SOP, Cx. 25A).

SANTOS JUNIOR, Clarimundo de Almeida. Carta de justificativa manuscrita pelo proprietário da farmácia Comandhay, sobre as despesas realizadas. 20 de junho de 1910 (AHRS, SOP, Cx. 52, M. 111, página 585).

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS. Escriptório da Comissão de Terras da Colônia Guarani. Relação dos imigrantes que chegaram a essa Colônia com febre adquirida no Estado do Amazonas. 06 de junho de 1910 (AHRS, SOP, Cx. 51, M. 111).

\_\_\_\_\_. Relatório da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas apresentado ao Exmo. Snr. <Nome> Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Secretário D'Estado <Nome>. 1890-1917 (AHRS, SOP).

SEVERIANO DE SOUZA ALMEIDA. Correspondência trocada entre Severiano de Almeida, encarregado da Colônia Erechim e o Diretor de Terras e Colonização entre outubro e dezembro de 1910 (AHRS, SOP, Cx. 51, M. 110, documentos: 856, 856A, 879, 879A, 982A, 1062 e 1062A).

#### Documentário:

NADIEJDA (надежда) – Série sobre o centenário da imigração russa no Rio Grande do Sul em quatro partes. Produzido pelo Grupo RBS em Campina das Missões e Santa Rosa em 2009. Jornalista: Lisiane Sackis. Cinegrafista: Cezar Silva.

- I. Chegada dos imigrantes: <https://www.youtube.com/watch?v=mJvW6iHkvEg>
- II. Religiosidade: <https://www.youtube.com/watch?v=3YKIwj5NtO4>
- III. Lembranças: <https://www.youtube.com/watch?v=SNK8ouBtu0>
- IV. Gastronomia e cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=v7au83OZT9o>

#### Jornais:

A FEDERAÇÃO. Edição 158, Ano 1891, 10 de janeiro. (Hemeroteca da Biblioteca Nacional).

\_\_\_\_\_. Edição 97, Ano 1932, 28 de abril. (Hemeroteca da Biblioteca Nacional)

ZERO HORA. Os russos do Rio Grande, reportagem de LUCCHESE, Alexandre. Sábado e domingo, 12 e 13 de maio de 2018.

#### Leis:

Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **Decreto Lei 15.649 de 11 de junho de 2021.** Declara Campina das Missões Berço da Cultura Russa: [https://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.asp?Hid\\_Tipo=TEXT0&Hid\\_TodasNormas=71774&hTexto=&Hid\\_IDNorma=71774](https://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.asp?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=71774&hTexto=&Hid_IDNorma=71774) acesso em 03/03/2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História In: PINSK, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. Editora Contexto. p.155-202

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX : visões do paraíso e do inferno**. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa. Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

CAMPINA DAS MISSÕES, Prefeitura Municipal. **Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos**, 2010. Disponível em: [https://www.campinadasmissoes.rs.gov.br/Arquivos/670/Conte%C3%BAdos/1616/PMGIRS\\_14\\_01\\_2014\\_Final%201\\_291J.pdf](https://www.campinadasmissoes.rs.gov.br/Arquivos/670/Conte%C3%BAdos/1616/PMGIRS_14_01_2014_Final%201_291J.pdf)

CÂNDIDO, Luciana de Fátima. **Expedição Langsdorff: a [re] construção do conhecimento através dos relatos de viagens**. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Acesso ao site em 08/06/2018 as 14:20 hs: <https://www.bbm.usp.br/node/80>

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. "Introdução: Os lugares do historiador-divulgador". In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (Org.). **História Pública e divulgação científica**. São Paulo: Letras e Voz, 2019.

CNN Brasil: **Guerra na Ucrânia chega ao sétimo dia**: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-na-ucrania-chega-ao-setimo-dia-veja-10-imagens-que-marcam-invasao-russa/> acessado em 03/03/2022.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Volume I e II. Porto Alegre: Editora Globo, 1922.

CUNHA, Jorge Luiz da. Imigração e colonização alemã In: **República Velha 1889-1930**. Tomo 1. Passo Fundo: Méritos Editora, 2007. p.279-300

DUCATTI NETO, Antônio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1986.

FAERMANN, Martha Parglender. **A Promessa Cumprida**: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebang). Porto Alegre: Metrópole, 1990.

FAUSTO, Bóris (org). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000.

FENTON, S. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004 (Cap. 4)

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização Polonesa In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-Grandense**.V. 5 Imigração . Porto Alegre: Sulina, 1958.

GERTZ, René E. Existem teuto-russos no Brasil. In: Martin N. Dreher (org.). **Migrações: mobilidade social e espacial**. São Leopoldo: OIKOS, 2010.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1997.

GUIMARAENS, Rafael. **Tragédia da Rua da Praia**. Porto Alegre: Libretos, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

IOTTI, Luiza Horn, org. **Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS - Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

LAROUSSE Encyclopédie. Carte de la formation de L'Empire Russe (1689-1900). France: [https://www.larousse.fr/encyclopedie/images/La\\_formation\\_de\\_LEmpire\\_russe/1011289](https://www.larousse.fr/encyclopedie/images/La_formation_de_LEmpire_russe/1011289) acesso em outubro/2022.

KRAMER, Alfredo Epitásio. **Campina das Missões: História e histórias**. Santa Rosa, RS: Edição do Autor, 2019.

KRAVCZYK, Mariane Virginia. **POLFEST: A construção da identidade polonesa em Guarani das Missões – RS**. Porto Alegre, 2013. TCC Bacharelado em Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

KUROPATCHENCO, Anastacia. Notícias de Krasnodar (Новоти Краснодара). Jornal on-line, matéria de 18/01/2016: **Ataman, empresário, padre (Атаман, бизнесмен, священник)**. Disponível em: <http://krasnodar-news.net/society/2016/01/18/113518.html>

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

LINCK, Rev. Frederico. Imigração Letoniana In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-Grandense**. V. 5 Imigração . Porto Alegre: Sulina, 1958.

MONTEFIORE, Simon Sebag. **Os Romanov (1613-1918)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história: **História e Cultura**, São Paulo, n. 10, 1993.

PADRÓS, Enrique Serra. **História Contemporânea Século XX: Imperialismo, Movimentos de Libertação Nacional e Primeira Guerra Mundial**. In: UFRGS: IFCH - Departamento de História, 2019/2

PETRONE, Maria Thereza S. **O imigrante e a pequena propriedade**. Brasília: Ed.Brasiliense, 1984.

POLANCZYK, Antonio José. **O imigrante polonês e a Colônia Guarani**. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

POUTIGNAT, P., STREIFF FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

QUEIRÓS, César A. Bulboz. A questão social no Rio Grande do Sul: Positivismo, Borgismo e a incorporação do Proletariado à sociedade moderna. **Antíteses**. Londrina, v.1.n.1, p. 65-94, 2008.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RODRIGUES, Edgar. A Comunidade livre de Erebangó: imigrantes libertários russos no sul do Brasil. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil**: memórias, lutas, cultura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 29-37.

RODRIGUES, Edgar. **O homem e a terra no Brasil**. Rio de Janeiro: CC & P Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os libertários: idéias e experiências anárquicas**. Petrópolis: Vozes, 1988.

RÜCKERT, Aldomar A. **A Trajetória da Terra**. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

RUSEISHVILI, Svetlana **Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917**. São Paulo, 2016. 383 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muito significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.) **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

\_\_\_\_\_. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

SEGRILLO, Angelo. **Os russos**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)**. Porto Alegre, 1996. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 1996. [CENTRAL/PUCRS].

SIMONETTI, Fernanda. **Imigração Russo-Alemã em Silveira Martins/RS Século XIX**. Especialização em História do Brasil. UFSM, Santa Maria, 2008.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; 1976.

THOMÉ, Lauro Nelson Fornari. **A Colônia do Guaporé: passado e presente (1892-1967)**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

VOROBIEFF, Alexandre. **Identidade e Memória da comunidade russa na cidade de São Paulo**. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí In MAUCH, Cláudia (org.) **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: ED. ULBRA, 2004.

WEBER, Regina & WENCZENOVICZ, Thais J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. **História Unisinos**. Janeiro/Abril 2012.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. “A imigração polonesa” In: **História Geral do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2007, Vol. 3, Tomo I (República), p 419-439.

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos Peraus do Rio das Antas**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; 1976.

ZABOLOTSKY, Jacinto Anatólio. **Imigrantes russos no Rio Grande do Sul: o caminho da esperança**. Santa Rosa, Coli Gráfica e Editora Ltda, 2007.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

## ANEXO A - ENTRADA DE IMIGRANTES - IBGE 1948.

## SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA

49

MOVIMENTO DA POPULAÇÃO  
II — IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO

## 4. IMIGRANTES ENTRADOS, SEGUNDO AS PRINCIPAIS NACIONALIDADES — 1884/945

ANOS	IMIGRANTES ENTRADOS							Total
	Alemães	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portuguêses	Russos	Outros	
1884.....	1 719	710	10 502	—	8 683	457	1 503	23 574
1885.....	2 848	952	21 765	—	7 611	275	1 273	34 724
1886.....	2 114	1 617	20 430	—	6 287	146	2 056	32 650
1887.....	1 147	1 766	40 157	—	10 205	197	1 460	54 932
1888.....	782	4 736	104 353	—	18 289	259	3 651	132 070
1889.....	1 903	9 712	36 124	—	15 240	—	2 186	65 165
1890.....	4 812	12 008	31 275	—	25 174	27 125	6 425	106 819
1891.....	5 285	22 146	132 326	—	32 349	11 817	11 316	215 239
1892.....	800	10 471	55 049	—	17 797	158	1 631	85 906
1893.....	1 368	38 998	58 552	—	28 986	155	4 530	132 589
1894.....	790	5 986	34 872	—	17 041	57	1 436	60 182
1895.....	973	17 641	97 344	—	36 055	275	12 543	164 831
1896.....	1 070	24 154	96 505	—	22 299	592	12 803	157 423
1897.....	930	19 466	104 510	—	13 558	567	5 835	144 866
1898.....	535	8 024	49 086	—	15 105	258	3 854	76 862
1899.....	521	5 399	30 846	—	10 989	412	5 443	53 610
1900.....	217	4 834	19 671	—	8 250	147	4 688	37 807
1901.....	166	212	59 869	—	11 261	99	11 509	83 116
1902.....	265	3 588	32 111	—	11 606	108	2 794	50 472
1903.....	1 231	4 466	12 970	—	11 378	371	2 525	32 941
1904.....	797	10 046	12 857	—	17 318	287	3 401	44 706
1905.....	650	25 329	17 360	—	20 181	996	3 972	68 488
1906.....	1 333	24 441	20 777	—	21 706	751	3 324	72 332
1907.....	845	9 235	18 238	—	25 681	703	3 217	57 919
1908.....	2 931	14 862	13 873	830	37 628	5 781	14 031	90 536
1909.....	5 413	16 219	13 668	31	30 577	5 663	12 519	84 090
1910.....	3 902	20 843	14 163	948	30 857	2 462	13 576	86 751
1911.....	4 251	27 141	22 914	28	47 493	14 013	17 735	133 575
1912.....	5 733	35 492	31 785	2 909	76 530	9 193	16 245	177 887
1913.....	8 004	41 064	30 886	7 122	76 701	8 251	18 305	190 333
1914.....	2 811	18 945	15 542	3 675	27 935	2 958	7 366	79 232
1915.....	169	5 895	5 779	65	15 118	640	2 667	30 333
1916.....	364	10 306	5 340	165	11 981	616	2 473	31 245
1917.....	201	11 113	5 478	3 899	6 817	644	2 125	30 277
1918.....	1	4 225	1 050	5 599	7 981	181	756	19 793
1919.....	466	6 627	5 231	3 022	17 068	330	3 283	36 027
1920.....	4 120	9 136	10 005	1 013	33 883	245	10 640	69 042
1921.....	7 915	9 523	10 779	840	19 981	1 526	7 912	58 476
1922.....	5 038	8 869	11 277	1 225	28 622	279	9 697	65 007
1923.....	8 254	10 140	15 839	895	31 866	777	16 778	84 549
1924.....	22 168	7 238	13 844	2 673	23 267	559	26 303	96 052
1925.....	7 175	10 062	9 846	6 330	21 508	756	26 870	82 547
1926.....	7 674	8 892	11 977	8 407	38 791	751	42 194	118 686
1927.....	4 878	9 070	12 487	9 084	31 236	616	30 603	97 974
1928.....	4 228	4 436	5 493	11 169	33 882	823	18 097	78 128
1929.....	4 351	4 565	5 288	16 648	38 879	839	25 616	96 186
1930.....	4 180	3 218	4 253	14 076	18 740	2 699	15 444	62 610
1931.....	2 621	1 784	2 914	5 632	8 152	370	5 992	27 465
1932.....	2 273	1 447	2 155	11 678	8 499	461	4 981	31 494
1933.....	2 180	1 693	1 920	24 494	10 695	79	5 020	46 081
1934.....	3 629	1 429	2 507	21 930	8 732	114	7 686	46 027
1935.....	2 423	1 206	2 127	9 611	9 327	29	4 862	29 585
1936.....	1 226	355	462	3 306	4 626	19	2 779	12 773
1937.....	4 642	1 150	2 946	4 557	11 417	52	9 913	34 677
1938.....	2 348	290	1 882	2 524	7 435	19	4 890	19 388
1939.....	1 975	174	1 004	1 414	15 120	2	2 979	22 668
1940.....	1 155	409	411	1 268	11 737	17	3 452	18 449
1941.....	453	125	89	1 548	5 777	23	1 923	9 938
1942.....	9	37	3	—	1 317	—	1 059	2 425
1943.....	2	9	1	—	146	—	1 150	1 308
1944.....	—	30	3	—	419	20	1 121	1 593
1945.....	22	74	180	—	1 414	2	1 476	3 168

FONTE — Departamento Nacional de Imigração.

### ANEXO B - RELAÇÃO DE VAPORES

Data Chegada	Vapor	Referência no SIAN
01/01/1909	Crefeld (RV 133)	BR ANDIO OL.0.RPV, PRJ.10975
17/01/1909	Paquete Halle	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11004
30/01/1909	Erlangen (RV 133)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11029
13/02/1909	Paquete Coblenz	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11052
26/02/1909	Wurzburg (RV 134)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11077
12/03/1909	Aachen (RV 135)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11099
28/03/1909	Bonn (RV 136)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11127
10/04/1909	Crefeld (RV 136)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11155
22/04/1909	Erlangen (RV 136)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11182
09/05/1909	Halle (RV 137)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11210
07/06/1909	Aachen (RV 138)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11266
21/06/1909	Wurzburg (RV 138)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11288
17/07/1909	Erlangen (RV 138)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11339
05/08/1909	Bonn (RV 139)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11371
19/08/1909	Halle (RV 139)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11398
02/09/1909	Mainz (RV 139)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11421
14/09/1909	Wurzburg (RV 139)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11443
26/09/1909	Crefeld (RV 139)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11466
09/10/1909	Aachen (RV 140)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11489
24/10/1909	Bonn (RV 140)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11520
07/11/1909	Erlangen (RV 141)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11547
22/11/1909	Halle (RV 141)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11575
09/12/1909	Wurzburg (RV 142)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11611
17/12/1909	Crefeld (RV 142)	BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.11625

Fonte: Informações compiladas a partir das listas de vapores chegados ao Rio de Janeiro entre 1875 e 1964 disponibilizadas pelo Arquivo Nacional através do SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Fundo de Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras (em <https://imigracao.duobox.com.br/> acessado em 25/02/2022).